Henry Thoreau

Desobedecendo

a desobediência civil & outros escritos

apresentação

Fernando Gabeira

tradução e introdução

José Augusto Drummond

Rio de Janeiro — 1984

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Copyright © 1984 *by* Editora Rocco

Classif. 814.3
Autor T391d
V. Ex.
Tombo BC/ 15966
EFCH/37033

Capa
CLÁUDIO MESQUITA

revisão
LÚCIA MOUSINHO
WILSON DE JESUS

Direitos desta edição reservados à EDITORA ROCCO LTDA.
R. Visconde de Pirajá, 414 — Gr. 1405
CEP 22410 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: 287-1493
Printed in Brazil/Impresso no Brasil

CM-00085019-3

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

T411d Thoreau, Henry David, 1817-1862.
Desobedecendo : Desobediência civil e outros escritos / Henry David Thoreau ; tradução e organização de José Augusto Drummond. — Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

Biobibliografia do autor

1. Individualismo 2. Thoreau, Henry David, 1817-1862 — Filosofia I. Título II. Título: Desobediência civil

84-0588 CDD - 141.4
CDU - 17.035.1

Índice

Apresentação 7
Fernando Gabeira

Introdução — Henry David Thoreau, homem de várias épocas 11
José Augusto Drummond

A desobediência civil 27

A vida sem princípio 56

Caminhando 81

A escravidão em Massachusetts 119

Uma semana nos rios Concord e Merrimack 138

Bibliografia 167

Apresentação

Fernando Gabeira

DE UM MODO geral, quem apresenta um pensador estrangeiro deve ser uma pessoa que conheça bem sua obra, já tenha traduzido uma parte dela, e, se possível, colecione até algumas cartas do autor. Não é o meu caso. Thoreau morreu antes que eu nascesse e não sou um especialista em sua vida.

Há dois anos, assumi o compromisso com o tradutor deste livro, professor que dedicou anos de sua vida à leitura e pesquisa de Thoreau, a buscar junto com ele um caminho para difundir a obra do pensador revolucionário no Brasil.

Nessa época, conhecia sobre Thoreau o que quase todas as pessoas informadas conhecem: foi quem influenciou Gandhi, provocando, a partir de 1908, aproximadamente, um novo impulso na luta pelos direitos dos indianos na África do Sul. Essa influência é um lugar comum nos artigos sobre Thoreau. O próprio Gandhi, numa carta a Henry S. Salt, reconheceu que o ensaio A desobediência civil *teve uma enorme repercussão sobre suas convicções, e afirmou:*

— *"Transcrevi uma parte de* A desobediência civil *para os leitores do* Indian Opinion *(jornal de Gandhi) na África do Sul e publiquei longos trechos na seção inglesa do jornal. Esse ensaio me pareceu tão convincente e verdadeiro que senti a necessidade de saber mais a respeito de Thoreau, acompanhando sua vida, travando contato com seu* Walden e outros ensaios, *que li com muito prazer e retirando dele muitos benefícios."*

O homem que inspirou a famosa Satyagraha *de Gandhi era um grande pensador da liberdade individual e talvez nunca tenha*

imaginado que seu pensamento pudesse ter tanta utilidade num movimento tão maciço como a luta anticolonial na Índia.

Com o tempo, percebi que o lado mais festejado de Thoreau, sua influência sobre Gandhi, consegue capturar apenas parcialmente a extraordinária importância desse pensador que dizia: se não sou eu mesmo, quem o será por mim? Referência a Thoreau serão encontradas em quase toda a bagagem dos rebeldes modernos e, o que é interessante, num grande número de romancistas em língua inglesa.

Ele era contra o estado e não é acidental que seu mais famoso ensaio, A desobediência civil, *comece assim:*

— "Aceito com entusiasmo o lema 'o melhor governo é o que menos governa' e gostaria que fosse aplicado mais rápida e sistematicamente."

Esta posição revolucionária é na realidade um ponto de convergência com várias outras posições transformadoras de nosso século. Os comunistas diriam, naturalmente, que também pensam na supressão do Estado e que se distinguem pelo fato de projetarem um caminho bastante nítido para superá-lo, distanciando-se dos que ignoram o que fazer para liquidá-lo. Mas os comunistas, todos sabemos, conhecem muito bem o caminho de dissolução do estado mas só fizeram reforçá-lo, onde quer que tenham chegado ao poder.

Em quase todas as suas atividades, Thoreau foi um precursor dos movimentos libertários do século XX. Fez uma rápida incursão na pedagogia e foi logo expulso da escola. O diretor queria que batesse nas crianças. Ele achava um absurdo e defendia com a força de sua certeza a tese de que o aprendizado deve ser feito com alegria e que a violência não predispõe para nenhum tipo de conhecimento.

Em torno dos 30 anos de idade, Thoreau deu um grande salto. No meio do século passado realizou um sonho que foi o mesmo de alguns jovens dos países avançados na década dos 70: ir para o mato, instalar-se junto à natureza, inventar uma nova vida.

Sozinho — era celibatário — com um canivete, um lápis, um caderno e um microscópio, percorria quilômetros e quilômetros. Seu amigo Emerson, dono de muitas terras, comovido com aquela integração homem-natureza, resolveu lhe dar alguns acres

perto da lagoa de Walden, onde Thoreau viveu, escreveu e sonhou.

Hoje, o lugar é uma espécie de santuário para onde acorrem milhares de turistas com suas mochilas, muitos na esperança de passarem um fim de semana à beira do lago e voltarem regenerados para suas envenenadas cidades.

Thoreau não foi apenas um precursor da desobediência civil, da paixão ecológica e de uma pedagogia avançada. Há centenas de outras descobertas em sua vida, caminhos riquíssimos para um País como o Brasil, onde a rebeldia, nesses últimos 20 anos, foi tão necessária e, ao mesmo tempo, tão enfraquecida pelas forças modernas de opressão que atuam sobre a vontade de se rebelar com o objetivo de torná-la supérflua.

Um dos aspectos mais admiráveis de sua vida é que, não só pelo tipo de opção pelo campo, mas também por toda uma visão de mundo, Thoreau desenvolveu-se como artesão, com grande habilidade manual. Essa vontade de vencer ao nível do indivíduo a contradição entre trabalho manual e trabalho intelectual não deixa de ser um prenúncio de um dos movimentos que mais agitaram o século XX: a revolução cultural chinesa.

E como se não bastasse a importância de todas as suas atividades precursoras, Thoreau foi um grande antropólogo, optando nos Estados Unidos pelo apoio aos índios, estudando suas vidas, canoas, flexas. Numa época em que os brancos estavam intoxicados pela idéia do progresso e matavam índios para roubarem suas terras e riquezas, Thoreau entrava sozinho e desarmado nas aldeias. Às vezes, fazia uma viagem de várias semanas para encontrar os índios e ouvir, longamente, seus ensinamentos.

Um homem de tantas virtudes não poderia ficar desconhecido no Brasil. Ele ensina a não se respeitar governos e leis autoritários e leva ao máximo a paixão de ser ele mesmo, apesar de todas as dificuldades que surgiam no caminho de quem ousasse esta autonomia no século passado.

Soube buscar a fundo as determinações interiores, traçando sua trajetória de liberdade individual, sem perder de vista, em momento nenhum, as grandes lutas de sua época. Ergueu-se contra a tirania, solidarizando-se com os mexicanos invadidos pelos norte-americanos, tornando-se o pioneiro na denúncia do imperialismo; denunciou e lutou como pôde contra a escravidão no

interior dos Estados Unidos. Naturalmente que acabaria na cadeia. Viveu intensamente sua experiência de preso político, estudou as cadeias e lamentou que os chamados homens honrados do lugar estivessem dormindo, tranqüilamente, ignorando a existência e o funcionamento de algo tão marcante como a prisão de sua cidade.

Uma pessoa dessas vem para ficar entre nós. Hoje começamos com livro que nos parece básico. Outros virão. Desobediência é uma palavra-chave e Thoreau pode dar alguns fundamentos para os rebeldes que existem e animar os rebeldes em potencial. Para isso deve ser escrito. Para isso o apresentamos.

Introdução
Henry David Thoreau, homem de várias épocas

José Augusto Drummond

1 — Pequeno repertório de Henry David Thoreau

PREFERÊNCIAS: várzeas e pântanos, mitologia grega, flores silvestres, vida ao ar livre, textos sagrados, animais selvagens, auto-suficiência, a marcha para o oeste, poetas ingleses, sua cidade natal, trabalho agrícola, pão integral, ação com base moral, o encontro entre o Oriente e o Ocidente, relatos de viagens, contemplação, pureza de espírito, naturalistas e viajantes, o canto do galo...
Antipatias: políticos profissionais, donos de escravos, exércitos e soldados, guerras, jardins, sedentarismo, o mundo dos negócios, noticiário dos jornais, o "candidato disponível", militância incessante, "espírito prático", "cidadãos respeitáveis", "boas profissões", sistema fabril, maiorias, partidos políticos, obediência automática, fatalismo, pregadores religiosos, "novidades", "bons modos"...

2 — Dados biográficos de um provinciano universal

Henry David Thoreau nasceu na pequena cidade de Concord, estado norte-americano de Massachusetts, em 12 de julho de 1817,

vizinhanças de uma das principais cidades dos Estados Unidos da América, a famosa e próspera Boston. Passou toda sua vida na terra natal — que seria melhor descrita como um vilarejo rural — com exceção dos anos de estudo em Harvard (na vizinha cidade de Cambridge), de uns poucos meses em Staten Island (no também vizinho estado de New York) e de rápidas visitas a regiões próximas. Sua viagem mais extensa ocorreu em 1861: foi ao estado de Minnesota, mas voltou poucos meses depois, para aguardar a morte em Concord. Apesar de todas as restrições que fazia a seus vizinhos e concidadãos — muito criticados em seus textos — e apesar de sua fascinação pela marcha para o Oeste dos EUA, Thoreau parece ter limitado intencionalmente seu raio de ação às cercanias de Concord. Encontrou até oportunidades para elogiar a terra natal e enaltecer o sentimento de apego à terra de origem. Enraizado no interior da Nova Inglaterra no século XIX, Thoreau não foi um provinciano na vida intelectual, literária e filosófica: ao contrário de seu corpo, seu espírito atravessou oceanos, fronteiras e épocas para viver o apogeu de diferentes povos, numa trilha de universalidade espantosa apenas para quem menospreza o alcance dos vôos espirituais. Thoreau fez de seus pés firmemente calcados em Concord a base segura de suas extensas excursões a terras distantes e tempos diversos.

A família Thoreau descendia de huguenotes franceses da cidade de Tours; menos remotamente, vinha da ilha de Jersey, território britânico no Canal da Mancha, onde nasceram seu avô e seu pai. A família materna de Henry David, de sobrenome Dunbar, era de linhagem escocesa e se instalaria na Nova Inglaterra antes da independência dos EUA; sua mãe nascera na América, filha de um pastor escocês da Igreja Congregacional. Famílias de origens tão mistas eram comuns na Nova Inglaterra.

Desde pequeno Thoreau foi estimulado pela mãe e por um tio a exercitar o que acabaria sendo a principal ocupação de sua vida: passeios pelas florestas e campos em torno de Concord. Fez seus estudos básicos no Liceu local e foi admitido na Universidade de Harvard em 1833, aos 16 anos, para cursar o Bacharelado em Artes, equivalente ao que conhecemos como Letras ou Literatura. Thoreau não foi um universitário assíduo ou destacado: arredio, preferia ficar horas a fio na biblioteca perdendo

aulas e lendo obscuros poetas ingelses do século XVI, mitologia grega e história antiga. Apaixonou-se pela Grécia clássica e tomou aulas particulares de grego antigo, que passou a dominar como segunda língua (falada e escrita); aprendeu também francês e alemão. Nas férias escolares teve diversas experiências como professor de línguas.

Foi em Harvard que ele teve o primeiro contato com aquele que seria seu maior amigo e, durante algum tempo, sua única influência clara: Ralph Waldo Emerson (1803-1882), poeta, escritor e conferencista. Emerson já então era líder de uma corrente filosófica e literária bem característica da Nova Inglaterra daqueles tempos: o transcendentalismo. Thoreau leu o importante ensaio de Emerson intitulado Nature (Natureza) *e fica seduzido pelas suas concepções. É particularmente atraído pelo princípio da correspondência entre o espírito humano e a natureza: era preciso saber "ler o grande livro da natureza" para alcançar o autoconhecimento e o pleno desenvolvimento espiritual; era um método de descoberta íntima da verdade pessoal. A doutrina de Emerson, deitando raízes de neoplatonismo, na metafísica alemã e no brahmanismo, estimulou por muitos anos o desenvolvimento intelectual de Thoreau, para quem a natureza era uma querida amiga de infância. Em 1837, Thoreau conheceu pessoalmente Emerson, por ocasião de uma polêmica conferência que este pronunciou em Harvard. Foi o início de uma amizade importante para ambos. Nesse mesmo ano, sem grande destaque acadêmico, Thoreau se forma. O tempo mostraria, no entanto, que ele foi o aluno mais estudioso de sua e de muitas outras turmas.*

Logo que se formou, Thoreau começa a fazer anotações num Diário *que manteria até o fim da vida — hábito que parece ter desenvolvido seguindo o exemplo de Emerson. Thoreau anotava eventos, reflexões, críticas às suas leituras e descobertas naturais; de seu* Diário *nasceram muitas de suas produções literárias futuras: conferências, artigos, relatos de viagem, ensaios etc. Quando morreu, deixou 39 volumes manuscritos desse* Diário. *Sua primeira experiência profissional depois do período em Harvard não poderia ser mais característica: lecionou alguns dias no Liceu de Concord e demitiu-se sumariamente quando o diretor o intimou a empregar a palmatória e a ser menos liberal*

com os alunos. Nunca mais teria um emprego fixo, se é que essa rápida experiência pode ser considerada como tal. Mas isso não quer dizer inatividade: logo em 1838, junto com seu irmão John, Thoreau abriu uma escola particular ali mesmo em Concord; enquanto lecionava latim, grego, francês e matemática, seu irmão se ocupava das ciências naturais. Bem-sucedidos, os irmãos Thoreau introduziram uma prática que se tornou muito popular nas escolas públicas e particulares dos EUA: as excursões de campo (field-trips), *como método de ensino das ciências naturais. Essa escola funcionou regularmente até 1841 e só fechou em virtude da morte de John Thoreau.*

Nesse meio tempo, Thoreau ajudava também nas atividades da empresa de sua família: uma modesta porém renomada fábrica de lápis. Muito habilidoso, Thoreau sabia fazer lápis de ótima qualidade. Thoreau desenvolvera também o hábito de passear diariamente pelos recantos naturais em torno de Concord. Em abril de 1838, ele fez sua estréia como conferencista no Liceu de Concord, de onde se demitira no ano anterior. Foi o início de uma carreira não muito bem-sucedida de conferencista público: além de mau orador, seus temas e suas opiniões sobre vizinhos e conterrâneos não agradavam os ouvidos pacatos e conformistas de um vilarejo da Nova Inglaterra. O jovem Thoreau jamais fez o que nem o Thoreau maduro chegou a fazer: ser popular ou, pelo menos, agradável.

Em agosto-setembro de 1839, Henry e John deram férias a seus alunos e passaram 13 dias viajando de barco pelos rios Concord e Merrimack. Dez anos depois, ao publicar seu primeiro livro, Thoreau lhe deu o título A Week on the Concord and Merrimack Rivers (Uma semana nos rios Concord e Merrimack); *ele de fato cita muitos acontecimentos dessa viagem, mas apenas como moldura para ordenar uma grande variedade de reflexões anotadas nos dez primeiros anos de seu* Diário.

Transtornado com a morte de seu querido irmão John, Thoreau aceitou em 1842 um convite para morar na casa de Emerson, que se mudara para Concord. Ali assumiu, por imposição própria, uma condição curiosa: administrador doméstico e assistente editorial da revista Dial *(que divulgava os textos dos transcendentalistas). Num momento poderia estar cuidando do jardim ou do galinheiro, para no momento seguinte rever originais ou*

redigir um ensaio para a revista. Aproximou-se do chamado Clube Transcendentalista, intelectuais que se reuniam na casa de Emerson e o reconheciam como líder. Esse grupo alcançou bastante importância enquanto corrente filosófica e literária dentro dos EUA. Contribuiu para dar à pequena Concord um movimento cultural que a fazia rivalizar com a enorme Boston; durante algum tempo Concord teve a fama de "Atenas da América". O transcendentalismo de Thoreau é controverso: seu estilo reservado não permitiu uma adesão entusiasmada e, nos anos seguintes, tomou posições diferentes dos transcendentalistas e afastou-se muito de Emerson. Os estudiosos do movimento costumam incluí-lo, mas os biógrafos de Thoreau parecem preferir as suas reservas e restrições aos seguidores de Emerson. O certo é que o estilo militante de "pregação moral" assumido pelo Clube não era o de Thoreau, para quem os "grandes empreendimentos se sustentam por si mesmos", dispensando sermões. A disposição "reformadora" dos transcendentalistas se chocava com o estilo de Thoreau, que oscilou de uma grande indiferença pela aceitação de suas idéias, durante a juventude, a uma linha de persuasão e diálogo mas ainda cheia de afirmações intransigentes, mais característica de sua maturidade. Não há dúvida que seu convívio com os transcendentalistas marca sua produção, principalmente no que diz respeito às influências orientais.

Em 1843-1844, Thoreau foi por alguns meses perceptor de alguns sobrinhos de Emerson residentes em Staten Island, estado de New York. Com exceção dos anos em Harvard, foi o seu maior período longe de Concord. Voltando a Concord e à casa de Emerson, Thoreau estava insatisfeito com a falta de progresso na carreira de escritor. Não conseguia publicar fora de Concord. Nem mesmo a editoria executiva de Dial *e a intimidade com os relativamente famosos transcendentalistas o animavam a insistir pelas vias a seu dispor. Precisava inventar seu próprio caminho e, sem dúvida, conseguiu. Outro teria ido à Europa ou simplesmente sairia pelo mundo. Mas não Thoreau: sua solução foi doméstica. Amadureceu rapidamente um plano que nutria desde 1841, quando um amigo seu passara diversos meses morando numa casa nas florestas de Concord; Thoreau se hospedara diversas vezes com ele e começou a cogitar de uma experiência igual.*

Já estava decidido no início de 1845: queria passar um período morando sozinho numa cabana construída em seu lugar favorito: as margens do lago Walden, localizado nas florestas próximas de Concord. Seu objetivo era o de demonstrar que era possível ter uma vida de pouco trabalho, muita reflexão, leitura e escrita e, é claro, de enorme satisfação. Emerson não apoiou o projeto por considerá-lo prejudicial à carreira literária de seu relutante protegido; mesmo assim cedeu uma terra de sua propriedade na qual Thoreau construiu pessoalmente uma pequena cabana. Thoreau se mudou para lá na simbólica data de 4 de julho (de 1845), aniversário da independência dos EUA; tinha então 27 anos. Só saiu de Walden definitivamente em 6 de setembro de 1847.

Logo nos primeiros dias de sua estadia em Walden, durante uma incursão na vila de Concord, Thoreau foi preso por uma noite pelo não-pagamento de impostos; explicou mais tarde os seus textos, A desobediência civil. *Mas esse foi um fato excepcional nos dois anos, dois meses e dois dias passados em Walden: ali ele preparou os originais de* A week... *desenvolveu seu* Diário, *leu muito, refletiu sobre o significado da vida, recebeu visitas de homens e animais, descreveu plantas, caminhou (passando de vez em quando na vila de Concord), fez seu pão integral, plantou feijão e milho, cozinhou, fez trabalhos manuais, acompanhou as mudanças sofridas pelo lago Walden com a passagem das estações. Foi, como dizem seus biógrafos, o ponto mais alto de sua vida relativamente curta. Das experiências e anotações desses 26 meses compôs sua obra-prima,* Walden, *publicada em 1854. Foi os eu segundo e último livro publicado enquanto esteve vivo. É uma das obras mais originais de toda a literatura ocidental. Felizmente, seu mentor Emerson não conseguiu convencê-lo a não morar em Walden, pois foi justamente ali que Thoreau começou a produzir a sua principal obra literária.*

De Walden Thoreau volta à casa de Emerson: estava amadurecido, um pouco menos exigente com seus semelhantes mas talvez mais severo do que nunca consigo mesmo. Com mais de 30 anos de idade, era solteirão convicto. Volta à casa dos pais em 1849, para não mais sair. Ajudava a fabricar lápis e a administrar a fábrica da família; passeava e escrevia diariamente; dava conferências e participava de atividades abolicionistas. Conseguia combinar essas atividades com curtas viagens a regiões vizinhas, inclusive o Canadá, deixando ótimos relatos de viagem, publicados postumamente. Ajudou na fuga de escravos negros para os estados sem escravidão ou para o Canadá. Chegou até a apoiar os atos violentos de pelo menos um líder abolicionista famoso, John Brown, do qual foi o primeiro defensor entre os próprios abolicionistas. Suas contínuas excursões naturais começaram a ganhar registros mais científicos e sistemáticos; organizou um herbário, fez anotações meteorológicas e planejou uma história das populações indígenas da Nova Inglaterra.

Em 1861, gravemente doente com tuberculose, Thoreau sai em busca de saude e tenta se estabelecer no então fronteiriço estado de Minnesota. Mas a doença não cedeu e ele volta a Concord, para morrer na casa dos pais, cercado pela família e por amigos, em 6 de maio de 1862, aos 44 anos, aparentemente sereno. É quase certo que não tenha considerado o "desespero silencioso" como a principal característica de sua vida, tal como afirmava quando refletia sobre a vida alheia.

Henry David Thoreau é muito cultivado nos EUA e nos países de língua inglesa como escritor de prosa, filósofo, preservacionista e símbolo de um tenaz individualismo. Suas fontes principais foram a antigüidade clássica grega e romana, os textos sagrados de diversos povos, a poesia inglesa e o romantismo europeu. Há os que consideram Thoreau como anarquista individualista. Defende uma vida pessoal baseada em princípios éticos derivados da introspecção, o que implica o elogio da diversidade de concepções e comportamentos. É considerado o principal teórico dos métodos da desobediência civil. Como descritor da natureza, abre uma linhagem de preservacionistas que desemboca diretamente nos modernos militantes e cientistas do movimento ecológico. A sua perspectiva geral é influenciada por princípios retirados diretamente da filosofia de diversos povos orientais.

3 — Caminhos da universalidade

Quero indicar agora os componentes mais fortes de cada um dos 5 textos que selecionei para integrar a presente edição de

Thoreau. Isso me levará a traçar um quadro das preocupações, preferências e fixações de uma mente erudita, polêmica, eclética e excêntrica, de um homem que expressa sua opinião contando com a oposição ou a indiferença dos ouvintes. Apesar das inevitáveis superposições, os 5 textos contêm um leque de temas e opiniões que fazem de Thoreau um clássico, ou seja, um pensador destinado a escapar dos limites de sua paroquial biografia.

A desobediência civil *é o texto mais conhecido de Thoreau; sua fama é mundial. Sua origem, entretanto, não poderia ser mais local: ele quis explicar a seus vizinhos e conhecidos, em conferência pública, os motivos que o levavam a resistir pacificamente a certas leis dos EUA e de Massachusetts; afinal, há vários anos ele não pagava certos impostos — tendo sido preso por isso — denunciava a política externa belicosa do seu país, participava do movimento abolicionista etc. Mas as qualidades intrínsecas do texto permitiram que suas argumentações atravessassem a fronteira de seu condado, de seu estado, de seu país, de sua língua, de sua época e da própria tradição ocidental de pensar e de agir.* A desobediência civil *vem tendo uma longa trajetória, em três grandes surtos de fama. A primeira foi dentro dos próprios EUA, onde Thoreau se integrou numa fértil polêmica doméstica sobre os limites legítimos do governo popular ou democrático, assunto que mobilizava os habitantes da América do Norte desde antes de sua independência e que os mobiliza até hoje. Junto com os individualistas mais radicais, Thoreau só entende como legítima uma organização política que se dobre às manifestações claramente expressas da consciência individual, pelo menos nas questões onde não deva prevalecer um critério artificioso como o da maioria. Se toda pessoa é dotada de uma consciência, Thoreau pergunta: por que deve prevalecer* sempre *a consciência do legislador ou do aplicador da lei? Essa pergunta não fica invalidada pela alegação de que esses homens são representantes de uma maioria eleitoral mais ou menos duradoura, pois a virtude cívica não reside necessariamente nas maiorias. O critério da maioria é o de uma conveniência quantificável, aritmeticamente verificável. A tirania de uma lei não é abrandada por sua origem majoritária. No ato de votar, diz Thoreau, homens virtuosos e inescrupulosos se igualam. Sem negar que as formas republicanas e democráticas de governo são um avanço*

político, Thoreau critica a aplicação indiscriminada do princípio da maioria e defende indivíduos e minorias em estado de rebeldia ética contra padrões políticos majoritariamente instituídos; é precisamente essa rebeldia que lhe parece a fonte primeira de aperfeiçoamento da convivência política. É evidente que isso implica a defesa da diversidade como primado do intercâmbio humano e, mais estritamente, da tolerância à divergência *como regra primeira da convivência política.*

Colocada a questão da virtude superior de quem age de acordo com um critério moral explicitado, podemos especular sobre o que Thoreau tem a dizer sobre os efeitos políticos mais amplos dessa forma de rebeldia política. Thoreau se declara plenamente satisfeito se o estado "deixar em paz" o dissidente, tal como os cobradores de impostos tinham parado de importuná-lo em Concord; a vitória ou a legitimidade da desobediência civil não está, portanto, no seu alcance "demográfico" ou no número físico de pessoas que a pratiquem com sucesso. Para nossos ouvidos (brasileiros) viciados na concepção coletivista de ação política, parece incompleta e ingênua a definição de Thoreau do que seja revolução: quando o súdito nega obediência e quando o funcionário desiste de aplicar a lei ou se demite, está consumada a revolução.

Ora, se o ponto de partida é a integridade de consciência do indivíduo e se o braço do estado — o funcionário — não aplica a lei, o cidadão dissidente é deixado em paz *e prevalece a sua consciência. Nada mais simples. Ele será "menos" governado e mais livre. Do ponto de vista de Thoreau, a desobediência civil não precisa ser praticada por "multidões de homens", exatamente por depender do exercício de virtude que ele não considera características dessas multidões. Um cidadão solitário ou uma minoria renitente são, portanto, os agentes mais prováveis de uma operação bem-sucedida de desobediência civil. Os demais — a multidão — podem continuar a obedecer, solicitar a repressão dos dissidentes ou, ainda, começar a desobedecer. Não há qualquer valor especial no fato de a desobediência civil se transformar num movimento de massas. Thoreau, afinal, era um individualista. Os movimentos de massas têm seus próprios teóricos.*

Juntamente com o filósofo alemão Max Stirner (1806-1856), Thoreau é por vezes classificado como anarquista individualista. Outros preferem considerá-lo um individualista radical em cujo horizonte está a inutilidade do governo. Prefiro esta segunda forma de entendê-lo. Mas o legado mais importante de Thoreau escapa dessa divergência: ele freqüentemente recebe o crédito de ter estabelecido a desobediência civil como forma de atuação política muitas vezes eficaz em países de tradição liberal, como os EUA e alguns poucos a mais. No entanto, essa forma não chegou a ser inteiramente inaplicável para Leon Tolstói (1828-1910) na autocrática Rússia dos fins do século XIX, nem para Mohandas Karamchand Gandhi (1869-1948) na despótica África do Sul e na colonizada Índia do início do século XX. Foram Tolstói e Gandhi os responsáveis por mais dois períodos (interligados) de fama de Thoreau e de A desobediência civil. *A partir de 1880 o romancista Tolstói, consagrado na Rússia e conhecido na Europa, assume a postura de reformador social e submete sua carreira literária aos requisitos de sua nova militância. Para isso contribuíram sua conversão ao cristianismo, seu entendimento das virtudes da vida camponesa russa e, em parte menor, o ideário político de Thoreau. Abrindo mão de sua fama literária estabelecida, Tolstói passou os últimos anos de sua vida tentando criar ou dando apoio à criação de comunidades rurais autogovernadas, auto-suficientes, baseadas em princípios de fraternidade cristã e de solidariedade camponesa. O ideal dessas comunidades era o de se retirarem pacificamente da esfera de poder do Czar, da Igreja Ortodoxa e da própria nobreza local. Dessa forma, o objetivo era criar núcleos de pessoas vivendo "à margem do estado", pacificamente, sem intenções de derrubá-lo. A ênfase aqui foi na autonomia da comunidade, e não do indivíduo. Foram evidentemente enormes os obstáculos levantados a esse projeto num país praticamente imune às mais tênues transformações políticas liberais e democráticas. De qualquer forma, Tolstói conseguiu dar um apoio eficaz, entre outros, aos* doukhobors, *cristãos dissidentes da Ucrânia, implacavelmente perseguidos por autoridades políticas e eclesiásticas até sua emigração para o Canadá. Embora fossem outros o lugar e a época, a fama literária de Tolstói contribuiu para um segundo momento de fama de Thoreau e de* A desobediência civil.

Desde a década de 1890, um obscuro advogado hindu radicado na África do Sul vinha desenvolvendo uma militância pela defesa dos direitos civis da minoria hindu ali radicada, pregando a desobediência pacífica às leis discriminatórias contra estrangeiros. Em 1906, esse advogado, Mohandas Gandhi, admirador e correspondente de Tolstói, recebeu deste a indicação do texto de Thoreau. Gandhi encontrou em A desobediência civil *uma formulação "ocidental" dos fundamentos de sua própria ação dissidente — a* satyagraha, *ou a sustentação da verdade frente à injustiça. Gandhi traduziu Thoreau, editou-o no seu jornal e passou a citá-lo como fundamentador de sua ação de desobediência civil. Ao retornar à Índia em 1915, Gandhi se engaja nas lutas nacionalistas e sociais e alcançou em alguns anos uma projeção internacional. Dentro e fora da Índia, o texto de Thoreau foi lido por seguidores, admiradores e inimigos do líder hindu. Thoreau deixava assim de ser um pensador excêntrico da Nova Inglaterra e* A desobediência civil *foi durante vários anos um dos textos não-religiosos mais editados e lidos em todo o mundo.*

Dessas formas e de outras, a desobediência civil tem se revelado uma forma substantiva de militância política, quer livrando o teimoso Thoreau dos cobradores de impostos, quer ajudando Tolstói a remexer um pouco na secular ordem rural russa, quer contribuindo numa prolongada rebelião popular que levou à independência da Índia. Variando de coletivista a individualista, alcançando ou não resultados, a desobediência civil está presente na nossa época; poderia até se falar de um quarto momento de fama de Thoreau, pois a desobediência civil está hoje nos movimentos contra a discriminação étnica, racial e sexual, na rebelião da juventude, na resistência ao serviço militar e à convocação para a guerra, na recusa do pagamento de impostos ilegais, na luta contra a devastação do meio ambiente, no movimento pacifista, na resistência às leis tirânicas. A desobediência civil sobreviveu ao século XX, ao parlamentarismo, às militâncias partidárias, ao jogo eleitoral, às insurreições populares armadas, às leis repressivas — e continua a ser uma alternativa de militância. É inconcebível para mim que o leitor brasileiro não disponha atualmente de um acesso fácil ao texto básico sobre esse tipo de militância. A eventual saturação com a política partidária-parlamentar-eleitoral não significa necessariamente o

imobilismo, ou pior ainda, o desespero. A militância tem formas e arenas insuspeitadas, e a desobediência civil ajuda a descobri-las.

A vida sem princípio *complementa o anterior do ponto de vista da defesa da individualidade. Aí Thoreau explicita mais o que antes insinua: sua crítica é ao conformismo em geral e não apenas ao conformismo estritamente político, no campo das relações entre cidadãos e estado. Vemos Thoreau combatendo a* tirania dos costumes, *independente do fato de estarem eles ou não consagrados em* leis *políticas, formalizadas. A impaciência de Thoreau para com as maiorias eleitorais é parte de uma suspeição ainda maior quanto às próprias formas pelas quais seus concidadãos "vivem as suas vidas". Thoreau surge como defensor da excentricidade como a virtude dos homens que têm coragem de viver de acordo com princípios não consagrados pela comunidade a que pertencem, e lamenta aqueles que se conformam e vivem em "silencioso desespero". Pouco adianta se livrar da tirania política do colonizador inglês para cair nas garras do "Rei Preconceito", entidade essa que hoje pode muito bem ser chamada de "opinião pública".*

Na pragmática e utilitarista Nova Inglaterra dos puritanos não era popular defender o prazer de trabalhar, a contemplação da natureza, o lazer, a múltipla aptidão pessoal; afinal de contas, ali o tempo era e ainda é dinheiro. É a terra do "espírito prático". Thoreau vai mais longe e renega os sinais convencionais de sucesso: riqueza, ostentação, emprego fixo, expediente integral, especialização, prudência etc. — e defende as aventuras do corpo e do espírito como forma de encontrar uma vida autenticamente compensadora. Só cada pessoa pode ser um bom juiz de sua vida. O irrequieto Thoreau não economiza críticas aos componentes do modorrento cotidiano de seus vizinhos: os negócios, trabalhar de sol a sol, freqüentar tribunais e salões de chá, realizar trabalhos inúteis, ler os jornais, conversar sobre trivialidades, votar no "candidato disponível" e coisas do gênero. É um ataque ácido e intransigente aos valores de sua época e aos vizinhos mais próximos; revela o quanto Thoreau se queria distante da normalidade circundante. Se seus vizinhos o consideravam preguiçoso e excêntrico, em comentários velados, Thoreau publicamente os nomeia como gananciosos e banais.

O individualismo significa diferenças claras e legítimas entre as pessoas e aqui encontramos Thoreau numa das mais agressivas defesas da legitimidade de ser e de viver diferente. *Desde cedo Thoreau se retraíra da vida política institucionalizada (partidos e eleições) e nesse texto amplia seu desprezo pelos critérios convencionais de normalidade. A verdade de cada um espera ser descoberta no fundo do espírito de cada um; cada pessoa pode descobri-la, se tentar, ou pode preferir seguir a "verdade geral" ou a "verdade do momento". Assim ficamos sabendo os motivos que levaram Thoreau a fazer de sua vida uma cuidadosa combinação entre (1) o exercício pacato de rotinas selecionadas e (2) a denúncia inquietante da obediência cega. Ele teve, sim, uma vida excêntrica, voltada para satisfazer suas exigências de si mesmo e não as preferências de qualquer platéia grande ou pequena, presente ou futura. Foi um individualista para quem nem mesmo o apregoado individualismo norte-americano foi suficiente.*

Afastado da política convencional e dos costumes convencionais, era de se esperar que Thoreau virasse as costas aos vizinhos e buscasse outras convivências fora da vila de Concord. Nunca se arriscou a cometer "o maior dos erros": "gastar a vida procurando ganhar a vida". Preferiu gastar a vida com o que lhe era vital.

Caminhando *é a louvação madura de Thoreau à natureza. É o elogio da principal atividade de toda a sua vida: passear pelas florestas e campos. Nessa profissão não retirou um único centavo para pagar suas contas (a não ser nos eventuais trabalhos como agrimensor) mas acumulou uma fortuna em observações, descobertas, arrebatamentos e reflexões. O seu tesouro foi parcialmente revelado em textos como esse.*

É a defesa de uma "liberdade na natureza" em contraste com uma "liberdade meramente civil". Escrita por um moribundo, transpira a vontade de viver mais e melhor. Temos o Thoreau naturalista, sem pretensões científicas, que registra em seu Diário *as sensações desiguais produzidas pela visão de uma paisagem conhecida ou de uma flor nunca antes vista. As lições do "livro da natureza" ajudavam Thoreau a cultivar seu espírito, desenvolvendo as sensações do belo, do bom e do justo. A natureza é a sua grande escola da estética e a estética é a única busca que*

Thoreau jamais interrompeu; correu atrás dela em todos os campos, inclusive nos terrenos pouco propícios da política.

Em Caminhando *Thoreau detalha o que busca e o que retira da natureza, procurando convencer o leitor a construir uma relação com o meio ambiente e através dela conseguir sua realização espiritual. Tal meta é vedada aos que se limitam a viver na sociedade civil. E a natureza da América do Norte lhe parecia totalmente aberta ao diálogo com os homens interessados. Textos como* Walden *e* Caminhando *— há outros — fizeram de Thoreau talvez o principal inspirador filosófico dos atuais militantes da preservação ecológica. A sua experiência em Walden — vida e obra literária — são insuperáveis em matéria de beleza e radicalidade e qualquer disposição de diálogo com a natureza terá nela um estímulo cuja força nunca cederá. Não será casualidade que* Walden *seja atualmente o mais editado dentre os textos mais extensos de Thoreau.*

Com argumentos irrefutáveis, substantivos e, ainda, poéticos, o persuasivo Thoreau nos lembra que o limite da vida está nos pântanos, campos e florestas; que a sociedade humana não viola impunemente os ciclos naturais de renovação e morte; que a interação exclusivamente humana é uma perigosa prática endogâmica que reduz o patrimônio genético das sociedades. Uma civilização é tão rica quanto os pântanos que a cercam; sem eles, só resta a alternativa humilhante e paliativa de moer os ossos dos antepassados e usá-los como fertilizantes da terra exaurida...

A escravidão em Massachusetts *traz outra versão do Thoreau dissidente e da prática da desobediência civil. Afrontado pela omissão dos governantes de Massachusetts, Thoreau admite: é insuficiente para ele "ser deixado em paz" por esse governo que inferniza a vida dos escravos e de seus aliados abolicionistas. Usa a tribuna do movimento abolicionista para pregar ostensiva e corajosamente a desobediência civil* coletiva *dos inimigos da escravidão. O abolicionismo não foi uma preocupação central de Thoreau; Thoreau não é figura central do abolicionismo dos EUA nem do próprio estado de Massachusetts. Pode-se até afirmar que a militância abolicionista de Thoreau foi tardia. Não importa tanto descobrir Thoreau como vociferante inimigo da escravidão, como inimigo dos ainda poderosíssimos donos de escravos; não importam sequer os argumentos que emprega. Incluí esse texto na presente coletânea para registrar como a desobediência civil pode fazer parte de movimentos políticos amplos com objetivos de grande alcance social. Estava em questão, afinal, a libertação de mais de 3 milhões de escravos numa das regiões escravagistas mais prósperas do mundo: todo o sul dos EUA. Esse objetivo só foi alcançado quase dez anos depois desse inflamado discurso de Thoreau, no meio do sangrento conflito chamado de Guerra Civil.*

Descobrimos aí um Thoreau extremamente bem informado e inteiramente comprometido na luta abolicionista. Não cede às sutilezas legislativas que amparam o interesse dos donos de escravos. Não perdoa seus conterrâneos de Massachusetts que aceitam a interferência federal das deliberações antiescravagistas do seu estado. Acusa os governantes locais de não cumprirem leis em vigor. Chama à responsabilidade os congressistas que votam sucessivas leis favoráveis à escravidão. Afirma que os juízes da Suprema Corte dos EUA são tendenciosos e favoráveis à escravidão. Não poupa sequer os soldados que prendem escravos e fazem barulho de madrugada debaixo de sua janela. Fica evidente, portanto, que a desobediência civil não é uma forma de militância válida "apenas" para questões individuais — como se elas não fossem importantes! — mas é capaz de intervir decididamente nas chamadas "questões mais amplas".

Uma semana nos rios Concord e Merrimack *é um livro de grande beleza, singular composição e apaixonada inspiração. Apresentar apenas trechos selecionados é uma decisão que requer uma boa justificativa. Eis a minha: nessas passagens estão as únicas observações de Thoreau que pude encontrar a respeito de suas simpatias pela tradição oriental. É comum falar nessa fonte de Thoreau mas preferi colocar para o leitor brasileiro o que ele mesmo disse a respeito no primeiro livro que publicou.*

Cabem apenas três observações. (1) O elemento mais importante que o jovem Thoreau retira da tradição oriental parece ser a contemplação *enquanto método de plena realização espiritual e de ação virtuosa. Alguns aspectos dessa tradição são explicitamente rejeitados, como castas, disputas de seitas, fatalismo, arbitrariedade etc. (2) Ficamos sabendo da grande predileção literária de Thoreau: os textos sagrados ou de fundação de diversos povos: hindus, chineses, egípcios, persas, caldeus, hebreus, cris-*

tãos, gregos e romanos. Ele os aborda enquanto filosofia, história, lenda e criação, e não como versões da palavra divina. (3) Quando diz que o "Extremo Ocidente nada mais é do que o Extremo Oriente", Thoreau coloca sua expectativa pelo "encontro" entre duas tradições de viver e de pensar. Reconhece a anterioridade e a influência dos orientais sobre os ocidentais, mas não é um orientalista "integral", preferindo apontar para um diálogo.

Levando em conta a sua propensão generalizada de desobedecer ou de obedecer apenas os ditames de sua consciência, não é surpreendente a grande força com que Thoreau incorpora aspectos do pensamento mais "anacrônico" possível em relação à utilitarista Nova Inglaterra do século XIX. Nesse e noutros aspectos, a vida espiritual de Thoreau desafiou com sucesso as barreiras de seu tempo: ele habitou diversas épocas, tantas quanto quis.

4 — Quem ajudou

Há vários anos tenho idéia fixa de traduzir Thoreau. Várias pessoas ajudaram na realização dessa idéia. Meus pais, em viagem pelos EUA, conseguiram adquirir alguns preciosos volumes de textos de Thoreau. Fernando Gabeira se interessou pelo projeto e ajudou a lhe dar forma mais concreta, além de buscar uma editora interessada. Paulo Rocco e Gustavo Barbosa aceitaram de pronto editar Thoreau. Renato Lessa, Roberto Kant de Lima e Marco Antônio da Silva Mello, meus colegas no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense, cederam-me exemplares de algumas obras de Thoreau em inglês e em português e me estimularam a insistir no projeto. As bibliotecárias da Biblioteca Thomas Jefferson, do Consulado dos EUA no Rio de Janeiro, deram-me ótimas indicações de obras de referência que me ajudaram na redação das notas explicativas.

Nova Friburgo e Rio de Janeiro,
abril-junho de 1984

A desobediência civil [1]

ACEITO COM ENTUSIASMO o lema — "O melhor governo é o que menos governa; [2] e gostaria que ele fosse aplicado mais rápida e sistematicamente. Levado às últimas conseqüências, esse lema significa o seguinte, no que também creio — "O melhor governo é o que não governa de modo algum"; e, quando os homens estiverem preparados, será esse o tipo de governo que terão. O governo, no melhor dos casos, nada mais é do que um artifício conveniente; mas a maioria dos governos é por vezes uma inconveniência, e todo governo algum dia acaba sendo inconveniente. As objeções que têm sido levantadas contra a existência de um exército permanente, numerosas e substantivas, e que merecem prevalecer, podem também, no fim das contas, servir para protestar contra um governo permanente. O exército permanente é apenas um braço do governo permanente. O próprio governo, que é simplesmente uma forma que o povo escolheu para executar a sua vontade, está igualmente sujeito a abusos e perversões antes mesmo que o povo possa agir através dele. Prova disso é a atual guerra contra o México, [3] obra de um número relativamente pequeno de indivíduos que usam o governo permanente como um instrumento particular; isso porque o povo não teria consentido, de início, uma iniciativa dessas.

Esse governo norte-americano — que vem a ser ele senão uma tradição, ainda que recente, tentando se transmitir inteira à posteridade, mas que a cada instante vai perdendo porções de sua integridade? Ele não tem a força nem a vitalidade de um único homem vivo, pois um único homem pode fazê-lo dobrar-se

à sua vontade. O governo é uma espécie de revólver de brinquedo para o próprio povo; e ele certamente vai quebrar se por acaso os norte-americanos o usarem seriamente uns contra os outros, como uma arma de verdade. Mas nem por isso ele é menos necessário; pois o povo precisa dispor de uma ou outra máquina complicada e barulhenta para preencher a sua concepção de governo. Dessa forma, os governos são a prova de como os homens podem ter sucesso no ato de oprimir em proveito próprio, não importando se a opressão se volta também contra eles mesmos. Devemos admitir que ele é excelente; no entanto, esse governo em si mesmo nunca estimulou qualquer iniciativa a não ser pela rapidez com que se dispôs a não atrapalhar. *Ele* não mantém o país livre. *Ele* não povoa as terras do Oeste. *Ele* não educa. O caráter inerente do povo norte-americano é o responsável por tudo que temos conseguido fazer; e ele teria conseguido fazer consideravelmente mais se o governo não tivesse sido por vezes um obstáculo. Pois o governo é um artifício através do qual os homens conseguiriam de bom grado deixar em paz uns aos outros; e, como já foi dito, a sua conveniência máxima só ocorre quando os governados são minimamente molestados pelos seus governantes. Se não fossem feitos de borracha da Índia, os negócios e o comércio nunca conseguiriam ultrapassar os obstáculos que os legisladores teimam em plantar no seu caminho; e se fôssemos julgar esses senhores levando em conta exclusivamente os efeitos de seus atos — esquecendo suas intenções — eles mereceriam a classificação dada e as punições impostas a essas pessoas nocivas que gostam de obstruir as ferrovias.

No entanto, quero me pronunciar em termos práticos como cidadão, distintamente daqueles que se chamam antigovernistas: o que desejo *imediatamente* é um governo melhor, e não o fim do governo. Se cada homem expressar o tipo de governo capaz de ganhar seu respeito, estaremos mais próximos de conseguir formá-lo.

No final das contas, o motivo prático pelo qual se permitem o governo da maioria e a sua continuidade — uma vez passado o poder para as mãos do povo — não é sua maior tendência a emitir bons juízos, nem porque possa parecer o mais justo aos olhos da minoria, mas sim porque ela (a maioria) é fisicamente a

mais forte. Mas um governo no qual prevalece o mando da maioria em todos os casos não pode ser baseado na justiça, mesmo nos limites da avaliação dos homens. Não será possível um governo em que a maioria não decida virtualmente o que é certo ou errado? No qual a maioria decida apenas aquelas questões às quais seja aplicável a norma da conveniência? Deve o cidadão desistir de sua consciência, mesmo por um único instante ou em última instância, e se dobrar ao legislador? Por que então estará cada homem dotado de uma consciência? Na minha opinião devemos ser em primeiro lugar homens, e só então súditos. Não é desejável cultivar o respeito às leis no mesmo nível do respeito aos direitos. A única obrigação que tenho direito de assumir é fazer a qualquer momento aquilo que julgo certo. Costuma-se dizer, e com toda a razão, que uma corporação não tem consciência; mas uma corporação de homens conscienciosos é uma corporação *com* uma consciência. A lei nunca fez os homens sequer um pouco mais justos; e o respeito reverente pela lei tem levado até mesmo os bem-intencionados a agirem cotidianamente como mensageiros da injustiça. Um resultado comum e natural de um respeito indevido pela lei é a visão de uma coluna de soldados — coronel, capitão, cabos, combatentes, e outros — marchando para a guerra numa ordem impecável, cruzando morros e vales, contra as suas vontades, e como sempre, contra seu senso comum e suas consciências; por isso essa marcha é muito pesada e faz o coração bater forte. Eles sabem perfeitamente que estão envolvidos numa iniciativa maldita; eles têm tendências pacíficas. O que são eles, agora? Chegarão a ser homens? Ou pequenos fortes e paióis móveis, a serviço de algum inescrupuloso detentor do poder? É só visitar o Estaleiro Naval[4] e contemplar um fuzileiro: eis aí o tipo de homem que um governo norte-americano é capaz de fabricar — ou transformar com sua magia negra — uma sombra pálida, uma vaga recordação da condição humana, um cadáver de pé e vivo e, no entanto, se poderia considerá-lo enterrado sob armas com acompanhamento funeral, embora possa acontecer que

> "Não se ouviu um rufar e sequer um toque de silêncio"[5]
> enquanto à muralha seu corpo levamos
> nenhum soldado disparou uma salva de adeus
> sobre o túmulo onde jaz o herói que enterramos

Dessa forma, a massa de homens serve ao Estado não na sua qualidade de homens, mas sim como máquinas, entregando seus corpos. Eles são o exército permanente, a milícia, os carcereiros, os policiais, *posse comitatus*,[6] e assim por diante. Na maior parte dos casos não há qualquer livre exercício de escolha ou de avaliação moral; ao contrário, esses homens se nivelam à madeira, à terra e às pedras; e é bem possível que se consigam fabricar bonecos de madeira com o mesmo valor de homens desse tipo. Não são mais respeitáveis do que um espantalho ou um monte de terra. Valem tanto quanto cavalos e cachorros. No entanto, é comum que homens assim sejam apreciados como bons cidadãos. Há outros, como a maioria dos legisladores, políticos, advogados, funcionários e dirigentes, que servem ao Estado principalmente com a cabeça; e é tão provável que eles sirvam ao diabo quanto a Deus — sem intenção — pois raramente se dispõe a fazer distinções morais. Há um número bastante reduzido que serve ao Estado também com a sua consciência; são os heróis, patriotas, mártires, reformadores e *homens*, que acabam por isso necessariamente resistindo mais do que servindo; e o Estado os trata geralmente como inimigos. Um homem sábio só será de fato útil como um homem, e não se sujeitará à condição de "barro" a ser moldado para "tapar um buraco e cortar o vento";[7] ele preferirá deixar esse papel, na pior das hipóteses, para suas cinzas:

"Minha origem é nobre demais para que eu seja
propriedade de alguém
Para que eu seja o segundo no comando
ou um útil serviçal ou instrumento
de qualquer estado soberano deste mundo."[8]

Os que se entregam completamente a seus semelhantes são por eles considerados inúteis e egoístas; mas aqueles que se dão parcialmente são entronizados como benfeitores e filantropos.

Que comportamento digno deve ter um homem perante esse atual governo dos Estados Unidos? Minha resposta é que ele se degrada inevitavelmente pelo fato de estar associado com ele. Nem por um minuto posso considerar como *meu* governo uma organização política que é também o governo do *escravo*.

Todos reconhecem o direito à revolução, ou seja, o direito de negar lealdade e de oferecer resistência ao governo sempre que se tornem grandes e insuportáveis a sua tirania e a sua ineficiência. No entanto, quase todos dizem que tal não acontece agora. Consideram, porém, que isso aconteceu em 1779.[6] Se alguém me dissesse que nosso governo é ruim porque estabeleceu certas taxas sobre bens estrangeiros que chegam aos seus portos, o mais provável é que eu não criasse qualquer caso, pois posso muito bem passar sem eles: todas as máquinas têm atrito e talvez isso faça com que o bom e o mau se compensem. De qualquer forma, fazer um rebuliço por causa disso é um grande mal. Mas quando o próprio atrito chega a construir a sua máquina e vemos a organização da tirania e do roubo, eu digo que não devemos mais ter essa máquina. Em outras palavras, quando um sexto da população de um país que se elegeu como o refúgio da liberdade é composto de escravos, e quando todo um país é injustamente assaltado e conquistado por um exército estrangeiro e submetido à lei marcial, quero dizer que não é cedo demais para a rebelião e a revolução dos homens honestos. E esse dever é tão mais urgente pelo fato de que o país assaltado não é o nosso e, ainda, de que nosso seja o exército invasor.

William Paley,[10] conhecia a autoridade em muitos assuntos morais, tem um capítulo intitulado *Duty of submission to civil government!* (*O dever de submissão ao governo civil*) no qual soluciona toda a questão das obrigações políticas pela fórmula da conveniência; e diz mais: "enquanto exigir o interesse de toda a sociedade, ou seja, enquanto não se possa resistir ou mudar o governo estabelecido sem inconveniência pública, é a vontade de Deus que o governo estabelecido seja obedecido — e nem um dia além disso. (...) Admito esse princípio, a justiça de cada ato particular de resistência se reduz à computação da quantidade de perigo e protestos, de um lado, e da probabilidade e dos custos da reparação, de outro." Diz ele que cada um julgará esta questão por si mesmo. Mas parece que Paley nunca levou em conta os casos em que a regra da conveniência não se aplica, nos quais um povo ou um indivíduo tem que fazer justiça, a qualquer custo. Se arranquei injustamente a tábua que é a salvação de um homem que se afoga, sou obrigado a devolvê-la ainda que eu mesmo me afogue. De acordo com Paley, essa é

uma circunstância inconveniente. Mas quem quiser se salvar dessa forma acabará perdendo a vida. O povo norte-americano tem que pôr um fim ao uso de escravos e tem que parar de guerrear o México, mesmo que isso lhe custe a sua existência enquanto povo.

As nações, na sua prática, concordam com Paley, mas haverá quem considere que Massachusetts está agindo certo na crise atual?

> "Uma rameira de alta linhagem, um trapo de pano
> prateado atirado à lama
> Levanta a cauda do vestido, e arrasta no chão
> sua alma." [11]

Em termos práticos, os que se opõem à abolição em Massachusetts não são uns cem mil políticos do Sul, mas uns cem mil comerciantes e fazendeiros daqui que se interessam mais pelos negócios e pela agricultura do que pela humanidade e que não estão dispostos a fazer justiça ao escravo e ao México, *custe o que custar.* Não discuto com inimigos distantes, mas com aqueles que, bem perto de mim, cooperam com e defendem a posição de homens que estão longe daqui; estes últimos seriam inofensivos se não fosse por aqueles. Estamos acostumados a afirmar que os homens em geral são despreparados; mas as melhorias são lentas, porque os poucos não são substantivamente mais sábios ou melhores do que os muitos. Não é tão importante que muitos sejam tão bons quanto você, e sim que haja em algum lugar alguma porção absoluta de virtude; isso bastará para fermentar toda a massa. Há milhares de pessoas cuja *opinião* é contrária à escravidão e à guerra; apesar disso, nada fazem de efetivo para pôr um fim nelas; se dizem filhos de Washington [12] e Franklin, [13] mas ficam sentados com as mãos nos bolsos, dizendo não saber o que pode ser feito e nada fazendo; chegam a colocar a questão do livre comércio à frente da questão da liberdade, e ficam quietos lendo as cotações do dia junto com os últimos boletins militares sobre a campanha do México; é possível até que acabem cochilando durante a leitura. Qual é hoje a cotação do dia de um homem honesto e patriota? Eles hesitam, se arrependem e às vezes assinam petições, mas nada fazem de sério ou de efetivo. Com muito boa disposição, preferem esperar que outros remediem o mal, de forma que nada lhes reste para arrependimento. No melhor dos casos, nada mais farão do que depositar um voto insignificante, cumprimentar timidamente a atitude certa e, de passagem, lhe desejar boa sorte. Há 999 patronos da virtude e apenas um homem virtuoso; mas é mais fácil lidar com o verdadeiro dono de algo do que com o seu guardião temporário.

Toda votação é um tipo de jogo, tal como damas ou gamão, com uma leve coloração moral, onde se brinca com o certo e o errado, com questões morais; e é claro que há apostas nesse jogo. O caráter dos eleitores não entra nas avaliações. Proclamo o meu voto — talvez — de acordo com meu critério moral; mas não tenho um interesse vital de que o certo saia vitorioso. Estou disposto a deixar essa decisão para a maioria. O compromisso de votar, dessa forma, nunca vai mais longe do que as conveniências. Nem mesmo o ato de votar *pelo que é certo* implica *fazer algo* pelo que é certo. É apenas uma forma de expressar publicamente o meu anêmico desejo de que o certo venha a prevalecer. Um homem sábio não deixará o que é certo nas mãos incertas do acaso e nem esperará que sua vitória venha através da força da maioria. Há escassa virtude nas ações de massas de homens. Quando finalmente a maioria votar a favor da abolição da escravatura, das duas uma: ou ela será indiferente à escravidão ou então restará muito pouca escravidão a ser abolida pelo seu voto. A essa altura, os únicos escravos serão *eles*, os integrantes da maioria. O *único* voto que pode apressar a abolição da escravatura é o daquele homem que afirma a sua própria liberdade através do seu voto.

Estou informado de que haverá em Baltimore, ou outro lugar qualquer, uma convenção para escolher um candidato à Presidência; essa convenção é composta principalmente por editores de jornais e por políticos profissionais; mas que importância terá a possível decisão dessa reunião para um homem independente, inteligente e respeitável? No fim das contas, ainda poderemos contar com as vantagens de sua sabedoria e de sua honestidade, não é mesmo? Será que não poderemos prever alguns votos independentes? Não haverá muitas pessoas neste país

que não freqüentam convenções? Mas não é isso que ocorre: percebo que o homem considerado respeitável logo abandona sua posição e passa a não mais ter esperanças em seu país, quando o mais certo seria que seu país desesperasse dele. A partir disso ele adere a um dos candidatos assim selecionados por ser o único *disponível*, apenas para provar que ele mesmo está *disponível* para todos os planos do demagogo. O voto de um homem desses não vale mais do que o voto eventualmente comprado de um estrangeiro inescrupuloso ou de nativo venal. Oh! É preciso um homem que seja um *homem* e que tenha, como diz um vizinho meu, uma coluna dorsal que não se dobre aos tapinhas dos poderosos! Nossas estatísticas estão erradas: contou-se gente demais. Quantos *homens* existem em cada mil milhas quadradas deste país? Dificilmente chegarão a um. A América oferece ou não incentivos para a imigração de homens? Os homens norte-americanos foram rareando até a dimensão de uma irmandade secreta como a dos Odd Fellows, [14] cujo integrante típico pode ser identificado pelo seu descomunal caráter gregário, pela manifesta falta de inteligência e de jovial autoconfiança; a sua preocupação primeira e maior ao dar entrada neste mundo é a de verificar se os asilos de pobres estão em boas condições de funcionamento; antes mesmo de ter direito de envergar roupas de adulto ele organiza uma coleta de fundos para as viúvas e órfãos que porventura existam; em poucas palavras, é um homem que só ousa viver com a ajuda da Companhia de Seguros Mútuos, que lhe prometeu um enterro decente.

De fato nenhum homem tem o dever de se dedicar à erradicação de qualquer mal, mesmo o maior dos males; ele pode muito bem ter outras preocupações que o mobilizem. Mas ele tem no mínimo a obrigação de lavar as mãos frente à questão e, no caso de não mais se ocupar dela, de não dar qualquer apoio prático à injustiça. Se me dedico a outras metas e considerações, preciso ao menos verificar se não estou fazendo isso à custa de alguém em cujos ombros esteja sentado. É preciso que eu saia de cima dele para que ele também possa estar livre para fazer as suas considerações. Vejam como se tolera uma inconsistência das mais grosseiras. Já ouvi alguns de meus conterrâneos dizerem: "Queria que eles me convocassem para ir combater um levante de escravos ou para atacar o México — pois eu não iria"; no entanto, cada um desses homens possibilitou o envio de um substituto, ou diretamente pela sua fidelidade ao governo, ou pelo menos indiretamente através de seu dinheiro. O soldado que se recusa a participar de uma guerra injusta é aplaudido por aqueles que não recusam apoio ao governo injusto que faz a guerra; é aplaudido por aqueles cuja ação e autoridade ele despreza e desvaloriza; tudo funciona como se o Estado estivesse suficientemente arrependido para contratar um crítico de seus pecados, mas insuficientemente arrependido para interromper por um instante sequer seus atos pecaminosos. Estamos todos, dessa forma, sob o formato da ordem e do governo civil, reunidos para homenagear e dar apoio à nossa própria crueldade. Se ruborizamos ante nosso primeiro pecado, logo depois se instala a indiferença. Passamos do imoral ao não-moral, e isso não é tão desnecessário assim para o tipo de vida que construímos.

O mais amplo e comum dos erros exige a virtude mais generosa para se manter. São os nobres os mais passíveis de proferir os moderados ataques a que comumente está sujeita a virtude do patriotismo. Sem dúvida, os maiores baluartes conscienciosos do governo, e muito freqüentemente os maiores opositores das reformas, são aqueles que desaprovam o caráter e as medidas de um governo sem no entanto lhe retirar lealdade e apoio. Há gente coletando assinaturas para fazer petições ao Estado de Massachusetts no sentido de dissolver a União e de desprezar as recomendações do Presidente. Ora, porque eles mesmos não a dissolvem, essa união entre eles mesmos e o Estado, e se recusam a pagar a sua cota de impostos? Não estão eles na mesma relação com o Estado que o Estado frente à União? E não são as mesmas as razões que evitaram a resistência do Estado à União e a resistência deles ao Estado?

Como pode um homem se satisfazer com a mera posse de uma opinião e de fato *usufruir dela*? Pode haver algum usufruto da opinião quando o dono dela a vê ofendida? Se seu vizinho o trapaceia e lhe subtrai um mero dólar, você não se satisfaz com a descoberta da trapaça, ou com a proclamação de que foi trapaceado e nem mesmo com suas gestões no sentido de ser devidamente reembolsado; o que você faz é tomar medidas efetivas imediatas para ser integralmente reembolsado e cuidar de nunca mais ser vitimado por outra trapaça. Ações baseadas em princí-

pios — a percepção e a execução do que é certo — modificam coisas e relações; a ação desse gênero é essencialmente revolucionária e não se reduz integralmente a qualquer coisa preexistente. Ela cinde não apenas estados e igrejas; divide famílias; e também divide o *indivíduo*, separando nele o diabólico do divino.

Existem leis injustas; devemos ceder e obedecê-las, ou devemos tentar emendá-las e obedecê-las até a sua reforma, ou devemos transgredi-las imediatamente? Numa sociedade com um governo como o nosso, os homens em geral pensam que devem esperar até que tenham convencido a maioria a alterar essas leis. Sua opinião é de que a hipótese da resistência pode vir a ser um remédio pior do que o mal a ser combatido. Mas é precisamente o governo o culpado pela circunstância de que o remédio *seja de fato* pior do que o mal. É o *governo* que faz tudo ficar pior. Por que o governo não é mais capaz e se antecipa para lutar pela reforma? Por que ele não sabe valorizar sua sábia minoria? Por que ele chora e resiste antes e ser atacado? Por que ele não estimula a participação ativa dos seus cidadãos para que eles lhe mostrem suas falhas e para *conseguir um desempenho* melhor do que eles lhe exigem? Por que ele sempre crucifica Jesus Cristo, e excomunga Copérnico[15] e Lutero[16] e qualifica Washington e Franklin de rebeldes?

Não é absurdo pensar que o único tipo de transgressão que o governo nunca previu foi a negação deliberada e prática de sua autoridade; se não fosse assim, por que então não teria ele estabelecido a penalidade clara, cabível e proporcional? Se um homem sem propriedade se recusa pela primeria vez a recolher nove *shillings* aos cofres do Estado, é preso por um prazo cujo limite não é dado por qualquer lei que eu conheça; esse prazo é determinado exclusivamente pelo arbítrio dos que o enviam à prisão. Mas se ele resolver roubar noventa vezes nove *shillings* do Estado, em breve conseguirá a liberdade novamente.

Se a injustiça é parte do inevitável atrito no funcionamento da máquina governamental, que seja assim: talvez ela acabe se suavizando no desgaste — certamente a máquina ficará desajustada. Se a injustiça for uma peça dotada de uma mola exclusiva — ou roldana, ou corda, ou manivela — aí então cabe talvez julgar se o remédio não será pior do que o mal; mas se ela for de tal natureza que exige de você ser o agente de uma injustiça para

outros, digo, então, que se transgrida a lei. Faça da sua vida um contra-atrito que pare a máquina. O que preciso fazer é cuidar para que de modo algum eu participe das misérias que condeno.

No que diz respeito às vias pelas quais o Estado espera que os males sejam remediados, devo dizer que não as conheço. Elas são muito demoradas e a vida de um homem pode chegar ao fim antes de que elas produzam algum efeito. Tenho outras coisas para fazer. Não vim a esse mundo com o objetivo principal de fazer dele um bom lugar para morar, mas apenas para morar nele, seja bom ou ruim. Um homem não carrega a obrigação de fazer tudo, mas apenas alguma coisa; e só porque não pode fazer *tudo* não é necessário que faça *alguma coisa* errada. Não está dentro de minhas incumbências apresentar petições ao Governador e à Assembléia Legislativa, da mesma forma que eles nada precisam fazer de semelhante em relação a mim. Imagine se eles não derem atenção ao meu pedido; que devo fazer então? Mas nesse caso o Estado não forneceu outra via: o mal está na sua própria Constituição. Isso pode parecer grosseiro e teimoso e intransigente, mas só quem mereça ou possa apreciar a mais fina bondade e consideração deve receber esse tipo de tratamento. Todas as mudanças para melhor são assim, tais como o nascimento e a morte que produzem convulsões nos corpos.

Não hesito em afirmar que todos os que se intitulam abolicionistas devem imediata e efetivamente retirar seu apoio — em termos pessoais e de propriedade — ao governo do Estado de Massachusetts, e não ficar esperando até que consigam formar a mais estreita das maiorias para só então alcançar o sofrido direito de vencer através dela. Creio que basta saber que Deus está do seu lado, o que vale mais do que o último votante a fazer majoritárias suas fileiras. E, além de tudo, qualquer homem mais correto do que os seus vizinhos já constitui uma maioria apertada.

É apenas uma vez por ano, e não mais do que isso, que me encontro cara a cara com esse governo norte-americano, ou com o governo estadual que o representa: é quando sou procurado pelo coletor de impostos; essa é a única instância em que um homem na minha situação não pode deixar de encontrar com esse governo; e ele aproveita a oportunidade e diz claramente: "Reconheça-me". E não há outra forma mais simples, mais efe-

tiva e, na conjuntura atual, mais indispensável de lidar com o governo neste particular, de expressar sua pouca satisfação ou seu pouco amor em relação a ele: é preciso negá-lo, naquele local e momento. O coletor de impostos é meu vizinho e concidadão e é com ele que tenho de lidar — porque afinal de contas estou lutando contra homens, e não contra o pergaminho das leis — e sei que ele voluntariamente optou por ser um agente governamental. Haverá outro modo de ele ficar sabendo claramente o que é e o que faz enquanto agente do governo, ou enquanto homem, a não ser quando forçado a decidir que tratamento vai dar a mim, seu vizinho que ele respeita como vizinho e como homem de boa índole, ou que ele considera um maníaco e desordeiro? Será ele capaz de superar esse obstáculo à sua sociabilidade sem um pensamento ou uma palavra mais rudes ou mais impetuosos a acompanharem a sua ação? Disso estou certo: se mil, ou cem, se dez homens que conheço — apenas dez homens *honestos* — ou até um único homem HONESTO do Estado de Massachusetts, *não mais sendo dono de escravos*, decidisse pôr um fim ao seu vínculo com o Estado, para logo em seguida ser trancado na cadeia municipal, estaria ocorrendo nada menos do que a abolição da escravatura nos Estados Unidos da América. Pois não importa que os primeiros passos pareçam pequenos: o que se faz bem feito se faz para sempre. Mas preferimos debater o assunto: essa é nossa missão, dizemos. Há dezenas de jornais nas fileiras do abolicionismo, mas não há um único homem. O meu querido vizinho, que fez o papel de embaixador de Massachusetts e que sempre se dedica à resolução das questões dos direitos humanos na Câmara do Conselho, esteve ameaçado de amargar as prisões da Carolina do Sul; no entanto, se ele se fizesse prisioneiro do Estado de Massachusetts, esse Estado que ansiosamente joga na Carolina do Sul as acusações de pecar com a escravidão (embora atualmente não encontre nada além de um ato pouco hospitaleiro como motivo para brigar com ela), nosso Legislativo não seria capaz de adiar liminarmente o assunto da escravidão até o próximo inverno. [17]

Sob um governo que prende qualquer homem injustamente, o único lugar digno para um homem justo é também a prisão. Hoje em dia, o lugar próprio, o único lugar que Massachusetts reserva para seus habitantes mais livres e menos desalentados são

as suas prisões, nas quais serão confinados e trancados longe do Estado, por um ato do próprio Estado; pois os que vão para as prisões já antes tinham se confinado nos seus princípios. É aí que devem ser encontrados quando forem procurados pelos escravos fugidos, pelo prisioneiro mexicano em liberdade condicional e pelos indígenas, para ouvir as denúncias sobre as humilhações impostas a seus povos; é aí, nesse chão discriminado, mas tão mais livre e honroso, onde o Estado planta os que não estão *com* ele mas sim *contra* ele — a única casa num Estado-senzala na qual um homem livre pode perseverar com honra. Se há alguém que pense ser a prisão um lugar de onde não mais se pode influir, no qual a sua voz deixa de atormentar os ouvidos do Estado, no qual não conseguiria ser tão hostil a ele, esse alguém ignora o quanto a verdade é mais forte que o erro e também não sabe como a injustiça pode ser combatida com muito mais eloqüência e efetividade por aqueles que já sofreram na carne um pouco dela. Manifeste integralmente o seu voto e exerça toda a sua influência; não se deixe confinar por um pedaço de papel. Uma minoria é indefesa quando se conforma à maioria; não chega nem a ser uma minoria numa situação dessas; mas ela é irresistível quando intervém com todo seu peso. Se a alternativa ficar entre manter todos os homens justos na prisão ou desistir da guerra e da escravidão, o Estado não hesitará na escolha. Se no ano corrente mil homens não pagassem seus impostos isso não seria uma iniciativa tão violenta e sanguinária quanto o próprio pagamento, pois neste caso o Estado fica capacitado para cometer violências e para derramar o sangue dos inocentes. Esta é, na verdade, a definição de uma revolução pacífica, se é que é possível uma coisa dessas. Se, como já ouvi um deles me perguntar, o coletor de impostos ou outro funcionário público qualquer indagar: "Mas o que devo fazer agora?", minha resposta é: "Se de fato quiser fazer alguma coisa, então renuncie a seu cargo." Quando o súdito negou a lealdade e o funcionário renunciou a seu cargo, então a revolução se completou. Mas vamos supor que haja violência. Não poderíamos considerar que uma agressão à consciência também provoca um tipo de ferimento grave? Um ferimento desses provoca a perda da autêntica humanidade e da imortalidade de um homem, e ele sangra até uma morte eterna. Posso ver esse sangue correndo, agora.

Especulei sobre a prisão do infrator, e não sobre o confisco de seus bens — embora ambas as medidas sirvam ao mesmo fim — porque os que afirmam o certo e que, por isso, são os seres mais perigosos para um Estado corrupto, em geral não gastam muito do seu tempo na acumulação de propriedade. Para homens assim o Estado presta serviços relativamente pequenos e um imposto bem leve tende a ser considerado exorbitante, particularmente quando são obrigados a realizar um trabalho especial para conseguir a quantia cobrada. Se houvesse quem vivesse inteiramente sem usar o dinheiro, o próprio Estado hesitaria em exigir que ele lhe entregasse uma quantia. O homem rico, no entanto — e não pretendo estabelecer uma comparação invejosa — é sempre um ser vendido à instituição que o enriquece. Falando em termos absolutos, quanto mais dinheiro, menos virtude; pois o dinheiro se interpõe entre um homem e seus objetivos e permite que ele os compre; obter alguma coisa dessa forma não é uma grande virtude. O dinheiro acalma muitas perguntas que de outra forma ele se veria pressionado a fazer; de outro lado, a única pergunta nova que o dinheiro suscita é difícil, embora supérflua: "como gastá-lo?" Um homem assim fica, portanto, sem base para uma moralidade. As oportunidades de viver diminuem proporcionalmente ao acúmulo daquilo que se chama de "meios". A melhor coisa a ser feita em prol da cultura de seu tempo por um homem rico é realizar os planos que tinha quando ainda era pobre. Cristo respondeu aos seguidores de Herodes [18] de acordo com a situação deles. "Mostrem-me o dinheiro dos tributos", disse ele; e um deles tirou do bolso uma moeda. Disse então Jesus Cristo: se vocês usam o dinheiro com a imagem de César, [19] dinheiro que ele colocou em circulação e ao qual ele deu valor, ou seja, *se vocês são homens do Estado* e estão felizes de se aproveitar das vantagens do governo de César, então paguem-no por isso quando ele exigir; "Portanto, dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus"; Cristo não lhes disse nada sobre como distinguir um do outro; eles não queriam saber isso. [20]

Quando converso com os mais livres dentre meus vizinhos, percebo que independente do que digam a respeito da grandeza e da seriedade do problema e de sua preocupação com a tranqüilidade pública, no fim das contas tudo se reduz ao seguinte: eles

não podem abrir mão da proteção do governo atual e temem as conseqüências que sua rebeldia provocaria para suas propriedades e famílias. De minha parte, não gosto de imaginar que possa vir algum dia a depender da proteção do Estado. Mas se eu negar a autoridade do Estado quando ele apresenta minha conta de impostos, ele logo confiscará e dissipará minha propriedade e se ocupará de me hostilizar e à minha família para sempre. Essa é uma perspectiva muito dura. Isso torna impossível uma vida que seja simultaneamente honesta e confortável em aspectos exteriores. Não valerá a pena acumular propriedade; ela certamente se perderia de novo. O que se tem a fazer é arrendar alguns alqueires ou ocupar uma terra devoluta, cultivar em pequena escala e consumir logo toda a sua produção. Você tem que viver dentro de si mesmo e depender de si mesmo, sempre de mala feita e pronto para recomeçar; você não deve desenvolver muitos vínculos. Até mesmo na Turquia você pode ficar rico, se em tudo for um bom súdito do governo turco. Confúcio [21] disse: "Se um Estado é governado pelos princípios da razão, a pobreza e a miséria são fatos acabrunhantes; se um Estado não é governado pelos princípios da razão, a riqueza e as honrarias são os fatos acabrunhantes." Não! Até que eu solicite um remoto porto sulino que a proteção do Estado de Massachusetts me seja estendida com o fim de preservar minha liberdade, ou até que eu me dedique apenas a construir pacificamente um patrimônio aqui no meu Estado, posso negar minha lealdade ao governo local e negar seu direito à minha propriedade e à minha vida. Sai mais barato, em todos os sentidos, sofrer a penalidade pela desobediência do que obedecer. Obedecer faria com que eu me sentisse diminuído.

Há alguns anos atrás o Estado me procurou em nome de uma organização religiosa [22] e me intimou a pagar uma certa quantia destinada a sustentar um pregador que meu pai costumava freqüentar; eu nunca o tinha visto. "Pague ou será trancado na cadeia", disse o Estado. Eu me recusei a pagar. Infelizmente, no entanto, outro homem achou melhor fazer o pagamento em meu nome. Não consegui descobrir por que o mestre-escola deveria pagar imposto para sustentar o clérigo; e não o clérigo contribuir para o sustento do mestre-escola; pois eu não era mestre-escola do Estado, e me sustentava com subscrições

voluntárias. Não vi o motivo pelo qual o liceu não devesse apresentar a sua conta de impostos e fazer com que o Estado apoiasse, junto com a organização religiosa, essa sua pretensão. No entanto, os conselheiros municipais me pediram e eu concordei em fazer uma declaração por escrito cuja redação ficou mais ou menos assim: "Saibam todos quanto esta declaração lerem que eu, Henry Thoreau, não desejo ser considerado integrante de qualquer sociedade organizada à qual não tenha aderido." Entreguei o texto ao secretário da municipalidade, e está com ele até hoje. Sabendo portanto que eu não queria ser considerado membro daquela organização religiosa, o Estado nunca mais me fez uma exigência parecida; ele mantinha, no entanto, que estava certo e que deveria continuar a operar a partir dos pressupostos originais com que me abordou. Se fosse possível saber seus nomes, eu teria me desligado municiosamente, na mesma ocasião, de todas as organizações das quais não era membro; mas não soube onde encontrar uma lista completa delas.

Há seis anos que não pago o imposto *per capita*. Fui encarcerado certa vez por causa disso, e passei uma noite preso; enquanto o tempo passava fui observando as paredes de pedra sólida com dois ou três pés de espessura, a porta de madeira e ferro com um pé de espessura e as grades de ferro que dificultam a entrada da luz, e não pude deixar de perceber a idiotice de uma instituição que me tratava como se eu fosse apenas carne e sangue e ossos a serem trancafiados. Fiquei especulando que ela devia ter concluído, finalmente, que era esta a melhor forma de me usar e, também, que ela jamais pensara de se aproveitar de meus serviços de alguma outra forma. Vi que apesar da grossa parede de pedra entre eu e meus concidadãos eles tinham uma muralha muito mais difícil de vencer antes de conseguirem ser tão livres quanto eu. Nem por um momento me senti confinado e as paredes me pareceram um desperdício descomunal de pedras e massa. Meu sentimento era de que eu tinha sido o único dos meus concidadãos a pagar o imposto. Estava claro que eles não sabiam como lidar comigo e que se comportavam como pessoas pouco educadas. Havia um erro crasso em cada ameaça e em cada saudação, pois eles pensavam que meu maior desejo era o de estar do outro lado daquela parede de pedra. Não pude deixar de sorrir perante os cuidados com que fecharam a porta e trancaram as minhas reflexões — que os acompanhavam porta a fora sem delongas ou dificuldade; e o perigo estava de fato contido *nelas*. Como eu estava fora de seu alcance, resolveram punir o meu corpo; agiram como meninos incapazes de enfrentar uma pessoa de quem sentem raiva e que então dão um chute no cachorro do seu desafeto. Percebi que o Estado era um idiota, tímido como uma solteirona, às voltas com suas pratarias, incapaz de distinguir seus amigos de seus inimigos; perdi todo o respeito que ainda tinha por ele, e passei a considerá-lo apenas lamentável.

Portanto, o Estado nunca confronta intencionalmente o sentimento intelectual ou moral de um homem, mas apenas o seu corpo, os seus sentidos. Ele não é dotado de gênio superior ou de honestidade, apenas de mais força física. Eu não nasci para ser coagido. Quero respirar da forma que eu mesmo escolher. Veremos quem é mais forte. Que força tem uma multidão? Os únicos que podem me coagir são os que obedecem a uma lei mais alta do que a minha. Eles me obrigam a ser como eles. Nunca ouvi falar de *homens* que tenham sido *obrigados* por multidões a viver desta ou aquela forma. Que tipo de vida seria essa? Quando defronto um governo que me diz "Ou a bolsa ou a vida!", por que deveria me apressar em lhe passar meu dinheiro? Ele talvez esteja passando por um grande aperto, sem saber o que fazer. Não posso ajudá-lo. Ele deve cuidar de si mesmo; deve agir como eu ajo. Não vale a pena choramingar sobre o assunto. Não sou individualmente responsável pelo bom funcionamento da máquina da sociedade. Não sou o filho do maquinista. No meu modo de ver, quando sementes de carvalho e de castanheira caem lado a lado, uma delas não se paralisa para dar vez à outra; pelo contrário, cada uma segue suas próprias leis, e brotam, crescem e florescem da melhor maneira possível até que uma por acaso acabe superando e destruindo a outra. Se uma planta não pode viver de acordo com sua natureza, então ela morre; o mesmo acontece com um homem.

> A noite que passei na prisão foi uma novidade e também bem interessante. Os prisioneiros, em mangas de camisa, se distraíam conversando na entrada, aproveitando o vento fresco da noite; assim estavam

quando me viram chegar. Mas o carcereiro lhes disse: "Venham, rapazes, já é hora de trancar as portas"; ouvi o barulho de seus passos enquanto caminhavam para seus compartimentos vazios. O carcereiro me apresentou ao meu companheiro de cela, qualificando-o como "um sujeito de primeira e um homem esperto". Trancada a porta, ele me mostrou o cabide para o meu chapéu e me explicou como administrava as coisas por ali. As celas eram caiadas uma vez por mês; a nossa cela, pelo menos, era o apartamento mais branco, de mobiliário mais simples e provavelmente o mais limpo de toda a cidade. Naturalmente ele quis saber de onde eu vinha e porque eu tinha vindo parar ali; quando lhe contei minha história, foi minha vez de lhe perguntar a sua, na suposição evidente de que ele era um homem honesto; e, da maneira que as coisas estão, acredito que ele de fato era um homem honesto. Ele disse: "Ora, me acusam de ter incendiado um celeiro; mas não fui eu." Pelo que pude perceber, ele provavelmente fora se deitar, bêbado, para dormir num celeiro, não sem antes fumar seu cachimbo; e assim perdeu-se no fogo um celeiro. Ele tinha a fama de ser um homem esperto, e ali aguardava há três meses o seu julgamento; tinha uns outros três meses a esperar ainda; mas estava bem cordato e contente, já que não pagava pela casa e comida e se considerava bem tratado.

Ele ficava ao lado de uma janela, e eu junto à outra; percebi que se alguém ficasse por ali por muito tempo acabaria tendo por atividade principal olhar pela janela. Em pouco tempo eu tinha lido os folhetos que encontrei, e fiquei observando os locais por onde antigos prisioneiros tinham fugido, e vi onde uma grade tinha sido serrada, e ouvi a história de vários hóspedes anteriores daquele aposento; pois acabei descobrindo que até mesmo aqui circulavam histórias e tagarelices que não conseguem atravessar as paredes da cadeia. Esta é provavelmente a única casa na cidade onde se escrevem poesias que são publicadas em forma de circular mas que não chegam a virar livros. Mostraram-me uma grande quantidade de poesias feitas por alguns jovens cuja tentativa de fuga tinha sido frustrada; eles se vingavam declamando seus versos.

Tirei tudo que pude do meu companheiro de cela, pois temia nunca mais cruzar com ele; mas finalmente ele me indicou a minha cama e deixou para mim a tarefa de apagar a lamparina. Ficar ali deitado por uma única noite foi como viajar a um país distante, um país que eu nunca teria imaginado visitar. Pareceu-me que nunca antes ouvira o relógio da cidade dar as horas ou os ruídos noturnos da aldeia; isso porque dormíamos com as janelas abertas, janelas essas situadas por dentro das grades. Era como contemplar minha aldeia natal à luz da Idade Média, e o nosso familiar rio Concord se tranformou na torrente de um Reno; à minha frente desfilaram visões de cavaleiros e castelos. As vozes que ouvia nas ruas eram dos antigos burgueses. Fui espectador e testemunha involuntária de tudo que se fazia e dizia na cozinha da vizinha hospedaria local — uma experiência inteiramente nova e rara para mim. Tive uma visão bem mais íntima de minha cidade natal. Eu estava razoavelmente perto de sua alma. Nunca antes enxergara as suas instituições. Esta cadeia é uma de suas instituições peculiares, pois Concord é a sede do condado. Comecei a compreender o que preocupa seus habitantes.

Quando chegou a manhã, nosso desjejum foi empurrado para dentro da cela através de um buraco na porta; ele vinha numa vasilha de estanho ajustada ao tamanho do buraco, e consistia numa porção de chocolate com pão preto; junto vinha uma colher de ferro. Quando do lado de fora pediram a devolução das vasilhas minha inexperiência foi tanta que coloquei de volta o pão que não comera; mas o meu companheiro pegou o pão e me aconselhou a guardá-lo para o almoço ou o jantar. Pouco depois, dei-

xaram que ele saísse para trabalhar num campo de feno das vizinhanças, para onde se deslocava todos os dias; ele não voltaria antes de meio-dia; ele então me deu um bom-dia, e disse que duvidava que nos víssemos de novo.

Quando saí da prisão — pois alguém interferiu e pagou o meu imposto[23] — eu percebi diferenças, não as grandes mudanças no dia-a-dia, notadas por aqueles aprisionados ainda jovens e devolvidos já trôpegos e grisalhos. Ainda assim uma nova perspectiva tinha se instalado no meu modo de ver a cidade, o Estado e o país, representando uma mudança maior do que pudesse ser causada pela mera passagem do tempo. Vi com clareza ainda maior o Estado que habitava. Vi até que ponto podia confiar nos meus conterrâneos como bons vizinhos e amigos; e percebi que sua amizade era apenas para os momentos de tranqüilidade; senti que eles não têm grandes intenções de proceder corretamente; descobri que, tal como chineses e malaios, eles formam uma raça diferente da minha, por causa de seus preconceitos e de suas superstições; constatei que eles não se arriscam e sequer arriscam a sua propriedade nos seus atos de sacrifício pela humanidade; vi que, no fim das contas, eles não são tão nobres a ponto de conseguir tratar o ladrão de forma diferente do que este os trata; e que só querem salvar suas almas, através de ações de efeito, de algumas orações e da eventual observação dos limites particularmente estreitos e inúteis de um caminho de retidão. É possível que esteja proferindo um julgamento duro sobre meus vizinhos; pois acredito que a maioria deles não sabe que existe na sua cidade uma instituição tal como a cadeia.

Antigamente, na nossa aldeia, havia o costume de saudar os pobres endividados que saíam da cadeia olhando-os através dos dedos dispostos em forma das barras de uma janela de prisão; e se perguntava ao recém-liberto: "Como vai você?" Não recebi

essa saudação de meus conhecidos, que primeiro me encaravam e depois se entreolhavam, como se eu acabasse de voltar de uma longa viagem. Eu tinha sido preso quando me dirigia ao sapateiro para pegar uma bota consertada. Quando fui solto na manhã seguinte, resolvi retomar o que estava fazendo e, depois de calçar a tal bota, juntei-me a um grupo que pretendia colher frutas silvestres e que ansiava me ter como guia.[24] E em pouco mais de meia hora — pois logo recebi um cavalo arreado — chegamos ao alto de um dos nossos mais altos morros, onde abundavam frutas silvestres, a três quilômetros da cidade; e aí então não se podia ver o Estado em lugar nenhum.

Essa é a história completa de "Minhas Prisões".[25]

Nunca me recusei a pagar o imposto referente às estradas, pois minha vontade de ser um bom vizinho é tão grande quanto a de ser um péssimo súdito; no que toca à sustentação das escolas, atualmente faço minha parte na tarefa de educar os meus conterrâneos. Não é um item particular dos impostos que me faz recusar o pagamento. Quero apenas negar lealdade ao Estado, quero me retirar e me manter efetivamente indiferente a ele. Eu não me importo em seguir a trajetória do dólar que paguei — mesmo se isso fosse possível — até ver quando ele contrata um homem, ou compra uma arma para matar um homem; o dólar é inocente. O que me importa é seguir os efeitos de minha lealdade. Na verdade, eu silenciosamente declaro guerra ao Estado, à minha moda, embora continue a usar e a tirar vantagem dele enquanto puder, como costuma acontecer em situações dessas.

Se outros resolvem pagar o imposto que o Estado me exige, nada mais fazem além do que já fizeram quando pagaram o seu imposto, ou melhor, estimulam a injustiça além do limite que o Estado lhes pediu. Se eles pagam o imposto alheio a partir de um equivocado interesse na sorte daquele que não paga, para salvar a sua propriedade ou para evitar o seu encarceramento, isso só ocorre porque não meditaram seriamente no quanto estão per-

mitindo que seus sentimentos particulares interfiram no bem geral.

Esta, portanto, é a minha posição atual. Mas não se pode estar por demais de sobreaviso numa circunstância dessas, pelo risco de que uma atitude dessas seja desviada pela obstinação ou pela preocupação indevida para com a opinião do próximo. Que cada um cuide de fazer apenas o que lhe cabe, e só no momento certo.

Por vezes penso assim: ora, esse povo tem boas intenções; mas ele é ignorante; ele faria melhor se soubesse como agir: por que incomodar meus vizinhos e forçá-los a me tratar de uma forma contrária às suas inclinações? Mas depois penso mais: não há motivo para proceder como eles, ou para permitir que outros sofram muito mais outros tipos de dor. E digo ainda a mim mesmo: quando muitos milhões de homens, sem paixão, sem hostilidade, sem sentimentos pessoais de qualquer tipo, lhe pedem apenas uns poucos *shillings*, sem que sua natureza lhes possibilite retirar ou alterar sua exigência atual, e sem a possibilidade de você, por seu lado, fazer um apelo a outros milhões de homens, por que você deveria se expor a tal força bruta avassaladora? Você não resistirá ao frio e à fome, aos ventos e às ondas, com tanta obstinação; você se submete pacificamente a mil imposições similares. Você não coloca a cabeça na fogueira. Mas exatamente na medida em que não considero essa força inteiramente bruta — e sim uma força parcialmente humana — e em que avalio que mantenho relações com esses milhões e com outros muitos milhões de homens — que não são apenas coisas brutas ou sem vida — vejo também que é possível a apelação: em primeira instância e de pronto, eles podem apelar ao Criador; em segunda instância, eles podem apelar uns aos outros. Mas se ponho minha cabeça no fogo de propósito, não há apelo possível a ser feito ao fogo ou ao Criador do fogo, e sou o único culpado pelas conseqüências. Se eu conseguisse me convencer de que tenho algum direito a me sentir satisfeito com os homens tais como são, e a tratá-los de acordo com isso, e não parcialmente de acordo com minhas exigências e expectativas de como eles e eu mesmo deveríamos ser — então, como bom Muçulmano e fatalista, eu teria que me esforçar para ser feliz com as coisas como são, e proclamar que tudo se passa pela vontade de Deus.

E, acima de tudo, há uma diferença entre resistir a essa força e a uma outra puramente bruta ou natural: a diferença é que posso resistir a ela com alguma efetividade. Não posso esperar mudar a natureza das pedras, das árvores e dos animais, tal como Orfeu.

Não quero polemizar com qualquer homem ou nação. Não quero fazer filigranas, estabelecer distinções elaboradas ou me colocar numa situação superior à dos meus vizinhos. Estou buscando, posso admitir até mesmo uma desculpa para aceitar as leis do país. Estou preparado até demais para obedecê-las. Nesse particular tenho motivos para suspeitar de mim mesmo; e a cada ano, quando se aproxima o coletor de impostos, me surpreendo disposto a revisar os atos e as posições do governo central e do governo estadual, a rever o espírito do povo, para descobrir um pretexto para a obediência. Acredito que logo o Estado será capaz de me aliviar de todos os encargos desse tipo e então não serei mais patriota do que o resto dos meus conterrâneos. Encarada de um ponto de vista menos elevado, a Constituição, com todos seus defeitos, é muito boa; a lei e os tribunais são muito respeitáveis; mesmo o Estado de Massachusetts e o governo dos Estados Unidos da América são, em muitos aspectos, coisas admiráveis e bastante raras, pelas quais devemos ser gratos, tal como nos disseram muitos estudiosos de nossas instituições. Mas se subirmos um pouco nosso ponto de vista, elas são tais como eu as descrevi; e indo mais além, até chegarmos ao mais alto, quem será capaz de dizer o que são elas, ou quem poderá dizer que sequer vale a pena observá-las ou refletir sobre elas?

Entretanto, não me preocupo muito com o governo, e quero dedicar a ele o menor número possível de reflexões. Mesmo no mundo tal como é agora, não passo muitos momentos sujeitos a um governo. Se um homem é livre de pensamento, livre para fantasiar, livre de imaginação, de modo que aquilo que *nunca é* lhe parece *ser* na maior parte do tempo, governantes ou reformadores insensatos não são capazes de lhe criar impedimentos fatais. Sei que a maioria dos homens pensa diferente de mim; mas não estou nem um pouco mais satisfeito com os homens que se dedicam profissionalmente a estudar estas questões e outras parecidas. Pelo fato de se colocarem tão integralmente dentro da instituição, os homens de estado e os legisladores nunca conseguem enxergá-la nua e cruamente. Eles gostam de falar sobre

mudanças na sociedade, mas não têm um ponto de apoio situado fora dela. Pode ser que haja entre eles homens de certa experiência e critério e evidentemente capazes de criar sistemas engenhosos e até úteis, pelos quais lhes devemos gratidão; mas todo o seu gênio e toda a sua utilidade não ultrapassam certos limites relativamente estreitos. Eles tendem a esquecer que o mundo não é governado através de decisões e conveniências. Webster[26] nunca chega aos bastidores do governo e, por isso, não pode ser uma autoridade no assunto. Suas palavras são sábias apenas para os legisladores que não cogitam de qualquer reforma essencial no governo existente; para as exigências dos pensadores e dos que fazem leis duradouras, ele nem chega a enxergar o assunto. Conheço algumas pessoas cujas especulações serenas e sábias logo revelariam os limites do alcance e da hospitalidade da imaginação de Webster. Mesmo assim, quando comparadas com as paupérrimas declarações da maioria dos reformadores e com a mentalidade e a eloqüência ainda piores dos políticos em geral, as suas palavras são praticamente as únicas que têm valor e revelam sensibilidade; devemos por isso agradecer ao Céu por contarmos com Webster. Em termos comparativos, ele é sempre impetuoso, original e, acima de tudo, prático. Mas sua virtude não é a sabedoria, e sim a prudência. A verdade de um jurista não é a Verdade, mas a consistência, ou uma conveniência consistente. A verdade está sempre em harmonia com si mesma, e sua importância principal não é a de revelar a justiça que porventura possa conviver com o mal. Webster bem merece o título pelo qual é conhecido, o de Defensor da Constituição. De fato, ele não precisa atacar, mas apenas armar a defesa contra os golpes alheios. Ele não é um líder, e sim um seguidor. Seus líderes são os constitucionalistas de 1787.[27] Eis as suas próprias palavras: "Nunca tomei e nunca pretendo tomar uma iniciativa; nunca apoiei ou pretendo apoiar uma iniciativa — que vise desmanchar o acordo original pelo qual os diversos Estados formaram a União." Ao comentar a cobertura que a Constituição dá à escravidão, diz ele: "Já que é parte do pacto original, que continue a escravidão." Apesar de sua agudeza e habilidade especiais, ele não consegue isolar um fato de suas relações meramente políticas para contemplá-lo nos termos absolutos exigidos para o seu aproveitamento pelo intelecto — por exemplo, o

que se impõe moralmente hoje em dia nos Estados Unidos no tocante a agir frente à escravidão; no entanto, ele se arrisca ou é levado a formular uma resposta desesperada tal como a que se segue, e insiste que fala em termos absolutos, como um homem particular: "A forma pela qual os governos dos Estados onde existe escravidão decidem regulamentá-la é matéria de sua própria deliberação, na qual são responsáveis perante seus cidadãos, perante as leis gerais da propriedade, da humanidade e da justiça, e perante Deus. Quaisquer associações formadas em outro lugar, mesmo oriundas de um sentimento de compaixão humana, ou com qualquer outra origem, nada têm a ver com o assunto. Nunca lhe dei qualquer apoio, e nunca darei."* Que novo e original código de obrigações sociais pode ser inferido de palavras como essas?[28]

Para os que não conhecem as fontes mais puras da verdade, que não querem subir mais a sua correnteza, a opção — sábia — é a de interromper sua busca na Bíblia e na Constituição; será aí que eles a sorverão, com reverência e humildade; mas para aqueles que conseguem enxergar que a verdade vem mais de cima e alimenta esse lago ou aquele remanso, é preciso preparar de novo o corpo para continuar a peregrinação, até chegar à nascente.

Ainda não surgiu um homem dotado de um gênio para legislar no nosso país. Homens assim são raros na história mundial. Oradores, políticos e homens eloqüentes existem aos milhares; mas ainda estamos por ouvir a voz do orador capaz de solucionar as complexas questões do dia. Amamos a eloqüência por seus méritos próprios, e não pela sua capacidade de pronunciar uma verdade qualquer, e nem pela possibilidade de inspirar algum heroísmo. Nossos legisladores ainda não aprenderam a distinguir o valor relativo do livre comércio frente à liberdade, à união e à retidão. Eles não têm gênio ou talento nem para as questões relativamente simplórias dos impostos, das finanças, do comércio e da indústria, da agricultura. A América do Norte não conseguiria manter por muito tempo a sua posição entre as nações se fôssemos abandonados à esperteza palavrosa

* *Nota de Thoreau:* Inseri esses trechos do discurso de Webster depois de ter proferido a conferência.

dos congressistas; felizmente contamos com a experiência madura e com os protestos efetivos do nosso povo. Talvez não tenha o direito de afirmar isso, mas o Novo Testamento foi escrito há 1.800 anos atrás; no entanto, onde encontrar o legislador suficientemente sábio e prático para se aproveitar de tudo que esse texto ensina sobre a ciência da legislação?

A autoridade do governo, mesmo do governo ao qual estou disposto a me submeter — pois obedecerei com satisfação aos que saibam e façam melhor do que eu e, sob certos aspectos, obedecerei até aos que não saibam nem façam as coisas tão bem — é ainda impura; para ser inteiramente justa, ela precisa contar com a sanção e com o consentimento dos governados. Ele não pode ter sobre minha pessoa e meus bens qualquer direito puro além do que eu lhe concedo. O progresso de uma monarquia absoluta para uma monarquia constitucional, e desta para uma democracia, é um progresso no sentido do verdadeiro respeito pelo indivíduo. Será que a democracia tal como a conhecemos é o último aperfeiçoamento possível em termos de construir governos? Não será possível dar um passo a mais no sentido de reconhecer e organizar os direitos do homem? Nunca haverá um Estado realmente livre e esclarecido até que o Estado venha a reconhecer no indivíduo um poder maior e independente — do qual a organização política deriva seu próprio poder e sua própria autoridade — e até que o indivíduo venha a receber um tratamento correspondente. Fico imaginando, e com prazer, um Estado que possa enfim se dar ao luxo de ser justo com todos os homens e de tratar o indivíduo respeitosamente, como um vizinho; imagino um Estado que sequer consideraria como um perigo à sua tranqüilidade a existência de alguns poucos homens que vivessem à parte dele, sem nele se intrometerem nem serem por ele abrangidos, e que desempenhassem todos os deveres de vizinhos e de seres humanos. Um Estado que produzisse essa espécie de fruto, e que estivesse disposto a deixá-lo cair tão logo amadurecesse, abriria o caminho para um Estado ainda mais perfeito e glorioso; já fiquei imaginando um Estado desses, mas nunca o encontrei em qualquer lugar.

Notas do organizador

1 Traduzido de *Civil Desobedience*, texto extraído da edição crítica preparada por Owen Thomas (New York, Norton, 1966). Originalmente o nome dado a este texto foi o de *Resistance to Civil Government (Resistência ao Governo Civil)*; foi lido como conferência no Liceu de Concord, cidade natal do Autor, em fevereiro de 1848. Foi publicado pela primeira vez numa antologia organizada por Elizabeth P. Peabody, intitulada *Aesthetic Papers* (Boston, 1949). Minha tradução foi confrontada com as de Aydano Arruda e José Paulo Paes (ver "Bibliografia" da presente edição). Várias notas minhas estão baseadas nas de Owen Thomas, Aydano Arruda e José Paulo Paes.

2 Esse lema é em geral associado à corrente democrática da política nacional dos EUA nas décadas imediatamente posteriores à sua independência; em especial, ele evoca o ideário de Thomas Jefferson (1743-1826), terceiro presidente dos EUA e importante teórico da democracia. Owen Thomas lembra que Ralph Waldo Emerson (1803-1882), o famoso poeta amigo de Thoreau, diz algo parecido num ensaio chamado *Politics*.

3 Referência à guerra entre os EUA e o México, em 1846-1848. O México foi invadido por tropas norte-americanas e as hostilidades só cessaram depois de assinado um tratado no qual foi reconhecida pelo México a soberania dos EUA sobre o território que hoje compõe a maior parte dos Estados do Texas, Novo México e Califórnia. Thoreau, como outros abolicionistas militantes, denunciou a guerra como uma manobra dos donos de escravos do Sul para ampliar o território onde a escravidão negra podia ser legalmente empregada.

4 Thoreau provavelmente se refere ao Estaleiro Naval da Marinha de Guerra dos EUA, em Boston, no Estado de Massachusetts.

5 Trecho do poema *The Burial of Sir John Moore at Corunna* (*O Enterro de Sir John Moore em Corunna*), de Charles Wolfe (1791-1823).

6 Grupo de cidadãos convocados por um agente da lei com o objetivo de ajudá-lo nas suas funções.

7 Shakespeare, *Hamlet*, parte V.

8 Shakespeare, *King John*, parte V.

9 Ano que marca o início da rebelião das colônias da América do Norte contra o domínio inglês.

10 Filósofo e teólogo inglês, viveu entre 1743 e 1805. A citação é de seu texto *Principles of Moral and Political Philosophy (Princípios de Filosofia Moral e Política)*. Paley foi um dos precursores do utilitarismo, doutrina filosófica que usa como critério de avaliação (inclusive para a política) o princípio da maior felicidade do maior número possível de pessoas. Esse critério não é aceito por Thoreau.

11 Da poesia de Cyril Tourneur (1575?-1626), *The Revengers Tragedie*, IV, iv.

12 George Washington (1732-1799), um dos líderes da independência dos EUA e o seu primeiro presidente.

13 Benjamin Franklin (1706-1790), um dos líderes da independência norte-americana. Notabilizou-se ainda como escritor, inventor, diplomata e administrador público.

14 Referência à *Independent Order of Odd Fellows (Ordem Independente dos Pares Ímpares)*, uma irmandade secreta criada na Inglaterra no século XVIII; Thoreau não simpatizava com esse tipo de organização.

15 Nicolau Copérnico (1473-1543), astrônomo polonês, não foi de fato excomungado; mas a Igreja Católica Romana proibiu a circulação de suas idéias sobre o sistema solar e sobre a posição do nosso planeta dentro dele.

16 Martinho Lutero (1483-1546), teólogo alemão, líder da Reforma da Igreja alemã.

17 Thoreau se refere ao seu conterrâneo Samuel Hoar (1778-1856) e ao episódio em que ele se vira envolvido alguns anos antes. Hoar recebeu uma missão política do governador de Massachusetts: ir ao Estado da Carolina do Sul para argumentar, perante um tribunal federal, contra a validade de uma lei local que permitiu a prisão de um tripulante negro num navio do Estado de Massachusetts. Hoar acabou expulso por uma decisão da Assembléia Legislativa local. Vale lembrar que a escravidão negra não existia em Massachusetts (fora legalmente abolida em 1780) e que Thoreau já se engajara como militante no movimento abolicionista. Ver a nota 1 de *A escravidão em Massachusetts*, neste volume.

18 Herodes Antipas, governante da Galiléia entre 4 a.C. e 39 d.C.

19 Tibério César foi o Imperador Romano entre 14 e 37 d.C.

20 Essa passagem está no Evangelho de São Mateus, XXII.

21 Confúcio (551-479 a.C.), filósofo chinês cujas idéias influenciaram toda a civilização da Ásia oriental. A citação de Thoreau é a de *The Analects*, VIII, xiii.

22 Thoreau se refere à Igreja Congregacional de Concord.

23 Não há certeza sobre quem fez isso, mas parece ter sido uma tia de Thoreau, Maria Thoreau. Thoreau não gostou dessa iniciativa.

24 Isso se justifica, pois Thoreau era ótimo conhecedor das florestas em torno do Concord. Aliás, na época dessa sua prisão, Thoreau estava residindo sozinho numa cabana nas florestas vizinhas de Concord, experiência que durou pouco mais de dois anos e que lhe forneceu o material para escrever a sua obra principal, *Walden*, publicada pela primeira vez em 1854.

25 Referência irônica ao livro *La mie prigioni*, do escritor e político italiano Sílvio Pellico (1789-1854). Thoreau não gostava da curiosidade despertada pela sua prisão e evitava o assunto. O próprio estilo desse relato sobre a prisão é diferente do resto do ensaio, indicando talvez certa relutância em abordar o fato. É possível que esse trecho tenha sido retirado, sem maiores revisões, diretamente do seu *Journals (Diário)*, no qual ele anotou desde 1837 as passagens, experiências e idéias do seu dia-a-dia. É sabido que várias obras de Thoreau foram compostas a partir da reelaboração de trechos de seu *Diário*.

26 Daniel Webster (1782-1852), advogado, congressista e constitucionalista norte-americano.

27 Referência aos integrantes da Convenção Constitucional Federal, reunida em Filadélfia, em 1787, para elaborar a Constituição e fundar o governo da União norte-americana.

28 Thoreau cita trechos de um discurso de Webster no Senado, favorável ao ingresso do Estado do Texas na União norte-americana, fato que se deu em 1845.

A vida sem princípio[1]

HÁ ALGUM TEMPO atrás, no auditório de um Liceu, percebi que o conferencista tinha escolhido um tema que lhe era por demais alheio; dessa forma, não conseguiu me interessar tanto quanto seria possível. Ele se ocupou de coisas estranhas à sua paixão, de coisas mais próximas de suas extremidades e de sua pele. Nesse sentido, a conferência não tinha um pensamento realmente central ou centralizador. Minha vontade era que ele falasse sobre a mais íntima de suas experiências, tal como faz o poeta. Nunca me senti tão lisonjeado quanto no dia em que alguém pediu *a minha opinião* e prestou atenção no que eu disse. Fico surpreso e também satisfeito quando isso acontece, pois é uma forma rara de fazer uso de minha pessoa; é como estar acostumado a usar uma ferramenta. Em geral, se querem alguma coisa de mim, os homens se limitam a perguntar quantos hectares estou atribuindo às suas propriedades — pois sou agrimensor — ou, no máximo, quais são as novidades banais que abarrotam minha mente. Nunca se interessam pela minha carne; preferem minha casca. Certa vez recebi a visita de um homem que vinha de bem longe para me convidar para proferir uma conferência sobre a escravidão; conforme a conversa foi avançando, descobri que ele e sua rodinha de amigos esperavam ter para si sete oitavos da conferência, deixando para mim apenas um oitavo. Por isso, recusei o convite. Considero evidente que quando sou convidado a dar uma conferência em qualquer lugar — e tenho tido alguma experiência nessa atividade[2] — é porque existe a vontade de saber o que *eu penso* a respeito de um assunto, muito

embora eu possa ser o maior idiota desse país; não creio que se espere de mim comentários meramente agradáveis ou então desejosos da aprovação da platéia; é por isso que minha decisão é sempre a de ministrar aos meus ouvintes uma forte dose de mim mesmo. Eles me chamaram, se comprometeram ao pagamento, e estou disposto a me dar a eles, mesmo que eu acabe sendo a coisa mais maçante que jamais lhes aconteceu.

Quero agora então dizer algo semelhante a vocês, meus leitores. Já que *vocês* são os meus leitores e eu não tenho sido um viajante assíduo, não vou ficar falando de pessoas que estão a milhares de quilômetros daqui; quero ficar tão perto de vocês quanto possível. O tempo é curto; vou deixar de lado todos os elogios, e reter todo o criticismo.

Vamos pensar sobre a maneira que vivemos nossas vidas.

Este mundo é um império dos negócios. Que agitação interminável! Quase toda noite sou acordado pelo chiado da locomotiva. Meus sonhos são interrompidos. Os dias de descanso simplesmente não existem. Seria glorioso ver uma única vez a humanidade desocupada. Só há trabalho, trabalho, trabalho. É difícil conseguir um caderno de folhas lisas para registrar meus pensamentos, quase todos são pautados para facilitar a contabilidade de dólares e centavos. Certa vez estava tomando notas de campo e um irlandês imaginou que eu estava calculando o meu pagamento. Se um homem fica aleijado por toda a vida por ter sido jogado por uma janela quando ainda criança, ou se um outro enlouquece com medo dos indígenas, lamenta-se a sorte de ambos principalmente por terem ficado incapazes... para os negócios! Creio que nada, nem mesmo o crime, se opõe mais à poesia, à filosofia e, acima de tudo, à vida, do que essa incessante movimentação dos negócios.

Existe um sujeito ganancioso, bruto e turbulento que vive nos arredores de nossa cidade e que pretende construir um muro ao pé do morro, acompanhando a borda da sua várzea. Os deuses quiseram afastá-lo das brigas e lhe meteram essa idéia na cabeça, e ele quer que eu passe três semanas ajudando nas escavações. No final, o que vai acontecer é que ele talvez ganhe algum dinheiro a mais para guardar e legar aos seus herdeiros, que o gastarão tolamente. Se eu aceitar esse trabalho, serei elogiado pela maioria de meus vizinhos como sendo ativo e trabalha-

dor; mas se eu preferir me dedicar a certas tarefas que dão um lucro autêntico muito maior — embora rendam pouco dinheiro — pode ser que eles tendam a me considerar um vadio. No entanto, como não preciso ser controlado pelo rigor de um trabalho sem sentido, e como nada enxergo de elogiável no empreendimento dessa pessoa — nem em muitos empreendimentos do nosso governo e de outros — prefiro aprender as lições de uma escola diferente; não importa para mim que prazer aquela pessoa ou aqueles governos acaso consigam com os seus afazeres.

Se um homem gasta a metade de cada dia a passear pelas florestas simplesmente por gostar delas, arrisca-se a ser considerado um preguiçoso; mas se ele gasta o dia inteiro como especulador, devastando a floresta e provocando a calvície precoce da terra, aí então ele ganhará a admiração de seus concidadãos como pessoa ativa e empreendedora. Pode uma cidade se interessar por suas florestas apenas para acabar com elas?!

A maioria dos homens se consideraria insultada se recebesse uma proposta para se ocupar de atirar pedras por cima de um muro e, depois, atirá-la de volta ao lugar de origem, apenas para ganhar seu salário. No entanto, há muitos homens que atualmente não têm empregos mais úteis do que esse. Quero dar um exemplo: numa manhã de verão, há algum tempo atrás, e bem cedo, vi um vizinho caminhando ao lado de sua parelha de animais puxando com dificuldade uma pesada pedra talhada amarrada por debaixo do eixo da carroça; a cena sugeria uma atmosfera de operosidade — a jornada iniciada, a testa suando, uma reprimenda viva a todos os preguiçosos e vadios; ele parava em frente a seus animais, deslocava-se para o lado com um movimento preciso de seu chicote piedoso e esperava que a parelha ultrapassasse. Pensei comigo mesmo: essa é a labuta para cuja proteção existe o Congresso Nacional — o labor honesto e viril, tão íntegro quanto a duração de um dia, que torna doce o pão e mantém doce a sociedade, que todos os homens respeitam e consagram. Ali vai um membro da sagrada legião, executando a tarefa pesada e irritante, mas necessária! De fato, senti-me um pouco envergonhado, pois assisti essa cena de minha janela e não estava do lado de fora, me ocupando de algo parecido. O dia avançou e à noitinha passei em frente à casa de um outro vizinho — que tem muitos criados, gasta muito mal o seu dinheiro e nada acrescenta à prosperidade geral — e vi aquela pedra matinal ao lado de uma construção extravagante com que esse Lorde Timothy Dexter [4] pretendia embelezar o ambiente; nesse instante, desapareceu toda a dignidade que meus olhos tinham enxergado na labuta matinal do outro vizinho. É minha opinião de que o sol merece iluminar trabalhos mais úteis do que esse. Devo acrescentar que o contratante desse trabalho, depois disso, fugiu da cidade, sem pagar suas dívidas para com boa parte dos habitantes; depois de passar pelo Tribunal, ele se estabeleceu em outro lugar e novamente se transfigurou em benfeitor das artes.

Com pouquíssimas exceções, as formas de ganhar dinheiro são todas degradantes. Se você fez alguma coisa pela qual recebeu *apenas* dinheiro, aí então você foi vadio de verdade, ou algo pior ainda. Se o trabalhador recebe nada mais que o dinheiro pago pelo empregador, ele é esbulhado, ele se esbulha. Se você deseja ganhar dinheiro como escritor ou conferencista, é preciso ser popular, e isso significa um tropeção vertical. A comunidade está mais ansiosa por remunerar os serviços que são mais desagradáveis de executar. Você acaba sendo pago para ser algo menos que um homem. O estado, em geral, é também incapaz de premiar mais sabiamente o trabalho de qualidade. Até mesmo o poeta laureado prefere cantar outras coisas que não as crônicas da realeza. É preciso suborná-lo com uma pipa de vinho, e pode ser que um outro poeta abandone sua musa para disputar essa mesma pipa. No que diz respeito ao meu próprio ofício, meus empregadores não se interessam nem mesmo pelo tipo de trabalho topográfico que eu faria com o maior prazer. Eles prefeririam que eu fizesse um trabalho grosseiro e sem capricho e — ai! — sem qualidade. Quando digo que há diversas formas de medir terras, meu contratante geralmente se interessa pela que lhe pode garantir uma propriedade maior e não pela mais correta. Certa vez inventei um método para medir lenha empilhada e tentei introduzi-lo em Boston; mas lá o encarregado das medições me disse que os vendedores não queriam que sua lenha fosse medida corretamente — ele mesmo já era considerado preciso demais pelos vendedores que, por causa disso, preferiam obter as medições em Charlestown, do outro lado da ponte.

O objetivo do trabalhador deveria ser o de fazer bem um certo trabalho, e não o de ganhar a vida, ou de arranjar "um bom

emprego"; e seria mais econômico, mesmo em termos pecuniários, que uma comunidade remunerasse seus trabalhadores tão generosamente a ponto deles não se sentirem ocupados em fins inferiores ou mesmo em seu mero sustento, mas sim para fins científicos ou até mesmo morais. Não contrate um homem que faça o seu trabalho por dinheiro, mas sim o que trabalha com gosto pelo que faz.

É realmente notável: poucos homens têm empregos tão bons, na sua própria opinião, a ponto de neles permanecerem perante a perspectiva de um pouco de dinheiro ou fama. Leio muitos anúncios que clamam por jovens dinâmicos, como se o dinamismo fosse tudo de que um jovem pode dispor. No entanto, já fui surpreendido por pessoas que me abordaram com a maior autoconfiança para me propor — e eu já sou um adulto — a participação num empreendimento deles, como se eu nada tivesse para fazer, como se minha vida até então fosse um fracasso completo. Que duvidosa distinção eles me fizeram! Parece que elas me encontraram no meio do oceano, nadando contra a correnteza e sem rumo, e se propuseram a me salvar com suas ofertas! Que diriam os agentes de seguros se eu as aceitasse? Não, não! Não estou desempregado a essa altura da viagem. Para dizer a verdade, quando era menino e vadiava pelo porto de minha cidade, vi um anúncio que convocava homens saudáveis para serem marinheiros; e embarquei logo que atingi a maioridade.

A comunidade não tem suborno capaz de tentar um homem sensato. É possível levantar dinheiro suficiente para perfurar uma montanha com um tunel, mas não é possível levantar dinheiro suficiente para contratar um homem que se ocupe com a *sua própria* vida. Um homem eficiente e valoroso faz o que pode, quer a comunidade lhe pague ou não. Os ineficientes oferecem a sua ineficiência a quem pagar mais, e sempre anseiam por uma colocação. Seria de se supor que eles raramente ficassem desapontados.

Talvez eu seja excepcionalmente cioso de minha liberdade. Sinto que minha ligação e minha obrigação com a sociedade são ainda tênues e passageiras. Ganho a vida com alguns serviços bem leves que me permitem ser um pouco útil a meus contemporâneos e, no entanto, essas tarefas são ainda um prazer para mim, e raramente me lembro de que são uma obrigação. Por

enquanto tenho tido sucesso nisso. Mas prevejo que se minhas necessidades aumentarem muito então o trabalho necessário para dar conta delas se tornaria uma labuta enfadonha. Se eu vendesse tanto minhas manhãs quanto minhas tardes à comunidade e parece ser isso que a maioria faz — tenho certeza de que nada me restaria pelo qual valesse a pena viver. Espero, portanto, nunca trocar meus direitos naturais por um prato de sopa. Quero sugerir que um homem pode ser bastante trabalhador e no entanto gastar mal o seu tempo. Não existe um desastrado maior do que o sujeito que gasta a maior parte de sua vida no ato de ganhar a vida. Todos os grandes empreendimentos se sustentam por si mesmos. O poeta, por exemplo, deve sustentar o corpo com sua poesia, assim como máquina a vapor que aplaina a madeira se alimenta da serragem que aquece suas caldeiras. Deve-se ganhar a vida com o que é vital. Mas tal como se acredita que 97 dentre 200 comerciantes fracassam, também fracassa a vida da maioria dos homens quando usamos um critério tão exigente; podemos profetizar falências com toda a certeza.

Vir a esse mundo apenas como herdeiro de uma fortuna não é nascer; é ser natimorto. Ser sustentado pela caridade dos amigos ou por uma pensão governamental — desde que se consiga continuar respirando — é entrar para um asilo de pobres; não importam os belos sinônimos empregados para batizar essas relações. Aos domingos, o pobre endividado vai à igreja para fazer um balanço de sua situação e evidentemente descobre que as despesas foram maiores que sua renda. No âmbito da Igreja Católica, em particular, eles vão às barras dos tribunais, fazem uma confissão clara, abrem mão de tudo e vão pensar em começar de novo. Assim, os homens vão ficando confortavelmente deitados e, enquanto falam da decadência do homem, são incapazes de mexer um músculo para tentar levantar.

Há uma importante diferença entre as exigências respectivas que dois homens fazem à vida quando o primeiro se satisfaz com um sucesso medíocre no qual todas as suas metas podem ser atingidas com facilidade e o segundo, mesmo sofrível e malogrado, prefere mirar um pouco mais acima, embora não alto demais. Eu preferiria muito mais ser o segundo, embora os Orientais digam que "A grandeza não se aproxima do homem cujo olhar está sempre baixo; e os que olham sempre para cima estão se empobrecendo".

É digno de nota que quase nada ou mesmo nada exista escrito que valha a pena ser lembrado a respeito de como ganhar a vida; não basta uma informação sobre como ganhar a vida simplesmente com honestidade e honra, mas que tal ato seja atraente e glorioso; pois se *ganhar* a vida não for atraente e glorioso, não é a vida que se ganha. A julgar pela literatura existente sobre o assunto, é possível pensar que tal questão nunca soou entre as preocupações de um indivíduo solitário. Será que os homens estão por demais enojados com sua experiência e preferem calar? A lição de valor que aprendemos com o dinheiro, e que o Autor do Universo tanto se esforçou para nos ensinar, essa nós tendemos a esquecer inteiramente. No que diz respeito aos meios de vida, é assombrosa a indiferença que todos os tipos de homens — os chamados reformistas, inclusive — lhe dedicam — quer eles os herdem, ganhem ou roubem. Acho que a Sociedade nada fez por nós nesse particular, ou pelo menos ela desfez o que conseguiu fazer. O frio e a fome, para a minha natureza, são mais amigáveis que os métodos adotados e aconselhados pelos homens para espantá-los para longe.

Na maior parte dos casos faz-se um uso inteiramente equivocado do adjetivo *sábio*. Como pode alguém ser sábio se ele não consegue viver melhor que outros homens? Bastará ser mais matreiro e intelectualmente sutil? A Sabedoria está presente num trabalho enfadonho? Ou dará sempre a lição de *seu próprio exemplo*? Haverá uma sabedoria que não aquela aplicada à vida? Ou será ela apenas o moleiro que mói a lógica mais requintada? É pertinente perguntar se Platão ganhava *sua vida* melhor ou com mais sucesso que seus contemporâneos — ou teria ele como outros sucumbido às dificuldades da vida? Terá sido apenas pela indiferença ou pela empáfia que ele aparentemente prevaleceu sobre alguns deles? Ou será que sua vida foi mais fácil pelo fato de uma tia sua ter lembrado de incluí-lo entre seus herdeiros? As maneiras pelas quais se sustenta a maioria dos homens, isto é, a sua vida, nada mais são do que expedientes circunstanciais, uma fuga do verdadeiro sentido da vida; isso ocorre principalmente porque os homens não conhecem nada melhor, mas em parte porque também não querem nada melhor.

A corrida migratória para a Califórnia,[5] por exemplo, e a atitude não apenas de comerciantes, mas ainda dos chamados

filósofos e profetas em relação a ela, refletem a maior das desgraças da humanidade. É inacreditável que tantos se disponham a viver em função da sorte, para então reunir os meios de comandar o trabalho dos menos sortudos, sem contribuir em nada para o bem estar da sociedade! E é isso que consideram espírito empreendedor! Nunca ouvi falar de um desenvolvimento mais espantoso da imoralidade do comércio e das formas vulgares de se ganhar a vida. A filosofia, a poesia e a religião de homens assim não valem mais que a secreção de fungos. O porco, que ganha sua vida fuçando, revirando o solo, se envergonharia de tal companhia. Se pudesse comandar a riqueza de todo o mundo com a ponta dos dedos eu certamente não pagaria *tanto* por ela. Até Maomé sabia que Deus não estava brincando ao criar o mundo. Tudo isso faz de Deus um senhor cheio de dinheiro que se diverte com a visão de uma humanidade sôfrega a se engalfinhar por um punhado de moedas jogadas para o alto. Rifar o mundo! Passar uma rifa para ver quem ganha a subsistência nos domínios da Natureza! Que crítica, que sátira às nossas instituições! O fim disso tudo será a humanidade se enforcando num galho de árvore. Terá sido apenas isso que os homens aprenderam com todos os preceitos de todas as Bíblias? E será que a última e mais admirável invenção da raça humana é apenas uma enxada melhor para revirar a lama? É esse o ponto de encontro entre Orientais e Ocidentais? Deus terá mesmo nos instruído a ganhar a vida cavando terras em que nunca plantamos — e nos premiaria, por acaso, com montões de ouro?

Deus doou ao homem correto um certificado que lhe garantia comida e roupa, mas o homem desonesto arrombou o cofre de Deus e encontrou uma fac-símile do certificado e acabou conseguindo também comida e roupa. Estou falando de um dos maiores sistemas de falsificação já vistos. Eu não sabia que a humanidade sofria pela falta de ouro. Eu mesmo vi pouco ouro em toda a minha vida. Sei que é um metal muito maleável, mas a sabedoria é ainda mais maleável. Um grão de ouro dourará uma superfície bem grande, mas um grão de sabedoria cobre muito mais.

O homem que escava em busca de ouro nas ravinas das montanhas é um jogador tão inveterado quanto o outro que joga cartas nos salões de San Francisco. Que diferença existe entre

sacudir uma peneira e sacudir dados? Se você vence, a sociedade sai perdendo. O escavador de ouro é inimigo do trabalhador honesto, independente de quaisquer controles ou compensações porventura existentes. Não basta me dizer que você trabalhou muito para conseguir o seu ouro. O Diabo também trabalha muito. Os malfeitores muitas vezes enfrentam dificuldades de diversos tipos. O observador mais simplório entra nas minas e diz que achar ouro é tal como ganhar na loteria e que, obtido dessa forma, não equivale ao salário pago a um trabalhador honesto. Mas ele mesmo acaba esquecendo na prática o que viu, pois enxergou apenas o fato, e não o princípio, e se estabelece como comerciante perto das minas; ou seja, ele compra um bilhete no que em geral acaba por ser outra loteria, de identidade menos óbvia.

Certa noite, li o relato de Howitt[6] sobre as minas de ouro da Austrália e durante toda a madrugada minha mente ficou ligada nas imagens: numerosos vales e seus riachos, todos recortados de fossas fétidas com 3 a 30 metros de profundidade e 2 metros de largura, tão grudadas umas nas outras quanto possível, parcialmente cheias de água... tal é o terreno para onde os homens se deslocam furiosamente para cavar suas fortunas... sem certeza de começar por aqui ou por ali... tudo que sabem é que o ouro está em algum lugar debaixo de suas tendas... por vezes cavando até 50 metros de profundidade para achar o veio ou então deixar de achá-lo por uma diferença de 30 centímetros... transformados em demônios e indiferentes aos seus próprios direitos, pela sede de riqueza... vales inteiros, às vezes com 50 quilômetros de extensão, subitamente perfurados pelos poços dos mineiros, centenas deles se afogando... com água até os joelhos, cobertos de lama e argila, trabalham dia e noite, e morrem vítimas das intempéries e das doenças. Depois de ler um relato desses, e depois de esquecê-lo em parte, fiquei pensando, casualmente, na vida insatisfatória que venho tendo pelo fato de fazer o que fazem os outros; e ainda tomado pela visão das escavações, perguntei por que *eu* não deveria peneirar algum ouro por dia — ainda que me ocupasse das pepitas menores — por que *eu* não deveria fincar uma sonda para descobrir ouro dentro de mim, para então trabalhar nessa mina. *Existe* em você um Ballarat, um Bendigo,[7] e que diferença faz se o terreno

está enlameado? De qualquer forma, posso encontrar um caminho, mesmo solitário e estreito e tortuoso, pelo qual poderia andar com amor e respeito. Em qualquer circunstância que um homem se separe da multidão e siga seu próprio caminho com essa disposição, ela acaba chegando a uma bifurcação. Os viajantes comuns não enxergarão mais que um buraco na cerca. Mas o andante solitário optará por cruzar as muitas terras do seu *caminho da verdade.*

Os homens se apressam em chegar à Califórnia e à Austrália como se o verdadeiro ouro pudesse ser encontrado naquelas paragens; mas isso significa escolher a direção inteiramente oposta ao local onde está o ouro. Eles vão escavar cada vez mais longe do rumo verdadeiro, e atingem sua maior infelicidade exatamente quando se consideram muito bem-sucedidos. Não haverá ouro no nosso solo *nativo*? Não há um rio que vem das montanhas douradas e desce pelo nosso vale nativo? E não vem ele desde antes da primeira era geológica, trazendo partículas brilhosas e formando para nós as pepitas? É bem estranho dizer isso, mas no caso de um escavador buscar secretamente os caminhos de prospecção desse ouro verdadeiro, não há perigo de alguém segui-lo ou de querer chegar à sua frente. Ele pode reivindicar e pesquisar até mesmo todo o vale, tanto suas porções cultivadas quanto as virgens, e viver em paz pelo resto de seus dias, pois ninguém virá disputar o seu território. Ninguém se importará com sua bateia ou com seus apetrechos. Ele não estará limitado a reivindicar apenas alguns metros quadrados, como em Ballarat; poderá pesquisar em qualquer lugar e passar o mundo inteiro pela peneira.

Eis o que Howitt diz sobre o homem que encontrou a enorme pepita de 15 quilos nas minas de Bendigo, na Austrália: "Ele logo começou a beber; comprou um cavalo e começou a andar por todos os lados, geralmente a galope, e, ao encontrar gente, perguntava se sabiam quem era ele para, em seguida, lhes informar gentilmente que ele era 'o maldito infeliz que tinha encontrado a pepita'. Ele um dia quase perdeu os miolos ao galopar a toda velocidade e bater num galho de árvore." Creio, no entanto, que não havia perigo disso acontecer, pois ele já perdera os miolos ao bater de cabeça na tal pepita. Howitt acrescenta: "É um homem irremediavelmente perdido." Mas ele é apenas um tipo

de uma classe. São todos uns desastrados. Vejam os nomes de alguns locais em que eles gostam de ficar escavando: "Planície do Asno", "Ravina da Cabeça do Carneiro", "Bar dos Assassinos" etc. Não haverá uma sátira contida nesses nomes? Não importa para onde arrastem sua riqueza suspeita; para mim esses homens sempre morarão em lugares tais como a "Planície do Asno", e talvez no "Bar dos Assassinos".

A mais recente aplicação de nosso dinamismo tem sido a pilhagem dos cemitérios do Istmo de Darien, e parece que isso ainda mal começou; de acordo com alguns relatos recentes, o legislativo de Nova Granada já está apreciando pela segunda vez um projeto de lei que regula essa espécie de mineração;[8] escreve um correspondente do *Tribune*: "Na estação seca, quando o tempo permitir uma melhor prospecção da região, não há dúvida de que serão encontradas outras *guacas* (cemitérios) riquíssimos." Diz ele aos emigrantes: "Não venha antes de dezembro; escolha a rota do istmo ao invés da que passa por Boca del Toro; não traga bagagem demais e não se atravanque com uma barraca; traga um bom par de cobertores; uma picareta, uma pá e um machado de boa qualidade é quase tudo que será necessário"; conselhos desse tipo poderiam ser encontrados no *Guia de Burker*.[9] Ele finaliza assim, com grifos e versalete: "*Se você está se dando bem na sua terra natal*, ENTÃO FIQUE ONDE ESTÁ." Não é inteiramente injusto interpretar essas palavras assim: "Se você está prosperando com a pilhagem dos cemitérios da sua terra, fique por aí mesmo."

Mas será preciso ir à Califórnia para ilustrar esses fatos? Ela é filha da Nova Inglaterra,[10] criada na nossa própria escola e igreja.

É notável que haja tão poucos defensores da moralidade entre todos os pregadores. Os profetas se dedicam apenas a perdoar os atos dos homens. A maioria dos reverendos mais antigos, os *illuminati* de nossa época, com um sorriso gracioso e nostálgico, entre uma inspiração e um arrepio, me aconselha a não ser tão sensível quanto a essas coisas — a englobar tudo, ou seja, a juntar tudo num monte de ouro. O melhor dos conselhos, que recebi quanto a esses assuntos foi simplesmente degradante. Seu argumento central foi: "Não vale a pena para você tentar reformar o mundo no que toca a esses assuntos. Não pergunte

como passaram manteiga no seu pão, porque você ficará enojado." E assim por diante. Seria melhor morrer logo de fome do que perder a inocência no processo de ganhar assim o pão de cada dia. O homem sofisticado que não traz em si um outro não sofisticado nada mais é do que um anjo negro. Conforme vamos envelhecendo, vamos ficando mais grosseiros, relaxamos um pouco nossa disciplina e, até certo ponto, deixamos de obedecer nossos melhores instintos. Mas devemos manter nossas posições até o limite da sanidade, sem ligar para as chacotas dos mais infelizes do que nós.

Nem mesmo na nossa ciência e filosofia encontramos com freqüência uma apreciação verdadeira e absoluta das coisas. O espírito sectário e intolerante firmou seus cascos até mesmo entre as estrelas do céu. Para descobri-lo, basta levantar a questão de as estrelas serem ou não habitadas. Por que deveríamos conspurcar os céus tal como a Terra? Foi uma pena que se descobrisse ser o Dr. Kane um maçom, como também o *Sir* John Franklin. Mas foi uma insinuação bem cruel que teria sido essa a razão para o primeiro partir em busca do segundo.[11] Não existe nesse país uma única revista importante que ousasse publicar sem comentários o que uma criança tenha a dizer sobre alguns assuntos importantes. A matéria teria de passar pelos D.T.'s[12] Eu preferiria a opinião dos colibris.[13]

Ao assistir o enterro da humanidade você presencia um fenômeno natural. Um pouco de raciocínio é o coveiro deste mundo.

Não conheço muitos homens *intelectuais* de mentalidade tão ampla e de espírito tão liberal que permitam ao próximo pensar alto na sua companhia. A maioria deles, logo no começo do diálogo, se põe a defender alguma instituição na qual parece ter interesse; ou seja, adota uma perspectiva particular, e não universal. Eles sempre tentarão colocar o seu próprio teto entre você e a luz do céu, mas você prefere uma vista livre para a imensidão dos céus. Aí eu grito: tirem suas teias de aranha da minha frente! Limpem suas vidraças! Fico sabendo em alguns liceus que foi decidido não debater assuntos relativos à religião. Mas como será que eu, o conferencista, vou saber qual a religião da platéia e quando estarei falando ou não dela? Já pisei uma arena dessas e fiz tudo que pude para colocar francamente minhas ex-

periências religiosas; a platéia sequer suspeitou disso. Minha palestra lhes pareceu tão inofensiva quanto um palavrório sem sentido. Se ao invés disso eu lhes tivesse lido a biografia dos maiores patifes da história, eles talvez ficassem pensando que eu tinha escrito as biografias dos diáconos de sua igreja. Em geral, me perguntam coisas como "De onde você vem?", ou então "Para onde você vai?" Uma pergunta muito mais pertinente foi aquela que certa vez escutei um ouvinte fazer ao seu companheiro do lado — "Em favor de que são as conferências dele?" Tremi dentro dos sapatos.

Falando imparcialmente, quero dizer que os melhores homens que conheço não são serenos, não são um universo autônomo. Na sua maior parte, eles prestam muita atenção às convenções, sabem lisonjear e preparam seu jogo de cena com mais cuidado do que os outros. Escolhemos o granito para calçar nossas casas e nossos celeiros; fazemos cercas de pedra; mas nós mesmos não temos o calçamento da granítica verdade, a mais rudimentar das rochas primitivas. Nossos esteios estão podres. Do que poderá ser feito um homem se não de algo que consideramos coerente com a mais pura e sutil das verdades? Freqüentemente acuso meus melhores amigos de serem muito frívolos; pois além de não observarmos hábitos e deferências, não nos ensinamos mutuamente as lições de honestidade e de sinceridade comuns aos animais, nem as lições de constância e de solidez comuns às rochas. No entanto, a culpa é em geral mútua, pois não é nosso costume exigirmos mais uns dos outros.

Toda aquela excitação que houve em torno de Kossuth[14] — vejam como foi característica, embora superficial! Foi apenas um outro tipo de política, ou de dança. Por todo o país houve gente discursando em sua homenagem, mas todos expressavam a opinião — ou a falta de opinião — da multidão. Ninguém usou a verdade como base. Nada se fez além de arrebanhar as pessoas, encostá-las umas nas outras como sempre, sem encostar o conjunto em coisa alguma; os Hindus, da mesma forma, concebiam o mundo pousado nas costas de um elefante, o elefante de cima em cima de uma tartaruga, a tartaruga sobre uma serpente, e nada tinham para colocar sob a serpente. Tudo que conseguimos com aquele alvoroço todo foi o chapéu de Kossuth.

A maior parte de nossas conversas comuns é também oca e ineficaz. É um encontro de superficialidades. Quando nossa vida não mais é interior e privada, a conversação degenera em bisbilhotices. É difícil encontrar um vizinho que nos diga algo além do que leu no jornal ou ouviu de outro vizinho; e em geral a única diferença entre nós e o nosso vizinho é que ele leu o jornal, ou saiu para tomar chá, e nós fizemos o contrário. Na medida em que nossa vida interior vai naufragando mais constantes e desesperadas são nossas incursões à agência do correio. Podem estar certos disso: o pobre coitado que sai de lá com o maior número de cartas, orgulhoso de exibir o volume de sua correspondência, não recebe há muito tempo notícias de si mesmo.

Não tenho certeza, mas considero excessivo ler um jornal por semana. Recentemente fiz isso e tive a sensação de passar exatamente uma semana fora de minha terra natal. O sol, as nuvens, a neve e as árvores já não me diziam tanto quanto antes. É impossível servir a dois senhores. É preciso mais do que a devoção de um dia para conhecer e tomar posse da riqueza de um dia.

Ao fim de um dia, é bem possível ficar envergonhado de contar as coisas que lemos e ouvimos. Não sei por que minhas novidades têm que ser tão vulgares; por que as notícias precisam ser tão desinteressantes, se confio que as pessoas podem sonhar e ter esperança? A maior parte das novidades não fala ao nosso espírito. É a mais mofada das repetições. Muitas vezes somos tentados a perguntar por que damos tanta ênfase a uma experiência específica que tivemos — por exemplo, o fato de cruzar de novo na calçada com Hobbins, o Oficial do Registro de Títulos, depois de 25 anos. Nesse tempo todo não terá ocorrido nada de novo? São assim as novidades do dia. Os fatos trazidos por elas parecem flutuar na atmosfera, tão desprezíveis quanto espórulos de fungos, até se grudarem num talo ou numa superfície esquecida de nossa mente, o que lhes dá uma base e, portanto, lhes permite um crescimento parasítico. Devemos nos precaver seriamente contra esse tipo de novidades. Que importância têm elas, mesmo no caso de o planeta explodir, se não há um grão de caráter envolvido na explosão? Se estamos sadios, esses acontecimentos não despertam qualquer curiosidade. Não devemos viver à cata de diversões ociosas. Eu não dobraria a esquina para testemunhar a explosão do planeta.

Você passou todo o verão e parte do outono, talvez, inconscientemente longe dos jornais e das novidades do dia, e agora você descobre o motivo: é que suas manhãs e suas tardes lhe trouxeram muitas novidades. Suas caminhadas foram cheias de incidentes. Você se ocupou dos seus próprios assuntos nos campos de Massachusetts, e não dos acontecimentos da Europa. Se você por acaso faz parte, se movimenta e cultiva sua vida naquele finíssimo estrato social no qual se propagam os acontecimentos que viram notícias do dia — estrato esse mais fino do que o papel do jornal — então sua vida será preenchida por esses acontecimentos; mas se paira acima ou mergulha abaixo deles, não há porque lhes dedicar qualquer atenção. Na verdade, contemplar todo dia o nascer e o pôr do sol — contemplar um fato universal — é tudo que precisaríamos para nos manter eternamente sãos. Nações! O que são nações? Tártaros, Hunos e Chineses! Como insetos, elas lançam enxames. É em vão que o historiador se esforça para torná-las memoráveis. É por causa da ausência de um homem que existem tantos homens. Quem povoa o mundo são indivíduos. Qualquer homem que raciocine pode afirmar, junto com o Espírito de Lodin:

"De minhas alturas contemplo as pequenas nações
E elas viram cinzas aos meus pés
Com calma passeio pelas nuvens
São agradáveis as planuras do meu repouso."

Por Deus! Que vivamos sem ser puxados pelos cães, à maneira dos esquimós, cortando colinas e baixadas, mordendo as orelhas uns dos outros.

Freqüentemente me dou conta — e não deixo de me arrepiar ante o perigo — de quase conceder que minha mente se ocupe de algum incidente trivial — tal como as novidades que circulam pelas ruas; e não canso de me espantar com a disposição dos homens de dar tratos à mente em relação a um lixo tão desprezível; isto significa dar passagem aos incidentes e rumores mais fúteis naquilo que deveria ser o território sagrado da reflexão. Será que nossa mente deve ser uma arena pública, onde se discutam principalmente o que corre de boca em boca pelas ruas e salões de chá? Não deve ser ela um quadrante do próprio céu —

um templo hipertro[15] consagrado à adoração dos deuses? Já é para mim tão difícil lidar adequadamente com aqueles poucos fatos que me são importantes que vacilo em me sobrecarregar com os que nada me dizem; só uma mente divina pode iluminar fatos obscuros. No geral, são assim as novidades dos jornais e das conversas. É muito importante defender a castidade de nosso espírito no que diz respeito a isso. Imagine: permitir que os detalhes de um único caso do tribunal criminal passeiem pelo nosso pensamento, pisoteiem profanamente seu próprio *sanctum sanctorum*[16] por uma hora ou — ai! — por muitas horas! Isso é fazer de botequim os recantos mais íntimos do espírito, como se a poeira das ruas nos tivesse tomado a alma, como se o santuário de nossa reflexão fosse a própria rua, com seu rebuliço, sua barulhada, sua imundície! Não seria isso um suicídio moral e intelectual? Nas ocasiões em que me vi obrigado a passar algumas horas como espectador e ouvinte numa sala de tribunal, percebi meus vizinhos voluntariamente se esgueirando de vez em quando, passando para lá e para cá nas pontas dos pés, de mãos limpas e rostos barbeados; aos olhos de minha imaginação, assim que tiraram os chapéus suas orelhas cresciam subitamente no formato de enormes funis, a ponto de quase sumirem de todo as suas pequenas cabeças. Tal como as pás de um moinho de vento, elas captavam o fluxo amplo, mas ralo, do som que, depois de dar umas voltas titilantes por seus cérebros medíocres, saía pelo outro lado. Fiquei especulando se eles teriam o cuidado de limpar os ouvidos antes de lavar as mãos e o rosto, ao chegar em casa. Nesses momentos, já me pareceu que ouvintes e testemunhas, o júri e o advogado, o juiz e o criminoso em julgamento — se é que posso considerá-lo culpado antes da sentença — eram todos igualmente criminosos, e um raio poderia muito bem cair e acabar com todos eles.

Use todos os tipos de armadilhas e placas, ameace com a punição suprema da lei de Deus, faça tudo para afastar tais invasores do único chão que pode ser sagrado para você. É tão difícil esquecer o mal quanto inútil é recordá-lo! Se não posso deixar de ser um caminho para a passagem de outros, prefiro deixar passar os riachos das montanhas, as correntezas do Parnaso, e não os esgotos da cidade. Existe a inspiração, aquele falatório que vem das cortes celestes e bate no ouvido do espírito mais atento.

Existe a revelação profana e repetitiva que sai do botequim e do tribunal de polícia. O mesmo ouvido é capaz de receber ambas as mensagens. Depende exclusivamente do caráter do ouvinte a definição de qual delas será escutada. Minha opinião é que o espírito pode ser profanado para sempre pelo hábito de prestar atenção a coisas triviais, de maneira a manchar com a trivialidade todos os pensamentos. Nosso próprio intelecto ficará compactado, por assim dizer: suas fundações serão estilhaçadas em pequenos fragmentos e as rodas dos viajantes passarão por cima; e se você estiver interessado em saber que tipo de pavimentação é a mais durável — melhor do que pedras lisas, tábuas de abeto ou asfalto — basta prestar atenção a alguma de nossas mentes sujeitas há muito tempo a esse tratamento.

Se dessa forma no conspurcamos — e quem pode dizer que não o fez? — o único remédio é buscar, com meticulosidade e devoção, a ressacralização de nosso espírito, fazer dele novamente um templo. Devíamos tratar nossos espíritos — ou seja, nós mesmos — como crianças inocentes e ingênuas sob nossa guarda, e selecionar com cuidado os objetos e assuntos colocados à sua atenção. Não leiamos os Diários. Leiamos as Eternidades. No fim das contas, os convecionalismos são tão ruins quanto as impurezas. Até mesmo os fatos científicos podem empoeirar a mente com sua secura, a não ser que sejam, por assim dizer, apagados do quadro-negro todas as manhãs ou, melhor ainda, fertilizados com o orvalho da verdade fresca e viva. A sabedoria não chega aos espíritos em detalhes; ela viaja nos lampejos da luz celeste. Sim, cada fato que transita pela mente colabora no seu desgaste, contribui para torná-la rota, aprofunda as marcas das rodas que, na antiga Pompéia, davam prova de como eram cheias de movimento as suas ruas. Quantas coisas há que poderíamos muito bem tomar a decisão de desconhecer — não seria melhor ignorar as carrocinhas dos mascates, no seu passo bem lento, a atravessar aquela ponte tão longa pela qual nós confiamos finalmente passar, saindo da mais remota margem do tempo e chegando à primeira das praias da eternidade?! Não teremos alguma cultura, uma fineza ainda que mínima, ou apenas uma capacidade de viver grosseiramente e de servir ao Diabo, de conseguir um pouco de riqueza, fama ou liberdade mundanas e exibi-las com falsidade, como se fôssemos apenas casca e concha, vazios de tudo que seja tenro e vivo? Devem nossas instituições ser como aquelas pinhas cheias de frutos abortivos, cuja utilidade é apenas a de nos espetar os dedos?

É hábito dizer que os Estados Unidos da América são a arena na qual a batalha pela liberdade será travada; certamente que não se deseja com isso indicar uma liberdade de conteúdo meramente político. Mesmo admitindo que o norte-americano se livrou do tirano político, ele ainda é escravo de um tirano econômico e moral. Agora que a república — a *res-pública* — foi estabelecida, já é hora de tratar da *res-privata* — o estado particular, de providenciar aquilo que o Senado de Roma exigia de seus cônsules: *ne quid res-PRIVATA detrimenti caperet*, ou seja, que o estado *particular* não seja prejudicado.

Não consideramos esse país como a terra dos homens livres? Que significa ser livre do poder do Rei Jorge[17] e continuar escravo do Rei Preconceito? Que significa nascer livre e não viver livre? Qual o valor de qualquer tipo de liberdade política se não serve como meio para uma liberdade moral? De que nos orgulhamos, da liberdade de sermos escravos ou da liberdade de sermos livres? Somos um povo de políticos profissionais e nos preocupamos apenas com a defesa externa da liberdade. Talvez os filhos de nossos filhos venham ser realmente livres. Nós nos tributamos de forma injusta. Existe um pedaço de nós que não é representado. Trata-se de tributação sem representação.[18] Alojamos soldados, alojamos idiotas e gado de todos os tipos em nós mesmos. Instalamos nossos corpos imensos nas nossas almas frágeis, até que os primeiros engulam toda a substância das segundas.

No que diz respeito a uma cultura e a uma humanidade verdadeiras, somos ainda essencialmente provincianos, e não metropolitanos; nada mais somos que uns Jônatas.[19] Somos provincianos porque não adotamos os padrões de nossa terra natal; porque não reverenciamos a verdade, apenas o reflexo da verdade; porque estamos distorcidos e limitados por nossa dedicação exclusiva ao comércio e aos negócios e à indústria e à agricultura e a essas coisas que são apenas meios, e não fins.

O Parlamento Inglês é também provinciano. Seus integrantes nada mais são do que caipiras; eles se revelam como são

sempre que haja uma questão um pouco mais importante a ser resolvida — tal como a questão da Irlanda ou, melhor dizendo, a questão da Inglaterra. Suas naturezas se subordinam às suas incumbências. Suas "boas maneiras" dizem respeito apenas a coisas secundárias. Os modos mais finos do mundo soam desajeitados e idiotas na presença de uma fina inteligência. Os bons modos são apenas o emblema de dias passados — mesuras da corte, sapatos de fivela e calções apertados, tudo fora de moda. O caráter se perde cada vez mais pelos defeitos, de nada adiantando a excelência das maneiras, que são roupas ou cascas descartadas, indignas do respeito que se deve dedicar aos homens. Acontece que nos trazem as cascas ao invés da carne, e isso não se justifica nem pelo fato de que há alguns peixes cujas as cascas são de fato melhores do que as carnes. Quando um homem me impõe os seus bons modos, sinto-me como se ele estivesse me mostrando seu baú de preciosidades, enquanto eu prefiro travar conhecimento com ele. Não foi exatamente nesse sentido que o poeta Decker [20] chamou Jesus Cristo de "o primeiro cavalheiro de verdade que existiu". Repito que, nesse sentido, a mais esplêndida das cortes da Cristandade é provinciana, com autoridade suficiente apenas para tratar de interesses transalpinos, sem grandeza para se ocupar das questões de Roma. Bastaria um pretor ou um proconsul para resolver os problemas que absorvem a atenção do Parlamento Inglês ou do Congresso Norte-Americano.

Governar e legislar! E eu que pensava que tais profissões eram honestas! Já ouvimos muito falar de Numa, Licurgo e Sólon, e outros, na história mundial, cujos *nomes*, pelo menos, podem simbolizar a legislação ideal; mas imagine a tarefa de *regulamentar* a procriação de escravos ou a exportação de fumo! Que podem legisladores divinos ter a ver com a exportação ou a importação de fumo? Que legisladores humanos podem se ocupar da procriação de escravos? Vamos supor que uma questão dessas fosse submetida ao juízo de algum filho de Deus — ele tem ou não tem filhos no século XIX, ou a família se extinguiu? — como ela voltaria às nossas mãos? No dia do juízo final, o que um Estado como o de Virgínia alegará para se defender, logo ele que fez do fumo e dos escravos as suas culturas principais, as suas fontes de renda? [21] Que base existe para o patriotismo num

Estado desses? Minhas afirmações estão baseadas nas estatísticas que os próprios Estados publicam.

Temos um comércio que branqueja todos os mares em busca de nozes e passas, e que para isso transforma seus marinheiros em escravos! Há alguns dias atrás tive a oportunidade de ver um navio que naufragou, provocando muitas mortes, enquanto sua carga de trapos, frutos de zimbro e amêndoas amargas se espalhava pelas praias vizinhas. Não me pareceu que valesse a pena enfrentar os perigos do mar, de Leghorn até Nova Iorque, com a finalidade de trazer uma carga de frutos de zimbro e amêndoas amargas. A América do Norte comprando seus amargos do Velho Mundo! A salmoura do mar, o naufrágio, não há neles amargura suficiente para pôr a pique o gosto de viver aqui entre nós? Pois tal é o nosso elogiadíssimo comércio, pelo menos em grande parte; e existem os que assumem a postura de estadistas e filósofos e propagam cegamente a idéia de que a civilização e o progresso dependem exatamente desse tipo de intercâmbio e de atividade — a atividade de moscas voejando em torno de um barril de melado. Alguém poderia dizer que está tudo bem, fossem os homens ostras. E eu responderia que está tudo bem, fossem os homens mosquitos.

O Tenente Herndon, encarregado pelo nosso governo de fazer uma exploração na Região Amazônica e — dizem — ampliar o território da escravidão, observou que lá é necessária "uma população trabalhadora e ativa, que conheça bem os confortos da vida e que sinta as necessidades artificiais que a induzam a extrair os grandes recursos do país". Mas quais são as "necessidades artificiais" a serem estimuladas? Não pode ser a cobiça por coisas de luxo, como o fumo e os escravos da sua querida Virgínia (creio que ele é natural de lá); nem podem ser o gelo, ou o granito ou outras riquezas materiais da nossa Nova Inglaterra; os "grandes recursos de um país" não podem ser a fertilidade ou a aridez do solo que são os responsáveis por esses recursos. Em todos os Estados que conheço a principal carência é a de uma vontade superior e determinada para o seu povo. Basta isso para extrair da Natureza "os grandes recursos", e também para sobrecarregar a Natureza para além de seus recursos; o homem acaba morrendo naturalmente nesse processo. Quando estamos mais interessados na cultura do que nas bata-

tas, e quando desejamos a clareza de espírito mais do que guloseimas, aí então os grandes recursos do mundo são solicitados e usados; o resultado, a produção rentável, não são escravos, ou operários fabris,[22] e sim homens — aquelas peças raras tais como heróis, santos, poetas, filósofos e redentores.

Em poucas palavras, poderíamos dizer que assim como a calmaria do vento permite a formação de um monte de neve, a calmaria da verdade permite o surgimento de uma instituição. Mas logo o vento volta a bater nas suas paredes e a desfaz.

O que é chamado de política é algo relativamente tão superficial e não-humano que, em termos práticos, quase nunca reconheci claramente que tenha alguma coisa a ver com ela. Percebo que os jornais dedicam algumas de suas colunas à política e ao governo, sem cobrar pelo espaço; alguém poderia dizer que é esse o único mérito da iniciativa; mas não há quantia que me faça ler essas colunas, pois amo a literatura e também, até certo ponto, a verdade. Não quero embotar tanto a minha capacidade de julgamento moral. Ninguém poderá me incriminar por ter lido sequer uma única Mensagem Presidencial. Estamos numa época estranha desse nosso mundo, numa era em que impérios, reinos e repúblicas vêm, humildemente, esmolar à porta do homem privado, para chorar mágoas no seu ombro! Basta que eu abra um jornal para descobrir que um ou outro governo miserável, acuado e sem saída está me pedindo — um mero leitor — para votar nele; isso é ser mais inconveniente do que um mendigo italiano. Se me dou ao trabalho de examinar as credenciais desse governo — redigidas talvez por um bondoso escrivão do comércio ou pelo capitão do navio que o transportou, pois que ele mesmo nada fala da língua inglesa — acabarei provavelmente lendo alguma coisa sobre a erupção de um Vesúvio, ou o transbordamento de algum Pó que — mentira ou verdade — o levou a essa péssima situação. Num caso desses, não hesito em sugerir uma de duas coisas: um emprego ou um asilo de pobres. Ou aconselho ainda manter tudo em segredo no palácio, tal como eu mesmo faço em minha casa. O pobre Presidente, preocupado com a sua popularidade e com o desempenho de seu dever, fica atônito com esses conselhos. São os jornais que ocupam o poder máximo. Qualquer outro governo fica reduzido à dimensão de um punhado de fuzileiros navais no Forte da Independência. Se

um homem ignora o *Daily Times*, o governo se ajoelhará aos seus pés, pois nos dias de hoje esse é o único ato autêntico de traição.

Essas coisas — tais como a política e a rotina diária — que atualmente mais solicitam a atenção dos homens são, é bem verdade, funções vitais da sociedade humana; mas elas devem ser vividas inconscientemente, como as funções correspondentes do corpo humano. Elas são *infra*-humanas, assim como vegetar. Por vezes desperto e chego a uma semiconsciência de que elas transcorrem à minha volta, tal como um homem num estado mórbido pode se tornar consciente de alguns dos processos digestivos e então ser contemplado com uma dispepsia, tal como a chamam. É como se um pensador se submetesse ao processo de ser limado pelas grandes vísceras da criação. A política, por assim dizer, são as vísceras da sociedade, cheias de saibro e cascalho, e os dois partidos políticos são as suas metades opostas que se raspam mutuamente — por vezes subdivididas em duas porções cada. Os indivíduos, mas também os estados, sofrem portanto de uma dispepsia renitente; ela se expressa por um tipo de eloqüência bem fácil de imaginar. Assim, nossa vida não é um grande ato de esquecimento mas, também, aí!, em grande parte um ato de lembrança: ficamos recordando aquilo de que nunca deveríamos ter nos conscientizado, pelo menos quando acordados. Há algum motivo pelo qual estamos impedidos de confraternizar algumas vezes como *eu*pépticos — não como dispépticos cheios de pesadelos a narrar — e de nos congratularmos uns aos outros pela mais radiosa das manhãs? É evidente que não faço uma exigência descabida.

Notas do organizador

[1] Traduzido de *Life without principle*, extraído da coletânea organizada por Carl Bode, *The Portable Thoreau* (New York, Penguin, 1981); a edição original dessa coletânea é de 1947; a edição utilizada é a 32ª. *Life without principle* foi publicado pela primeira vez no periódico *The Atlantic Monthly*, no ano de 1863; Thoreau morrera no ano anterior. A mesma revista publicaria uma série de textos de

Thoreau, inclusive *Walking*, que faz parte da presente edição brasileira. Minha tradução foi confrontada com a de E. C. Caldas (ver "Bibliografia" da presente edição). Algumas notas minhas foram baseadas nas de José Paulo Paes; também a sua tradução foi estudada por mim.

O título desse artigo contém uma ambigüidade que terá sido intencional. Longe de defender uma vida sem critério ético ou moral, o autor acusa seus contemporâneos e leitores de viver assim e os exorta a admitir sua falta de princípios. For outro lado, Thoreau não apresenta uma fórmula substantiva para a vida: segundo ele, cada um encontrará no seu íntimo o *seu* princípio, individual e intransferível, *se* o procurar.

2 De fato, Thoreau foi um conferencista relativamente assíduo e, durante algum tempo, razoavelmente solicitado. Na Nova Inglaterra de sua época, ser conferencista era uma modalidade de militância intelectual tão comum quanto escrever, lecionar, manter um grupo literário ou editar uma revista. Na década de 1850-1860, embora pouco solicitado para conferências propriamente ditas, Thoreau recebia convites para falar em comícios e reuniões de abolicionistas. José Paulo Paes nota que o presente texto é baseado numa conferência proferida em Concord, talvez em 1845, sob o título *Making a living (Ganhando a vida)*.

3 Uma reclamação procedente: Thoreau, como foi dito na minha nota 25 em *A desobediência civil*, manteve a partir de 1837 um *Diário* que totalizou, ao fim de sua vida, mais de 30 volumes manuscritos. Uma versão completa desse *Diário* só foi publicada em 1906.

4 Timothy Dexter (1747-1806), natural de Massachusetts, foi um bem-sucedido comerciante que conseguiu certa fama devido às suas excentricidades, inclusive no campo literário: publicou suas experiências e idéias num livro chamado *A Pickle for the know wing ones (Um picles para os sabichões)* escrito num inglês inortodoxo e sem pontuação alguma. Mandou construir duas imensas mansões que ficaram conhecidas pelo seu aspecto bizarro; na segunda dessas casas tinha uma coleção de 40 estátuas de madeira de homens famosos, uma biblioteca de livros de fina encadernação, embora sem valor, e uma pinacoteca de quadros desconhecidos.

5 Referência à chamada *gold rush* (corrida do ouro), característica da ocupação do território da Califórnia a partir de 1849, implicando na migração intensiva de milhares de homens atraídos pelas promessas de enriquecimento fácil.

6 William Howitt (1792-1879), escritor inglês muito popular em sua época, publicou muitos livros sobre diversos assuntos, inclusive sobre a "corrida do ouro".

7 Famosas cidades mineradoras do Estado de Vitória, na Austrália, citadas no texto de Howitt.

8 O Istmo de Darien é hoje o território do Panamá, e na época o extremo noroeste da Colômbia; esta, por sua vez, se chamava Nova Granada. Os cemitérios referidos devem ser dos povos originais dessa região, na qual os espanhóis tentaram criar seu primeiro entreposto permanente nas terras continentais da América.

9 Provavelmente um livro norte-americano destinado a informar os interessados em fazer parte da "corrida do ouro".

10 Concord, cidade natal de Thoreau, fica no Estado de Massachusetts, que faz parte da chamada Nova Inglaterra, junto com mais 5 estados: New Hampshire, Maine, Vermont, Rhode Island e Connecticut. Conforme prometido, Thoreau voltava a falar dos homens de seu lugar.

11 Elisha Kent Kane (1820-1857), norte-americano, explorador do Ártico, ficou muito conhecido na época por ter tentado, em 1853-1855, encontrar vestígios de uma expedição inglesa que desapareceu em 1845 na região, com cerca de 130 homens em dois navios comandados pelo explorador inglês *Sir* John Franklin (1786-1847). O relato de Kane sobre essa experiência, publicado em 1856, se tornou muito popular. Thoreau lamenta que se atribuísse a Kane motivação excusa para sua iniciativa.

12 No original está "D.D.'s", abreviatura e plural de *Doctor in Divinity*, que traduzi como Doutor em Teologia (D.T.).

13 Há aqui no original uma insinuação intraduzível, em forma de trocadilho rimado, de que a opinião dos Doutores em Teologia não vale mais do que a de um passarinho.

14 Kossuth Lajos (1802-1894), líder nacionalista e revolucionário húngaro na rebelião de 1848. Quando, logo em 1849, a recém-fundada República da Hungria foi invadida por tropas russas e austríacas. Lajos, que governava o país, fugiu e passou o resto da vida no exílio. Lajos visitou os Estados Unidos da América em 1851-1852 e Thoreau se refere às recepções que lhe foram feitas por seus simpatizantes de lá.

15 Tipo de templo da Grécia antiga caracterizado pela falta de cobertura na parte central, permitindo assim a visão do céu.

16 O sagrado entre os sagrados.

17 Referência a Jorge III (1738-1820), rei da Inglaterra entre 1760 e 1820; foi no seu reinado que os Estados Unidos da América se formaram, depois que as diversas colônias conquistaram a independência.

18 Referência ao famoso lema *no taxation without representation* (nenhum imposto sem representação), que sintetizou o sentido antibritânico nas colônias da América nos anos imediatamente anteriores à sua rebelião pela independência.

19 No original *Jonathans*, no plural. Jônatas é personagem da Bíblia, filho mais velho de Saul e amigo de David. Devido à enorme quantidade de colonos ingleses com esse nome, ele se transformou numa designação genérica para os habitantes da Nova Inglaterra.

20 Thomas Decker ou Dekker (1572?-1632?), dramaturgo e prosador inglês, contemporâneo de Shakespeare.

21 O Estado de Virgínia é famoso até hoje como produtor de fumo; na época de Thoreau, o estado também se destacava pelo grande número de donos de escravos dedicado a estimular sua reprodução para venda de novos escravos.

22 O operário fabril, ou o moderno proletário industrial, era para Thoreau o mais degradado entre os homens de sua época, com exceção dos escravos. Ele inclusive o encarava como um personagem tipicamente inglês ligado ao sistema fabril local, e via com a maior antipatia a introdução do sistema de fábricas nos Estados Unidos da América, fato que aos seus olhos não poderia deixar de contribuir para degradar ainda mais o trabalho e a integridade dos norte-americanos.

Caminhando[1]

DESEJO ME PRONUNCIAR a favor da Natureza, a favor da mais absoluta liberdade e do estado mais absolutamente selvagem, em contraste com uma liberdade e uma cultura meramente civis — quero defender o homem como um habitante, uma parte e uma parcela da Natureza e não como membro da sociedade. Quero que meu pronunciamento seja radical, se isso o ajudar a ser enfático, pois existe gente suficiente para defender a civilização; os clérigos, os comissários escolares e cada um de vocês farão isso muito bem.

Em toda a minha vida não conheci mais do que uma ou duas pessoas com capacidade de compreender a arte de Caminhar, isto é, de fazer caminhadas — que tivessem um talento, por assim dizer, para *santerrear*.[2] Essa expressão é belissimamente derivada "das pessoas ociosas que vagavam por todos os lados durante a Idade Média e pediam esmolas sob o pretexto de estarem a caminho da *Sainte Terre*", da Terra Santa; as crianças acabaram por chamá-las aos gritos: "Lá vai um *Sainte-Terrer*", um Santerreador, um homem da Terra Santa. Os que nunca se dirigem a Terra Santa em suas caminhadas, como eles, são de fato meros ociosos e vagabundos; mas os que chegam lá são os santerreadores no bom sentido que empresto à palavra. Outros, no entanto, preferem derivar a expressão de *sans terre*, que significa sem terra ou sem lugar; isso, no bom sentido, significará portanto não ter uma casa em particular, mas também

estar em casa em qualquer lugar. Pois é esse o segredo de um bom santerreador. O maior errante entre todos os homens pode ser exatamente o que fica sentado o dia inteiro dentro de casa; mas o santerreador, no bom sentido, não é mais errante do que um rio com seus meandros, que em todo o seu percurso procura sem parar o caminho mais curto até o mar. Mas eu prefiro a primeira derivação que, de fato, é a mais provável. Pois toda caminhada é um tipo de cruzada e dentro de nós há um Pedro, o Eremita,[3] a nos exortar a ir em frente e a reconquistar a Terra Santa, resgatando-a das mãos dos Infiéis.

Mas, é verdade, somos cruzados tímidos hoje em dia; inclusive os caminhantes, que não embarcam em missões intermináveis que exijam perseverança. Nossas expedições são pouco mais que passeios, e à noitinha acabamos voltando ao pé de nossa lareira, de onde partimos. Metade da caminhada nada mais é do que retornar pela mesma trilha. Mesmo nas mais curtas de nossas andanças, deveríamos avançar talvez no mais elevado espírito de aventura, dispostos a nunca retornar, decididos a enviar de volta nada mais do que nossos corações embalsamados — relíquias para o povo de nossos reinos desolados. Se você está pronto a abandonar pai e mãe, e irmão e irmã, e esposa e filhos e amigos, a nunca mais vê-los — se você saldou suas dívidas, e fez seu testamento, e resolveu todos os seus compromissos, e é um homem livre — aí então você está pronto para uma caminhada.

No que toca à minha experiência própria, meu parceiro e eu — pois às vezes tenho um parceiro — nos deliciamos ao imaginar que somos cavaleiros de uma nova ordem — ou melhor, uma ordem bem antiga: não a dos Eqüestres ou Cavaleiros, mas sim a dos Caminhantes, uma classe certamente ainda mais antiga e honrada. O espírito de nobreza e heroísmo que em certa época foi virtude do Cavaleiro parece agora residir — ou talvez tenha se sedimentado no Caminhante; não temos mais o Cavaleiro Errante, e sim o Caminhante Errante. É uma espécie de quarto estado, distinto da Igreja, do Estado e do Povo.

Eu e meu parceiro temos nos sentido praticamente solitários na prática dessa nobre arte aqui na nossa terra; porém o dever da verdade manda informar que a maioria de meus concidadãos se disporia voluntariamente a caminhar de vez em quando, tal

como eu, isso se acreditarmos nas suas próprias palavras. Mas eles não conseguem. Não há riqueza capaz de comprar o lazer, a liberdade e a independência necessários a essa profissão; o seu capital nada mais é do que essas mesmas qualidades. Elas só podem vir da graça de Deus. É preciso uma ordenação direta do Céu para ser um caminhante. Você tem que nascer na família dos Caminhantes. *Ambulator nascitur, non fit.*[4] É bem verdade que alguns de meus concidadãos conseguem recordar e já me contaram a respeito de algumas caminhadas que fizeram há dez anos atrás, nas quais tiveram até a benção de passar meia hora perdidos nas florestas; mas bem sei que desde então eles se limitaram às estradas, e não me impressionam as suas pretensões de fazer parte dessa classe seleta. Não há dúvida de que por alguns instantes se elevaram, como se lembrassem vagamente de um momento remoto de suas existências, quando até mesmo eles eram homens da floresta e sem leis.

"Quando ele chegou à verde floresta
numa manhã muito alegre
ouviu as delicadas notas
do canto feliz dos pássaros
Já faz muito tempo, disse Robin,
que vim aqui pela última vez
recostei-me um pouco
para ver a aurora"

Das baladas de Robin Hood

Não me sinto capaz de conservar a saúde e o bom estado do espírito se não passo pelo menos quatro horas por dia — em geral demoro mais que isso — "santerreando" através das florestas e por cima de morros e campos, absolutamente livre de qualquer compromisso mundano. Aplica-se bem a frase "um tostão pelos seus pensamentos, ou então mil libras". Quando por vezes me lembro que artesãos e comerciantes passam não só a manhã inteira como ainda toda a tarde em suas lojas, sentados, de pernas cruzadas, tantos deles — como se pernas fossem feitas para se sentar em cima delas, e não para ficar de pé e

andar — acho que eles merecem alguma admiração por não terem se suicidado há anos.

Eu não consigo ficar no meu quarto um único dia sem enferrujar; quando às vezes saio escondido para caminhar já à décima primeira hora ou às quatro horas da tarde — tarde demais para salvar o dia — quando as sombras da noite começam a se misturar com a luz do dia; pois bem, nessas ocasiões tenho me sentido um pecador com uma grave falta a ser expiada e, ainda assim, confesso meu espanto perante a capacidade de resistência — para não mencionar a falta de sensibilidade moral — de meus vizinhos que se confinam em lojas e escritórios o dia inteiro, durante semanas, meses e, ai!, anos sem conta. Não sei de que matéria são feitos, sentados ali às três horas da tarde, como se fossem três horas da madrugada. Bonaparte falava de uma coragem que emerge às três horas da madrugada, mas ela não se compara nem de longe à coragem que consegue se sentar alegremente às três da tarde de frente para a pessoa que está ali desde manhã cedo; isso significa matar de fome o espírito de aventura por excesso de solidariedade. Nem sei por que não se ouve em toda a rua uma enorme explosão, a essa hora ou talvez entre as quatro e as cinco horas da tarde, quando passou a hora dos jornais da manhã e é ainda cedo para os da noite: ela serviria para espalhar aos quatro ventos uma montanha de noções e caprichos antiquados e caseiros. Seria uma forma de arejamento e, talvez, de curar o mal.

Não sei como as mulheres, presas ao lar ainda mais que os homens, conseguem suportar sua situação; tenho no entanto motivos para suspeitar que a maioria delas nada faz para *enfrentar* o fato. Logo no início das tardes de verão, quando eu e meu parceiro vamos andando e tentando sacudir a poeira da cidade de nossas roupas, ultrapassando rapidamente aquelas casas com fachadas em puro Gótico ou Dórico, que sugerem uma atmosfera de repouso, meu companheiro sussura que a essa hora provavelmente todos os ocupantes da casa estão dormindo. É então que valorizo a beleza e a glória da arquitetura, que nunca se recolhe para dormir: ela fica de pé e ereta, enfrentando tudo que possa atrapalhar os sonhos dos moradores.

Tudo isso se explica em grande parte, sem dúvida, por detalhes de temperamento e, sobretudo, de idade. Com a idade

avançada, o homem tende a ficar onde está e a adotar ocupações caseiras. Ele vai ficando vespertino nos seus hábitos à medida que se aproxima a noite de sua vida, até que se limite a sair um pouco antes do pôr do sol para andar uma meia hora, o que é tudo que precisa.

Mas as caminhadas de que estou falando aqui nada têm de parecido com exercícios — é assim que os chamam — que se parece com remédios ingeridos pelos doentes de tantas em tantas horas; muito menos com o levantamento de pesos e cadeiras; uma caminhada é o empreendimento e a aventura do dia. Se você quer se exercitar, procure as fontes da vida. Imagine um homem cuidando da saúde com levantamento de pesos enquanto borbulham as fontes nos pastos longínquos!

Além do mais, é preciso que você caminhe como um camelo que dizem ser o único animal que rumina enquanto anda. Quando um visitante pediu que a criada de Wordsworth[5] lhe mostrasse o gabinete de trabalho do patrão, foi essa a sua resposta: "Aqui fica a sua biblioteca, mas seu gabinete é do lado de fora da casa."

É certo que a vida passada ao ar livre, exposta ao sol e ao vento, provocará uma certa aspereza de caráter — fará crescer uma cutícula um pouco mais grossa sobre algumas das qualidades mais delicadas da nossa natureza; rosto e mãos também ficarão marcados; o próprio trabalho manual também subtrai às nossas mãos uma parte da sua fineza de tato. De outro lado, ficar dentro de casa pode levar também a uma maciez ou a uma lisura da pele — se é que a palavra certa não é finura — juntamente com uma maior sensibilidade a certas impressões. É possível que menos sol e vento nos fizessem mais suscetíveis a algumas influências boas para nosso desenvolvimento intelectual e moral; e é absolutamente certo que a virtude está numa boa proporção entre pele grossa e pele fina. Mas eu acho que a escama cairá no tempo certo — e a fórmula natural será encontrada na proporção que a noite guarda com o dia, o inverno com o verão, a reflexão com a experiência. Haverá bem mais ar e luz solar em nossas mentes. As mãos calejadas do trabalhador são mais sensíveis aos tecidos mais finos do auto-respeito e do heroísmo — cujo tato faz bater o coração — do que os dedos lânguidos da ociosidade. Quem gosta de dormir de dia, de se

imaginar a própria pureza, de evitar a cor e os calos da experiência, nada mais é do que sentimental.

Quando caminhamos, naturalmente procuramos os campos e as florestas: que seria de nós se caminhássemos apenas pelos jardins ou alamedas? Até mesmo algumas seitas de filósofos sentiram a necessidade de que lhes fosse trazida a madeira das florestas, já que eles não se aventuraram por lá. "Eles plantavam bosques e aléia de plátanos", onde empreendiam *subdiales ambulationes* através de pórticos ao ar livre.[6] É claro que é inútil guiar nossos passos para as florestas se não é para lá que eles nos levam. Fico bastante preocupado quando embrenho o corpo dois quilômetros na mata sem ter chegado lá espiritualmente. Eu prefiro esquecer prazeirosamente todas minhas atividades matinais e todos meus compromissos com a sociedade na minha caminhada da tarde. Mas às vezes ocorre que não é tão fácil assim me desvencilhar da cidade. A lembrança de alguma tarefa me percorre o cérebro e pronto! Não estou onde meu corpo está, perco o meu senso das coisas. Que vim eu fazer na floresta se estou pensando em alguma coisa que fica fora da floresta? Nessas horas suspeito de mim mesmo e mal consigo evitar um arrepio: é que estou envolvido com o que se costuma chamar de bom trabalho — coisa que por vezes pode de fato existir.

As vizinhanças de minha casa oferecem lugares para muitas boas caminhadas; já as percorro há muitos anos, quase todos os dias e até por vários dias seguidos e, no entanto, não tirei tudo que há para aproveitar neles. Uma paisagem inteiramente nova é uma grande felicidade e ainda posso conseguir uma à tarde, em qualquer uma de minhas tardes. Duas ou três horas de caminhada me conduzem até o mais estranho dos países que jamais desejaria ver. Uma única cabana que até então me escapara à vista é às vezes tão deslumbrante quanto os domínios do Rei do Daomé. Na verdade, existe uma harmonia possível de ser descoberta entre as possibilidades de uma paisagem num círculo com 16 quilômetros de raio — ou o limite de uma caminhada vespertina — e os 70 anos de uma vida humana. A paisagem nunca lhe parecerá muito familiar.

Hoje em dia quase todos os chamados melhoramentos feitos pelo homem, tais como a construção de casas e a derrubada das florestas e de todas as árvores grandes, simplesmente deformam

a paisagem e fazem com que ela fique mais e mais domesticada e sem valor. Quem me dera um povo que preferisse pôr fogo nas cercas e deixar de pé as florestas! Vi certa vez cercas avariadas e se perdendo pela pradaria afora e um sovina vulgar acompanhado de um agrimensor a procurar os seus limites; a própria corte celestial se instalara à sua volta e ele não viu os anjos voando aqui e ali, pois só queria saber de um velho marco fincado em algum lugar do paraíso. Olhei de novo e o vi em pé no meio de um pântano úmido e infernal, cercado por diabos, e agora ele certamente encontrara seus limites, três pedrinhas com uma vara fincada; com mais atenção, percebi que seu agrimensor era o Príncipe das Trevas.

É muito fácil para mim caminhar quinze, vinte ou trinta quilômetros — ou mais ainda — a partir de minha própria porta sem passar por casa alguma e sem atravessar qualquer estrada com exceção daquelas cruzadas pela raposa e pela marta: vou acompanhando o rio, e depois o riacho, e daí margeio a várzea e a orla da floresta. Há muitos quilômetros quadrados da minha vizinhança inteiramente desabitados. Posso ver de muito longe, do topo de vários morros, a civilização e as casas dos homens. Os fazendeiros e sua faina se destacam tanto quanto as marmotas e suas tocas. O homem e suas ocupações, igreja e estado e escola, negócios e comércio, e indústrias e agricultura, até mesmo a política, a mais alarmante de todas — fico aliviado de verificar como todos somem na imensa paisagem. A política é apenas um recanto estreito, ao qual se chega por aquela estradinha ainda mais acanhada. Às vezes indico esse caminho a um viajante. Se você quer achar o mundo da política, siga a estrada principal, siga aquele negociante ali, não deixe de comer a poeira que ele vai levantando, e você chegará lá em breve; pois esse mundo também tem seu mero lugar na paisagem; não ocupa todo o espaço visível. Cruzo esse lugar como quem vai de uma plantação de feijão à entrada da floresta, e me esqueço dele. Em meia hora posso alcançar um recanto da superfície terrestre onde nenhum homem aparece o ano inteiro; por isso, a política não está nesse recanto, pois ela é apenas uma espécie de fumaça do charuto do homem.

A vila é o ponto de convergência das estradas, uma espécie de crescimento do caminho, tal como um lago é de um rio. É o corpo do qual as estradas são braços e pernas — um lugar trivial

ou quadrivial — passagem e rotina de viajantes. Vila vem do Latim *villa*, junto com *via*, um caminho; mais remotamente temos *ved* e *vella*; *varro*[7] deriva de *veho*, que significa carregar, pois a vila é o lugar para onde e de onde se carregam as coisas. Os que viviam de transportar coisas eram chamados *vellaturam facere*. Daí também as palavras latinas *vilis* (vil) e *villain* (vilão). Esses termos sugerem o tipo de degeneração que pode se abater sobre os habitantes das cidades. Sem viajarem eles mesmos, são desgastados pelos viajantes que lhe passam em frente e por cima.

Alguns não caminham em absoluto; outros caminham pelas estradas; alguns poucos cruzam suas propriedades. As estradas são feitas para cavalos e para homens de negócios. Em termos relativos, viajo muito pouco nelas, pois não tenho pressa de chegar a qualquer taverna, venda, cocheira ou armazém aos quais elas conduzem. Sou como um bom cavalo para viajar, mas prefiro não ser estradeiro. O pintor de paisagens usa as imagens dos homens para assinalar uma estrada. Ele não conseguiria captar a minha imagem para esse fim. Assim como os velhos profetas e poetas — Manu, Moisés, Homero, Chaucer [8] — penetram num recanto natural, eu me retiro para dentro dela. Podem chamá-la de América, mas não é a América; nem Américo Vespúcio,[9] nem Colombo,[10] nenhum dos outros foi seu descobridor. Há um relato mitológico dessa natureza muito mais verdadeiro do que qualquer história da América — é assim que a chamam — que tenha caído em minhas mãos.

No entanto, há algumas estradas velhas que podem ser trilhadas com proveito, como se levassem a algum lugar mesmo agora quando estão quase abandonadas. Há a Velha Estrada de Marlborough, que atualmente não leva a Marlborough, a não ser que Marlborough esteja ali escondida no fim de suas curvas. Ouso falar agora dessa estrada, pois suponho que haja uma ou duas estradas dessas em cada cidade.

A Velha Estrada de Marloborough
Já escavaram ali à busca de riqueza
Mas nada acharam, nem a beleza
Por vezes passaram soldados a marchar
Milhas e milhas em fila exemplar

Quando vem o Capitão Madeira
Temo que derrube até a última capoeira
Um homem apenas resiste
É Elisha Dugan, para alguns um triste
Um homem do mato, sem conselhos
Entre perdizes e coelhos
Sua única ocupação
É armar o alçapão
Vive sem ninguém
Não carece de vintém
Ali onde mais doce é a vida
Ele passa bem com muita comida
Quando me excita a primavera
Com o instinto de passear pela terra
Não preciso de mais nada
É só ir a Marlborough, pela Velha Estrada
Ninguém precisa consertá-la
Pois não há quem venha desgastá-la
Como dizem os cristãos
É um caminho para os bons
Não há muita gente
Que a trilhe até o fim
Só os convidados
Do irlandês Quin
Mas o que é ela
Além de uma direção no ar
Da simples possibilidade
De chegar a algum lugar?
As placas de pedra são bem grandes
Não são lidas por falta de viajantes
São cenotáfios das cidades do caminho
Cujos nomes mal se lêem em desalinho
Vale a pena am frente seguir
Para ver onde você *poderia* ir
Quem fez isso, quem foi o rei?
Creio que jamais saberei

Como e quando chegou ao poder?
Quem lhe deu ajuda para ascender?
Pois essas placas têm a ambição colossal
De ser uma coisa para sempre e sem igual
Monolitos lacônicos
Que paralisariam viajantes atônitos
Para esculpir num breve momento
Toda a sabedoria de seu tempo
Para a leitura de outro passante
Em situação talvez angustiante
Um ou dois versos bons posso citar
Uma escrita que resistiria em qualquer lugar
Palavras de que facilmente me lembro
Até o próximo mês de dezembro
E que posso ler na primavera novamente
Enquanto o gelo se derrete lentamente
Corte as amarras e solte-se de casa
E traga a sua fantasia desfraldada
É possível dar a volta ao mundo
Se você for a Marlborough, pela Velha Estrada.

Atualmente, nas minhas vizinhanças a melhor parte das terras não é propriedade privada de pessoa alguma; ninguém é dono da paisagem e o caminhante desfruta de uma liberdade relativamente grande. Mas é possível que chegue o dia em que a terra estará dividida em diversas áreas de lazer — é esse o nome — nas quais alguns poucos terão apenas um prazer estreito e exclusivo; as cercas se multiplicarão; serão inventadas armadilhas e outras engenhocas para confinar os homens aos caminhos *públicos*; e andar pela superfície da terra de Deus terá um novo significado: o de invadir as possessões de algum senhor respeitável. Desfrutar exclusivamente de alguma coisa significa geralmente excluir-se a si mesmo do verdadeiro desfrute. Vamos, portanto, ampliar as nossas oportunidades antes que cheguem os tempos ruins.

O que torna tão difícil de vez em quando decidir para onde vamos caminhar? Eu creio que há um magnetismo sutil na própria Natureza e quando inconscientemente cedemos a ela o nosso caminho é bom. Não somos indiferentes às opções do caminho. Existe um bom caminho; mas podemos muito bem tomar a trilha errada por conta do descuido e da estupidez. Com muito prazer faríamos aquela caminhada nunca feita no nosso mundo real e que simboliza perfeitamente a trilha que tanto amamos em nossas andanças pelo mundo interior e idealizado; e, às vezes, é evidente que sentimos dificuldade na escolha do caminho, pois que ele ainda não existe com clareza em nossa mente.

Quando deixo a porta da minha casa para uma caminhada, ainda sem saber se vou guiar meus passos ou se vou me submeter aos meus instintos, descubro uma coisa aparentemente estranha e errática: inevitavelmente tomo, depois de algum tempo, a direção sudoeste, em busca de alguma floresta ou várzea ou pastagem deserta. A agulha de minha bússola interior demora a se estabilizar, oscila um pouco e nem sempre aponta precisamente para o sudoeste; admito isso e também que há bons motivos para tais variações, mas ela acaba sempre se resolvendo por alguma direção entre o oeste e o sul-sudoeste. Para mim o futuro está ali; a terra me parece menos explorada e mais rica do que as outras. Não é exatamente um círculo que delimitaria minhas caminhadas, e sim uma parábola ou, mais exatamente, uma dessas órbitas de cometas que parecem ser curvas sem retorno; no caso, ela se abriria para o oeste e no lugar do sol estaria a minha própria casa. Há ocasiões em que vou volteando vezes sem conta, indeciso, quinze minutos ou mais, até decidir pela milésima vez que vou caminhar para o sudoeste ou o oeste. Só a força me faz andar para o leste; para o oeste parto com toda a liberdade. Não são os negócios que me chamam para lá. É difícil crer que encontrarei paisagens bonitas ou uma natureza suficientemente intocada por trás do horizonte do leste. Andar naquela direção não é um projeto que me excite; acredito, no entanto, que as florestas visíveis no horizonte do oeste crescem sem clareiras até o sol poente e que não há vilas ou cidades capazes de me incomodar. Quero morar onde tenho vontade de morar; desse lado fica a cidade, do outro fica a natureza selvagem, e estou sempre indo mais e mais para longe da cidade, cada vez mais para

dentro da floresta intocada. Eu não daria tanta ênfase a isso se não acreditasse que algo bem parecido prevalece no sentimento dos habitantes do meu país. Devo ir na direção de Oregon,[11] e não da Europa. É para lá que essa nação caminha, e eu me permito dizer que o homem progride quando vai de leste para oeste. Nos últimos anos tem havido um fenômeno de migrações para o sudeste, no povoamento da Austrália; mas isso me parece um movimento retrógrado e, se levarmos em conta o caráter moral e físico da primeira geração de australianos, a experiência ainda não alcançou sucesso. Os Tártaros orientais consideram que nada existe mais a oeste do Tibet. Dizem eles: "O mundo termina ali e depois dali só existe um mar sem fim." O Leste dos Tártaros é uma coisa absoluta.

Quando vamos para o leste, compreendemos a história e estudamos os trabalhos artísticos e literários, recuperando as pegadas da raça humana; para o oeste caminhamos como se fôssemos para o futuro, com um espírito aventureiro e empreendedor. O Atlântico é um rio Letes[12] e quando o cruzamos tivemos uma oportunidade de esquecer o Velho Mundo e suas instituições. Se não tivermos sucesso dessa vez, a humanidade só tem talvez uma oportunidade a mais antes de chegar às margens do rio Estige:[13] é o rio Letes do Pacífico, três vezes maior que o outro.

Que um indivíduo dessa forma se dobre e integre a mais medíocre de suas caminhadas ao movimento geral da humanidade pode ser um fato significativo ou uma demonstração de excentricidade; confesso que não sei responder. Mas sei que algo muito parecido com o instinto migratório das aves e dos quadrúpedes afeta o comportamento de nações e de indivíduos; a tribo dos esquilos, por exemplo, é afetada por esse instinto; sabe-se que eles são impelidos a uma migração generalizada e misteriosa na qual se diz que cruzam os rios mais largos individualmente agarrados a pedaços de madeira e com a cauda levantada como uma vela; foram também vistos usando os seus próprios cadáveres para fazer pontes sobre rios mais estreitos. Existe aquele tipo de *fúria* que na primavera ataca o gado doméstico, explicada pela presença de um verme em suas caudas. Em minha cidade, basta passar um bando de gansos selvagens grasnando em pleno vôo migratório para alterar um pouco os valores imobiliários; se eu fosse corretor de imóveis não deixaria de levar em conta muito seriamente essa perturbação.

"Aquele povo que tanto quer sair em peregrinação
Os peregrinos que buscam estranhas paragens."

do prólogo de *Os contos de Canterbury*, de Chaucer.

Cada pôr de sol que vejo me inspira com o desejo de partir para um oeste tão distante e belo quanto aquele onde o sol sumiu. Ele parece migrar diariamente para o oeste e sabe nos tentar para segui-lo. Ele é o Grande Pioneiro do Oeste, líder de nossa nação de migrantes. Todos nós sonhamos a noite inteira com aquelas encostas lá no horizonte — mesmo que sejam apenas miragens de vapor — embelezadas pelos seus últimos raios. A ilha de Atlântida[14] e as ilhas e jardins das Hespérides,[15] espécies de paraíso terrestre, parecem ter sido o Grande Oeste dos antigos, fechado numa atmosfera de mistério e de poesia. Quem nunca enxergou na imaginação, ao contemplar um céu de poente, os jardins das Hespérides e as bases sólidas de todas aquelas fábulas?

Cristóvão Colombo sentiu mais do que ninguém até então a tendência de buscar o oeste. Ele obedeceu a essa força e encontrou um novo Mundo para Castela e Leão.[16] O rebanho dos homens da época logo farejou os pastos frescos tão longínquos.

"E agora o sol tinha revelado todas as montanhas
e agora ele mergulhava na baía ocidental
afinal *ele* se ergueu e abriu seu manto azul;
amanhã partiremos para as florestas novas e pastos virgens."

de *Lycidas*, de John Milton.

Em que outro lugar do planeta podemos encontrar uma área tão grande quanto a que é formada pelo conjunto dos nossos Estados, tão fértil e tão rica e variada em termos de produção e, ainda, tão habitável para os diversos povos europeus? Michaux, o botânico, que não conheceu mais que uma parte desse território, diz que "há muito mais espécies de árvores grandes na América do que na Europa; nos Estados Unidos da América há mais

de cento e quarenta espécies que superam a altura de dez metros; na França há apenas trinta". Botânicos posteriores a Michaux confirmam enfaticamente as suas observações. Humboldt veio para a América para tornar real o seu sonho juvenil de conhecer a vegetação dos trópicos, que ele pôde contemplar na sua mais elevada perfeição nas florestas primitivas da Amazônia, a maior área silvestre do mundo, que mereceu descrições eloqüentes. [17] O geógrafo Guyot, europeu também, vai mais longe — mais do que eu seria capaz de ir — mas concordo com ele nesse aspecto: "Tal como a planta é feita para o animal, tal como o reino vegetal é feito para o reino animal, a América é feita para o homem do Velho Mundo. (...) O homem do Velho Mundo começa a sua caminhada. Deixando para trás as terras altas da Ásia, vai descendo por etapas na direção da Europa. Nas suas pegadas vai construindo civilizações novas, cada uma superior às anteriores, cada uma mais desenvolvida. Quando chega ao Atlântico, ele faz uma pausa à beira desse oceano desconhecido, cujos limites ignora, e por um instante volta a trilhar os caminhos pelos quais tinha vindo." Quando exauriu o rico solo europeu e se fortaleceu de novo "então recomeça a sua caminhada cheia de riscos, há tanto tempo iniciada". Por aí segue Guyot.

Esse impulso de ocidentalização entra em contato com a barreira do Oceano Atlântico e dá origem ao comércio e aos negócios do mundo moderno. O filho de Michaux, em sua obra *Travels West of the Alleghanies in 1802* (*Viagens a Oeste dos Montes Aleganes em 1802*), registra que a pergunta mais comum que se ouve no Oeste recentemente povoado é "De que parte do mundo você veio? É como se essas regiões vastas e férteis fossem o ponto de encontro natural e a terra comum de todos os habitantes do planeta".

Há uma expressão latina obsoleta que expressa bem isso: *Ex Oriente lux; ex Occidenti FRUX.* Do Oriente vem a luz; do Ocidente vêm os frutos.

Sir Francis Head, viajante inglês que foi também Governador-Geral do Canadá, nos diz que: "no Novo Mundo, nos hemisférios norte e sul, a Natureza não apenas deu uma escala maior aos seus esboços, mas pintou todo o quadro com cores mais claras e raras do que aquelas empregadas para embelezar o Velho Mundo. (...) Os céus da América parecem infinitamente

mais elevados, o firmamento é mais azul, o ar é mais puro, o frio é mais intenso, a lua parece maior, as estrelas são mais claras, o trovão faz mais barulho, o relâmpago é mais vívido, o vento é mais forte, a chuva é mais pesada, as montanhas são mais altas, os rios são mais longos, as florestas são mais extensas, as planícies são mais largas." Essas palavras bastam para ao menos equilibrar o relato de Buffon [18] a respeito da América e suas riquezas.

Há muito tempo atrás Lineu [19] disse *"Nescio quae facies laeta, glabra plantis Americanis"* (Não conheço qualquer lugar em que a vegetação tenha a beleza e a suavidade das plantas americanas); e creio que no nosso país não há praticamente *Africanae Bestiae* — feras africanas, tais como diziam os Romanos, e isso faz dele um lugar particularmente propício para a vida humana. Sabe-se que a menos de cinco quilômetros do centro de Singapura, no leste da Índia, há anualmente um certo número de pessoas mortas por tigres; na América do Norte, porém, o viajante pode dormir à noite nas florestas em quase todos os lugares sem medo de animais selvagens.

Esses depoimentos são estimulantes. Se a lua parece ser maior do que na Europa, é provável que o mesmo se dê com o sol. Se os céus americanos parecem ser infinitamente mais elevados e suas estrelas muito mais claras, tenho certeza de que tais fatos são simbólicos das alturas que um dia serão alcançadas pela filosofia, poesia e religião de seus habitantes. Talvez, no futuro, o céu imaterial parecerá tão elevado aos olhos dos próprios americanos, e mais clara a constelação de suas possibilidades. Isso porque acredito que o clima reage dessa forma sobre os homens — tal como existe alguma coisa no ar das montanhas que nutre o espírito e inspira o criador. Sob influências como essas não poderá o homem alcançar uma maior perfeição intelectual e física? Serão desprezíveis todos os dias que um homem perde envolto no nevoeiro? Eu acredito que teremos uma imaginação mais rica, que nossos pensamentos alcançarão maior clareza, pureza e elevação, como nosso céu, que nossa compreensão será mais abrangente e larga, como nossas planícies, que nosso intelecto alcançará uma escala maior, como nosso trovão e nosso relâmpago, nossos rios e montanhas e florestas — que até nossos corações tenham a envergadura e a profundidade e a majestade

de nossos mares interiores. Talvez o viajante venha a se deparar com alguma coisa, desconhecida, de *laeta* e de *glabra* — de belo, e suave — escrita em nossos próprios rostos. Se não fosse assim, por que o mundo continuaria a girar, e por que a América teria sido descoberta?

> É quase supérfluo dizer aos norte-americanos:
> "A estrela do império se desloca para o oeste."
>
> John Quincy Adams.

Na qualidade de patriota autêntico, eu me envergonharia de considerar Adão no paraíso em situação de todo melhor que o norte-americano do interior mais remoto.

Em Massachusetts, nossas identificações não se limitam à Nova Inglaterra; embora não nos entendamos com o Sul, simpatizamos com o Oeste. O oeste é o lar dos filhos mais jovens, que na Escandinávia partiam para o mar atrás de seu futuro. É tarde demais para estudar o judaico; é mais importante entender bem até a gíria dos dias que correm.

Há alguns meses fui contemplar uma vista do rio Reno. Era como um sonho da Idade Média. Flutuei na sua correnteza histórica, viajando em alguma coisa que não era apenas minha imaginação, passando por baixo de pontes construídas pelos Romanos e conservadas por heróis de eras mais recentes, passando por cidades e castelos cujos próprios nomes eram um carinho aos meus ouvidos, cada um deles personagem de lendas. Ehrenbreitstein e Rolandseck e Coblentz, nomes que conhecia apenas dos livros de história. Foram as ruínas que mais me chamaram a atenção. De suas águas e de seus morros e vales cobertos de vinhedos parecia partir uma melodia abafada, saudando os Cruzados na sua partida para a Terra Santa. Fui flutuando sob o feitiço do encantamento como se tivesse me transferido a uma época heróica, respirando uma atmosfera de heroísmo e cavalaria.

Pouco depois, fui contemplar uma vista do rio Mississippi. Conforme fui subindo a correnteza à luz dos dias de hoje, vi os barcos a vapor queimando lenha rio acima, contei as cidades

nascentes, contemplei as ruínas recentíssimas de Nauvoo,[20] assisti os indígenas atravessando o rio em busca do Oeste e, como antes tinha vigiado a embocadura do Moselle, prestei atenção aos rios Ohio e Missouri e fiquei sabendo das lendas de Dubuque e do Penhasco de Wenona — e não conseguia deixar de pensar mais sobre o futuro de que sobre o presente e o passado; vi que o Mississippi era um Reno de tipo diferente, que os castelos sequer tiveram suas fundações lançadas, que as pontes famosas ainda estão por ser construídas. E senti que *essa era a própria época do heroísmo*, embora não saibamos disso, pois o herói geralmente é o mais simples e obscuro dos homens.[21]

O oeste de que falo é apenas um outro nome para o Indomado; e o que venho preparando até aqui é a afirmação de que o Indomado significa a preservação do Mundo. Cada árvore lança suas mais insuspeitadas fibras à busca do Indomado. Não há preço que as cidades se recusem a pagar por ele. Os homens aram a terra e cruzam os mares em busca dele. Da floresta e da natureza indomada vêm os tônicos e as essências que dão força à humanidade. Nossos ancestrais foram selvagens. A história de Rômulo e Remo sendo amamentados por uma loba não é uma fábula sem sentido. Os fundadores de cada civilização que atingiu notoriedade se nutriram e captaram sua força de fontes igualmente selvagens. Foi exatamente porque os filhos do Império Romano não foram amamentados pela loba que eles foram conquistados e substituídos pelos filhos das florestas setentrionais, que beberam do leite da loba.

Eu acredito na floresta, e na várzea, e na noite dentro da qual cresce o milho. Nosso chá precisa de uma infusão da cicuta, do abeto ou da árvore-da-vida. Há uma diferença entre comer e beber para ficar forte e fazer o mesmo por mera gula. É com avidez que os Hotentotes[22] devoram o tutano cru do Kudu e de outros antílopes, com a maior naturalidade. Alguns de nossos indígenas do norte comem o tutano cru da rena do Ártico; gostam também de outras partes, inclusive das extremidades dos chifres, desde que não sejam duras. Talvez nesse ponto eles tenham sido mais espertos que os cozinheiros de Paris. Eles comem o que geralmente vai acabar no fogo. É provável que seja um

alimento melhor para formar um homem do que a carne de um boi confinado ou de um porco de matadouro. Quero um lugar selvagem que nenhuma civilização consiga encarar de frente — como se eu me alimentasse do tutano cru dos Kudus.

Eu migraria para uma dessas línguas de terra que ficam perto do canto musical do tordo — terras selvagens onde ninguém se estabeleceu; na verdade, creio que já estou aclimatado a terras como essas.

Cumming, o conhecido caçador da África, diz que a pele dos elãs recém-baleados — assim como a de outros tipos de antílopes — tem o cheiro mais delicioso de árvores e grama. Eu gostaria que cada homem fosse assim como um antílope selvagem: tão parte e tão parcela da natureza que sua própria pessoa nos alertaria docemente os sentidos para a sua presença, que saberíamos de pronto que partes da natureza ele costuma freqüentar. Não tenho disposição para a sátira quando sinto o cheiro almiscarado do casaco do caçador de peles; é para mim um odor mais doce do que o cheiro das roupas finas do comerciante e do acadêmico. Quando examino essas suas vestimentas, não me vêm à mente planícies gramadas ou várzeas floridas por onde seus donos possam ter passado; o que elas me sugerem são os empoeirados balcões das lojas ou as escuras bibliotecas.

Uma pele queimada pelo sol é algo mais do que respeitável, e o verde-oliva é talvez uma cor mais respeitável para um homem do que o branco — ela é a marca do habitante das florestas. "O pálido homem branco!" Não é de surpreender que o Africano tivesse pena dele. O naturalista Charles Darwin[23] disse que "Um homem branco banhando-se ao lado de um natural do Taiti era como uma planta descorada pela química de um jardineiro justaposta a uma outra, belíssima, verde-escura, vicejando com toda a força nas planícies abertas."

Ben Jonson[24] diz:

"O belo está tão perto do bem!"
Eu prefiro dizer
"O *selvagem* está tão perto do bem!"

A vida é coerente com a natureza indomada. O mais selvagem é o que está mais vivo. Por não estar dominado pelo homem, a

presença do que é selvagem o renova. Para aquele que quer seguir em frente sem parar para descanso, que cresce rapidamente e exige tudo da vida, o melhor lugar é uma terra nova ou selvagem cheia de matéria-prima para a vida. O homem com essa disposição prefere subir pelos dóceis troncos das árvores primitivas das florestas.

Para mim a esperança e o futuro não estão nos belos gramados e nos campos cultivados, nem nas vilas e cidades, mas nos pântanos impenetráveis e perigosos. Quando analiso, *a posteriori*, minha simpatia por alguma fazenda que tinha em vista comprar, muitas vezes descubro que a única coisa que me interessou foram alguns metros quadrados de terra encharcada onde qualquer um se atolaria se tivesse a audácia de tentar penetrar — como se fosse uma pia natural a um canto da propriedade. Essa é a jóia que me ofusca. Retiro minha sobrevivência muito mais dos pântanos que cercam minha cidade do que dos seus bem cultivados jardins. Aos meus olhos não existem canteiros decorativos mais belos do que os densos ajuntamentos de ericáceas (*Cassandra calyculata*) que recobrem esses delicados recantos da superfície terrestre. A botânica só pode me enumerar os nomes dos arbustos que crescem por lá — o mirtilo, as ericáceas, a mata-ovelhas, a azaléia, a rodora — todas vicejando no charco borbulhante. Já me passou várias vezes pela cabeça a idéia de que minha casa devia estar de frente para esse conjunto de arbustos avermelhados e monótonos, dispensando abetos transplantados e buxos podados, e até mesmo os caminhos calçados de pedras. Quem me dera ter esse fértil recanto debaixo de minhas janelas, ao invés de alguns poucos barris importados de terra que servem apenas para cobrir a areia escavada na construção do porão. Por que não colocar minha casa, minha sala de estar, de frente para um pântano, ao invés desse pobre amontoado de curiosidades, desse indigente substituto para a Natureza ou a Arte, que chamo de "meu jardim"? Este nada mais é do que um esforço para limpar o terreno e de lhe dar uma aparência decente depois que o carpinteiro e o pedreiro se foram, embora a preocupação seja tanto com o transeunte quanto com o morador. A mais agradável cerca de jardim nunca me seduziu como objeto de observação; seus enfeites mais trabalhados logo me cansam e me causam repulsa. Tragam, portanto, seus portais até

a beirinha do pântano (embora possa não ser o melhor lugar para um porão seco), de modo que seus concidadãos fiquem impedidos de entrar por esse lado. Os jardins de frente não são feitos para se entrar por eles; no máximo, servem de passagem. Vocês podem muito bem entrar em suas casas pelos fundos.

Sim, muito embora vocês possam me ver como um pervertido, a verdade é a seguinte: se me for colocada a opção entre passear pelo mais belo dos jardins construídos pela arte dos homens ou pelo Pântano da Desolação,[25] eu me decido com toda a certeza pelo pântano. Como foram inúteis, portanto, meus concidadãos, todos os seus cuidados com a jardinagem!

É inevitável a minha elevação de espírito quando estou num ambiente externo de desolação. Eu quero o oceano, o deserto e a natureza selvagem! O ar puro e a solidão do deserto compensam a falta de umidade e de fertilidade. O viajante Burton fala disso: "O seu *moral* cresce; você se torna franco e cordial, hospitaleiro e determinado. (...) No deserto, a bebida alcoólica excita apenas o mal-estar. Há um fino desfrute numa vida meramente animal." Os que viajam por muito tempo através das estepes tártaras dizem: "Quando voltávamos às terras cultivadas, as agitações, a perplexidade e a confusão da civilização nos oprimiam e sufocavam; o ar quase nos faltava e parecia que a qualquer momento poderíamos morrer asfixiados." Se e quando eu pudesse me recriar eu buscaria a mais escura das florestas e, dentro dela, o mais lamacento, o mais extenso e — para o morador da cidade — o mais deprimente dos pântanos. Penetro num pântanto como num lugar sagrado, um *sanctum sanctorum*.[26] Nele reside a força, o tutano da Natureza. A vegetação selvagem recobre o musgo virgem, e o mesmo solo serve para homens e árvores. A saúde humana exige tantos hectares de várzea na paisagem quanto uma fazenda exige um grande charco. Aí ficam os seus nutrientes mais fortes. Uma cidade se sustenta tanto pelo seus habitantes valorosos quanto pelas florestas e pântanos que a cercam. Uma cidade onde uma floresta primitiva altaneiramente se ergue por cima de uma outra floresta primitiva a apodrecer na sombra — uma cidade dessas é propícia não apenas para o cultivo de milho e batatas, mas para a geração de poetas e filósofos para os tempos futuros. Em solos como esse nasceram Homero e Confúcio e todos os demais; de uma natureza selvagem dessas é que sai o Reformador que se alimenta de gafanhotos e do mel silvestre.

A preservação de animais selvagens geralmente implica a criação de uma floresta na qual possam viver ou se refugiar. O mesmo ocorre com o homem. Há cem anos atrás, nas ruas de nossa cidade, vendia-se a casca tirada das árvores de nossas próprias florestas. Na minha opinião, o próprio aspecto primitivo e sólido daquelas árvores continha um princípio de conservação que fortalecia e consolidava a fibra das reflexões humanas. Ah! já me arrepio com os dias de agora, relativamente degenerados: na minha cidade natal não é mais possível extrair uma boa porção de cascas bem grossas e não mais produzimos alcatrão e terebintina.

As nações civilizadas — Grécia, Roma, Inglaterra — foram sustentadas pelas florestas primitivas que apodreciam nas terras onde elas se constituíram. Elas sobrevivem enquanto o solo não se exaure. Pobre da cultura humana! Não há muito que se possa esperar de uma nação quando sua cobertura vegetal chega ao fim e ela se vê obrigada a fazer fertilizantes dos ossos dos antepassados. Num lugar assim, o poeta só se sustenta pela sua própria gordura excessiva e o filósofo acaba magro, de costelas de fora.

Dizem que a tarefa do norte-americano é a de "trabalhar o solo virgem" e que "a agricultura daqui já alcança proporções desconhecidas em qualquer outro lugar". Me parece justo que o fazendeiro tome o lugar do indígena porque ele recupera e utiliza a várzea, e assim se faz mais forte e, sob certos aspectos, mais natural. No meu trabalho de agrimensor, certa vez estava demarcando uma única linha reta com o comprimento de setecentos metros ao longo de um pântano em cuja entrada muito facilmente poderíamos encontrar uma placa com as palavras que Dante empregou para alertar os que se dirigem para as regiões do Inferno — "Vocês que entram, deixem aqui toda a sua esperança" — ou seja, a esperança de algum dia retornar; nesse pântano vi o homem que contratara meus serviços literalmente nadando para salvar a vida, com água até o pescoço, a água de sua propriedade, e ainda era inverno. Ele tinha outro pântano igual que não consegui sequer começar a medir, pois estava inteiramente debaixo d'água. Não obstante, ele tinha um terceiro pântano que consegui demarcar *de longe*, e me disse instintivamente que nun-

ISBN 970 | 7CH | 37033

ca o venderia para alguém por causa da lama acumulada. E ele pretendia nos quarenta meses seguintes cercar todo esse pântano com uma canaleta e, assim, recuperá-lo pela mágica de sua escavadeira. Conto a história desse homem apenas para mostrar um exemplo entre muitos.

As armas que nos permitiram as vitórias mais importantes, que deviam ser legadas de uma geração a outra como peças de estimação, não são a espada e a lança, mas o facão, a foice, a escavadeira, o enxadão, enferrujados pelo sangue de muitas várzeas e encardidos com a sujeira de muitos campos de difícil conquista. O próprio vento empurrava o milharal dos indígenas na direção da várzea, indicando o caminho que eles não tinham capacidade suficiente para seguir. A concha do caramujo era o instrumento mais aperfeiçoado que o indígena tinha para defender sua terra. Mas o fazendeiro conta com o arado e a escavadeira.

Somos atraídos na literatura unicamente pelo que é indomado. Monotonia é apenas outro nome para o que é domesticado. Tiramos nosso prazer no pensamento incivilizado, livre e selvagem que explode em *Hamlet* e na *Ilíada*, em todos os textos sagrados e nas mitologias, e não na reflexão erudita oriunda das academias. Tal como o pato selvagem é mais ágil que o doméstico, o pensamento selvagem alça vôo agilmente em meio à garoa, por cima das águas do charco. Um livro verdadeiramente bom é algo tão natural, tão inesperado e inexplicavelmente belo e perfeito quanto uma flor selvagem nas planícies do Ocidente ou nas selvas do Oriente. A genialidade é uma luz que torna a escuridão visível, tal como o clarão do relâmpago que às vezes atinge e abala o próprio templo do saber — e não uma vela acesa ao pé da lareira da humanidade, cuja luz enfraquece ainda antes de clarear o dia.

A literatura inglesa, desde os menestréis até os Poetas de Lake — Chaucer, Spenser, Milton e até Shakespeare incluídos[27] — não transpira um temperamento arrojado e, nesse sentido, indomado. É uma literatura essencialmente domesticada, refletindo Grécia e Roma. Sua natureza indomada é um belo bosque, seu homem selvagem é Robin Hood. Ela contém muito de um amor generoso pela Natureza, mas muito pouco da Natureza propriamente dita. Suas crônicas nos dizem quando foram extintos seus animais selvagens, mas ficamos sem saber quando o mesmo aconteceu com o seu homem selvagem.

Uma coisa é a ciência de Humboldt, outra coisa é a poesia. O poeta de nossos tempos não tem qualquer vantagem sobre Homero, não obstante todas as descobertas da ciência e todo o saber acumulado pela humanidade.

Onde está a literatura que permite à Natureza se expressar? Para ser um poeta é preciso saber seduzir os ventos e as correntezas e fazê-los falar; o poeta é o que consegue fincar as palavras nos seus significados primitivos, tal como na primavera os fazendeiros fincam as estacas que foram deslocadas pelo chão congelado do inverno; é o que faz brotar palavras na mesma proporção em que as usa, transplantando-as para suas páginas com o torrão protegendo as raízes; poeta é aquele cujas palavras são tão autênticas e novas e naturais a ponto de crescerem como os brotos na chegada da primavera, mesmo que se encontrem sufocadas entre duas folhagens mortas numa biblioteca, que elas consigam lançar suas flores e madurar seus frutos num ambiente tão inóspito, reproduzindo a cada ano sua espécie, para o desfrute do leitor fiel, em harmonia com a Natureza circundante.

Eu não conheço qualquer poesia que pudesse ser citada para expressar adequadamente esse desejo pelo Indomado. Desse ponto de vista, a melhor poesia é domesticada. Não consigo encontrar qualquer literatura, antiga ou moderna, que dê conta satisfatoriamente sequer dessa Natureza com a qual eu mesmo estou acostumado. É fácil perceber que exijo algo que nenhum período Augustino ou Elizabetano — que nenhuma *cultura*, em poucas palavras — pode conter. Quem chega mais perto do que quero é a mitologia. Como é mais rica a Natureza — pelo menos — na qual a mitologia grega lança suas raízes, quando comparada com a literatura inglesa! A mitologia foi o principal produto que o Velho Mundo cultivou antes de exaurir seu solo, antes que a fantasia e a imaginação fossem acometidas de atrofia; onde quer que sua força primitiva tenha sobrevivido, a mitologia ainda se faz sentir. Todas as outras literaturas vivem tanto quanto as almas que sombreiam nossas casas; mas a mitologia é como a gigantesca árvore-dragão das Ilhas Canárias, tão velhas quanto a humanidade; verdadeira ou não essa alegação, é certo que ela

durará tanto quanto a humanidade; pois a decadência das outras literaturas nutre o solo na qual ela cresce.

O Ocidente se prepara para somar suas fábulas àquelas do Oriente. Os vales do Ganges, do Nilo e do Reno já deram suas safras; falta ver o que será produzido pelos vales do Amazonas, do Prata, do Orenoco, do São Lourenço e do Mississippi. É possível que daqui a muitos anos, quando a liberdade da América do Norte tenha virado uma ficção do passado — tal como até certo ponto é uma ficção do presente — os poetas de todo o mundo venham a se inspirar na mitologia deste país.

Nem mesmo os sonhos mais selvagens dos homens mais selvagens são menos autênticos, muito embora sejam estranhos aos sentimentos mais comuns aos ingleses e aos norte-americanos de hoje em dia. Nem todas as verdades são evidentes ao senso comum. Na Natureza há lugar para o lírio do brejo e para o repolho. Algumas expressões da verdade são reminiscências, outras são apenas *sensatas* como um ditado, outras ainda são proféticas. Até mesmo algumas formas de doença podem anunciar formas de saúde. Os geólogos descobriram que os desenhos de serpentes, grifos, dragões voadores e outros elementos fantasiosos que embelezam a heráldica têm como protótipos as formas de espécies fósseis desaparecidas antes do surgimento do homem; eles indicam, portanto, "uma percepção vaga e obscura de uma outra existência orgânica anterior". Os hindus sonhavam com o mundo amparado no dorso de um elefante, que ficava por cima de uma tartaruga, que por sua vez se amparava numa serpente; talvez não seja mais do que uma coincidência insignificante, mas não é demais dizer aqui que um fóssil de tartaruga gigante, com o tamanho suficiente para carregar um elefante, foi recentemente descoberto na Ásia. Confesso que não consigo esconder meu gosto por essas fantasias selvagens, que transcendem a ordem do tempo e da evolução. Elas são a recriação mais sublime do intelecto. Perdizes adoram ervilhas, mas não as que vão junto com elas para a panela.

Em suma, todas as coisas boas são selvagens e livres. Há alguma coisa numa frase musical, saída de um instrumento ou das cordas vocais de uma pessoa — por exemplo, o lamento de um clarim numa noite de verão — que pela sua selvageria me lembra dos gritos dos animais livres de nossas florestas; e digo

isso sem intenção de ser satírico. Nos seus gritos é que compreendo como são indomados. Quero que meus amigos e vizinhos sejam homens selvagens, não seres domesticados. O espírito indomado do selvagem é apenas um símbolo esmaecido da impetuosidade assustadora que marca os encontros entre os homens bons e entre os amantes.

Gosto até mesmo de ver quando os animais domésticos retomam seus direitos naturais — uma prova qualquer de que não perderam inteiramente seus hábitos selvagens e sua força original; um exemplo disso é a vaca do meu vizinho quando resolve fugir de seu pasto no início da primavera e cruzar audaciosamente o rio gelado, cinza, inchado de neve derretida, com quase 120 metros de largura. É como o bisão atravessando o Mississippi. Um feito desses dignifica um pouco o rebanho a meus olhos — já dignificados. As sementes do instinto são preservadas sob as grossas peles dos bois e dos cavalos, tais como certas sementes se preservam por tempo indefinido nas entranhas da terra.

É totalmente inesperada qualquer inclinação esportiva entre os bovinos. Certo dia vi um rebanho de uma dúzia de garrotes e vacas correndo soltos e saltitando, numa brincadeira livre tal como ratazanas ou, mesmo, gatinhos. Sacudiam as cabeças, levantavam as caudas, corriam morro acima e abaixo, e pelos seus chifres e sua intensa atividade percebi seu parentesco com a tribo dos veados. Mas um grito repentino como "Ê boi" teria esfriado imediatamente a sua empolgação, os teria reduzido de animais de caça a carcaças de carne, teria congelado suas ancas e tendões como as rodas de uma locomotiva. Quem senão o Ente Maligno gritou "Ê boi" para a humanidade? De fato, a vida do gado e de muitos homens nada mais é do que um tipo de locomotividade; movem um lado de cada vez, e os homens, com suas maquinarias, vão conseguindo empatar com cavalos e bois. As partes do corpo atingidas pelo chicote ficam paralisadas. Quem é que se refere às *ancas* de um gracioso membro da tribo dos gatos como às *ancas* de um boi de corte?

Fico muito feliz com o fato de que seja necessário domar cavalos e bois para deles fazer escravos para os homens e de que os próprios homens tenham dentro de si umas fibras selvagens que precisam ser amaciadas antes que se tornem membros sub-

missos da sociedade. Sem dúvida, nem todos os homens têm a mesma aptidão para a civilização; que a maioria seja domesticada em virtude de uma disposição hereditária, tal como cachorros e carneiros, não é motivo para violentar a natureza dos demais e reduzi-los à mesma condição. Os homens se assemelham na maior parte das coisas, mas eles foram feitos diferentes para que possam ser variados. Para servir a uma finalidade sem grandeza tanto faz, ou pouca diferença faz, um homem ou outro; para um fim elevado é preciso levar em conta as excelências individuais. Qualquer homem pode tapar um buraco na parede, mas nenhum outro poderia fazer algo tão difícil quanto formular este exemplo. Confúcio disse que "As peles do tigre e do leopardo, uma vez curtidas, ficam como as peles curtidas dos cães e dos carneiros". Mas uma verdadeira cultura não deve se ocupar da domesticação de tigres, assim como não se espera que transforme carneiros em feras. Curtir os couros dos tigres para fazer sapatos não é o que de melhor pode ser feito com os tigres.

Quando passo os olhos por uma lista de nomes de pessoas em língua estrangeira — tal como militares ou então escritores que se ocuparam de um assunto específico — mais uma vez percebo que um nome não diz coisa alguma. Por exemplo, o nome Menschikoff nada me sugere de humano a não ser um cavanhaque, e pode bem pertencer a um rato. Nossos sobrenomes soam aos ouvidos russos e poloneses como os deles soam aos nossos. Parece que seus nomes foram baseados nos balbuceios de alguma criança. Na minha imaginação vejo uma horda de criaturas selvagens se espalhando pelo mundo todo e cada uma delas tem um nome dado pelo pastor, um som bárbaro do seu dialeto estranho. Os nomes das pessoas são, evidentemente, tão vulgares e insignificantes quanto Sultão e Rex, nomes de cachorros.

Creio que seria ótimo para a filosofia se os homens recebessem nomes apenas pelo atacado, tal como são em geral conhecidos. Para conhecer o indivíduo bastaria conhecer o gênero e, talvez, a raça ou variedade. Não estamos preparados para crer que cada soldado combatente de um exército Romano tivesse um nome próprio — porque não supomos que ele tivesse um caráter próprio.

Atualmente os únicos nomes verdadeiros que temos são os apelidos. Conheci um menino cuja peculiar disposição e energia

lhe angariaram o apelido de "Brutamonte", ficando seu nome de batismo justamente esquecido entre seus companheiros. Alguns viajantes nos informam que um indígena da América a princípio não tinha um nome; ele conquistava seu nome, que era também a sua fama; e entre algumas tribos cada novo feito significava um novo nome. É lamentável a situação em que um homem ostenta um nome — por mera conveniência, sem ter feito coisa alguma para merecer o nome ou a fama.

Não me permitirei distinções baseadas em meros nomes e continuarei a considerá-los como hordas de homens. Um nome familiar não pode fazer um homem menos estranho para mim. Quem pode merecer uma distinção é o selvagem que guarda em segredo seu próprio título selvagem conquistado em meio às florestas. Temos dentro de nós um selvagem indomado, e talvez haja um nome indomado registrado como nosso em algum recanto desse mundo. Quando presto atenção no meu vizinho, que responde pelo nome familiar de Guilherme ou Eduardo, percebo que ele despe seu nome junto com o casaco. O seu nome se desprega dele quando dorme ou sente ódio, ou quando fica transtornado por qualquer paixão ou inspiração. Quase consigo ouvir, nesses momentos, um parente seu pronunciar seu nome selvagem original numa língua gutural ou, então, melodiosa.

Aí está essa nossa mãe, a Natureza, imensa, selvagem, ui-vante, espalhada em todos os recantos, cheia de beleza, plena de afeição pelos seus filhos, como uma leoa; e, no entanto, logo nos vemos desmamados e jogados na sociedade, nessa cultura que se faz exclusivamente das interações entre homem e homem — uma espécie de endogamia que produz no máximo uma nobreza meramente inglesa, uma civilização fadada a um limite bem estreito.

Na sociedade, nas melhores instituições humanas, é fácil perceber uma certa precocidade. Já somos homenzinhos quando ainda devíamos ser crianças. Quero uma sociedade que importe muita lama das várzeas para aprofundar os seus solos — e não a que confie apenas no esterco, nas boas ferramentas e nas técnicas de cultivo!

Já conheci muitos estudantes em estado lamentável e doentio que teriam um crescimento físico e intelectual mais rápido se honestamente dormissem mais, ao invés de ficar estudando até altas horas da noite.

Pode haver excessos até mesmo nas luzes do saber. O francês Niepce[28] descobriu o "actinismo", ou seja, o efeito químico provocado pelo poder dos raios solares; pedras de granito, estruturas de pedra e estátuas metálicas "são todas igualmente atacadas com força destrutiva durante as horas de exposição ao sol e, se não fosse por alguns dispositivos igualmente impressionantes da própria Natureza, logo ruiriam com o toque mais delicado dos elementos mais sutis do universo". Ele observa que "os corpos sujeitos a essa mudança durante o dia têm o poder de recuperar suas condições originais durante a noite, quando não mais são influenciados pela ação dos raios solares". Disso foi inferido que "as horas de escuridão são para as matérias inorgânicas tão necessárias quanto reconhecidamente o são para os integrantes do mundo orgânico". Nem mesmo a lua brilha todas as noites, para dar tempo à escuridão.

Eu nunca cultivaria cada um dos homens nem cada parte de um único homem, tal como nunca cultivaria cada hectare da terra; parte dela ficaria coberta de plantações, mas a parte maior ficaria para a várzea e a floresta que têm finalidade não apenas imediata, pois que elas preparam a terra fértil necessária para um futuro distante, produzindo o húmus que se forma da vegetação que vai morrendo.

Há outras letras além das inventadas por Cadimo[29] e que as crianças precisam aprender. Os espanhóis possuem uma ótima expressão para indicar esse conhecimento selvagem e sombrio: *gramática parda*, uma espécie de sabedoria materna derivada daquela leoa a quem me referi há pouco.

Já conhecemos a sociedade para a divisão do Conhecimento Útil. Dizem por lá que o conhecimento é o poder, e coisas desse gênero. Eu penso que precisamos também de uma Sociedade para a Difusão da Ignorância Útil, o que podemos chamar de Conhecimento Belo, um conhecimento útil num sentido mais elevado: pois o que vem a ser a maior parte da nossa decantada e apregoada sabedoria do que a presunção de conhecer alguma coisa, presunção essa que nos priva da vantagem da autêntica ignorância? Freqüentemente o que consideramos conhecimento é a nossa ignorância positiva, sendo a ignorância o nosso conhecimento negativo. Depois de longos anos de trabalho e de leitura dos jornais — o que são as estantes da ciência senão arquivos de

jornais? — um homem acumula uma miríade de fatos, empilha-os na memória; depois, quando em alguma primavera de sua vida resolve *santerrear* até os Grandes Campos do pensamento, ele por assim dizer cai de quatro e pasta na grama como um cavalo, deixando no estábulo todos os arreios. Gostaria de dizer, às vezes, à Sociedade para a Difusão do Conhecimento Útil: caiam de quatro e pastem na grama. Há tempo demais vocês estão comendo feno. A primavera chegou e trouxe o verde às vegetações. As próprias vacas buscam as suas pastagens mais retiradas ainda antes do fim de maio; mas já ouvi falar de um fazendeiro desnaturado que mantinha sua vaca presa no celeiro o ano inteiro, alimentando-a com feno. É assim que muitas vezes a Sociedade para a Difusão do Conhecimento Útil trata o seu gado.

A ignorância às vezes é não apenas útil, mas linda; a chamada sabedoria é freqüentemente pior do que inútil, além de horrorosa. Com quem você preferiria lidar — com o homem que nada sabe de um assunto e — o que é raríssimo — sabe que nada sabe, ou com o outro que de fato sabe alguma coisa do assunto, mas pensa que sabe tudo?

É intermitente meu desejo de sabedoria, mas é constante e perene minha vontade de banhar a cabeça em atmosferas desconhecidas pelos meus pés. A Sabedoria não é o máximo que podemos obter; o máximo é a Afinidade com Inteligência. Não acredito que essa sabedoria superior consista em algo mais preciso do que uma surpresa inédita e enorme perante a súbita revelação da insuficiência de tudo aquilo que antes considerávamos Sabedoria — a descoberta de que existe mais entre o céu e a terra do que suspeita a nossa filosofia. É como a luz solar clareando a cerração. O homem não pode *saber* em qualquer sentido mais elevado do que esse, da mesma forma que não pode encarar o sol serena e impunemente; os Oráculos Caldeus dizem "Nada será tão bem compreendido quanto um fato particular".

Há algo de servil no hábito de tentar descobrir uma lei à qual tenhamos que obedecer. Podemos muito bem estudar as leis naturais para nossas conveniências, mas uma vida bem-sucedida não conhece leis. É certamente uma descoberta infeliz aquela que nos revela uma lei impositiva ali onde antes não sabíamos da imposição. É preciso viver livre, ser a criança na cerração — e no

que diz respeito ao conhecimento somos todos crianças na cerração. O homem que toma a liberdade de viver se coloca acima de todas as leis, em virtude de sua relação com o formulador de leis. Nas palavras do Vishnu Purana:[30] "O dever ativo não é o que nos aprisiona; o conhecimento é apenas o que nos liberta; os demais deveres só servem para nos esgotar; os outros saberes são apenas a esperteza do artista."

É notável a pequena quantidade de acontecimentos e crises em nossas histórias, o quão pouco nossas mentes foram exigidas, quão poucas foram nossas experiências. Com muito prazer eu me convenceria de estar crescendo rápida e ordenadamente, embora meu próprio crescimento viesse perturbar essa equanimidade monótona, embora lutasse contra noites longas, escuras e úmidas ou temporadas de melancolia. Seria bom que nossas vidas fossem até mesmo tragédias divinas ao invés dessas comédias ou farsas triviais. Dante, Bunyan[31] e outros aparentemente tiveram suas mentes mais exigidas que as nossas: foram submetidos a um tipo de cultura implausível para nossas escolas municipais e colégios. Até mesmo Maomé — muito embora seu nome gere protestos gerais — tinha muito mais motivos para viver e, ai!, para morrer, do que seus desafetos.

Nas raras ocasiões em que uma pessoa é visitada por alguma reflexão autêntica, quando por acaso passeia pela estrada de ferro, então, de fato, os vagões passam sem que ela sequer os perceba. Mas logo acontece que nossa vida se esvai e voltamos a ouvir o barulho da composição, como se por uma lei inexorável.

"Brisa suave que passeia invisível
E verga os cardos das flores
Viajante de vales profundos
Por que fugiste tão cedo dos meus ouvidos?"

Enquanto quase todos os homens sentem uma grande atração pela sociedade, são poucos os que têm uma inclinação forte pela natureza. No que toca à sua reação perante a Natureza, a maior parte dos homens me parecem inferior aos animais — independente de sua arte ou habilidade. Não é freqüente uma

relação bonita entre homem e natureza, tal como se dá com os animais. É impressionantemente pequena entre os homens a fruição da beleza de uma paisagem! É preciso que nos digam que os Gregos chamavam o mundo de Beleza, ou Ordem (Κοσμος), e nem mesmo assim vemos com clareza o motivo para isso: no melhor dos casos consideramos isso um curioso fato filológico.

De minha parte, sinto que levo um tipo de vida fronteiriça em relação à Natureza: moro nos limites de um mundo no qual faço apenas incursões ocasionais e efêmeras e sinto que meu patriotismo e minha lealdade em relação ao estado em cujo território pareço residir são tão profundos quanto os de um bandoleiro. Se fosse para chegar a um tipo de vida que considero natural, seguiria com prazer até mesmo um fogo fátuo através de lamaçais e charcos inimagináveis; mas até hoje não houve estrela ou vagalume que me mostrasse o caminho até lá. A Natureza é uma personalidade tão vasta e universal que nunca esgotamos um dos seus fragmentos. Quem caminha pelos campos familiares que se estendem em torno de minha cidade natal por vezes se encontra numa outra terra inteiramente distinta da que está descrita nos títulos de propriedade; é como se tivesse chegado a um campo remoto para além dos limites de Concord, onde termina a sua jurisdição e onde não mais é sugerida a idéia que o próprio nome de Concord sugere.[32] As fazendas nas quais eu mesmo tomei medidas, os marcos que eu mesmo cravei, tudo fica sem nitidez como se estivesse mergulhado na névoa; mas não há química que permita fixá-los; elas se evaporam dentro das lunetas e perdem sua visibilidade nos quadros dos pintores. Não fica um traço sequer do mundo com o qual estamos habituados; é impossível estabelecer referênciais.

Há alguns dias atrás, à tarde, fiz uma caminhada pela Fazenda de Spaulding. Vi quando o sol poente iluminou o lado oposto de um enorme pinheiro. Os seus raios dourados dispersivamente penetravam pelas aléias da floresta, como se estivessem à busca de um salão nobre. Fiquei tão impressionado quanto se tivesse descoberto alguma família antiga e de todo admirável e luminosa que se estabelecera ali naquele pedaço do chão de Concord, para mim desconhecido; uma família que fazia do sol um criado, que não tinha ingressado na sociedade de nossa vila, que nunca tinha sido visitada. Vi distintamente o seu gramado, o

pátio das crianças, ali através da floresta, na várzea de Spaulding. Os pinheiros iam lhe fornecendo as arestas para construção de sua casa, que não aparecia nitidamente, pois as árvores cresciam através dela. Não sei se ouvi ou não os sons de uma alegria abafada. A família parecia se recostar nos raios de sol. Há meninos e meninas na família. Todos passam muito bem. A picada do fazendeiro passa diretamente pelo corredor da casa, mas isso não incomoda os residentes; é como o fundo lamacento de um lago que às vezes se vê através do céu refletido na superfície. Eles nunca ouviram falar de Spaulding e ignoram que ele é seu vizinho — embora eu o tenha ouvido assoviando enquanto guiava sua junta através da casa. Não há nada que se compare à serenidade da vida dessa família. Seu escudo de armas é um simples líquen. Eu o vi pintado nos pinheiros e carvalhos. Seus sótãos ficavam nos topos das árvores. Eles não se interessam em absoluto pela política. Não havia qualquer barulho denunciando trabalho. Não vi ninguém tecendo ou fiando. No entanto, quando havia uma calmaria no vento e era possível ouvir melhor, percebi um zumbido suavíssimo, doce e musical, como se saísse de uma colméia distante no mês de maio — que talvez fosse o som de suas reflexões. Não havia neles pensamentos ociosos mas ninguém poderia vê-los trabalhando, pois sua operosidade não se transfigurava em protuberâncias ou excrescências.

Mas é difícil recordá-los. Eles vão se apagando na minha mente até mesmo agora, no momento em que falo deles e procuro relembrá-los e ordenar minhas impressões. Só depois de um esforço sério e prolongado no sentido de avivar meus melhores pensamentos é que novamente me dou conta de sua vizinhança. Se não fosse por famílias como essas creio que eu acabaria me mudando de Concord.

Na Nova Inglaterra temos o hábito de dizer que a cada ano é menor o número de pombos que nos visita. Nossas florestas não lhes fornecem um bom lugar para pousar. Da mesma forma, talvez, vai diminuindo de ano a ano a quantidade de pensamentos que visitam um homem que vai crescendo, pois destruímos os arvoredos de nossas mentes, para alimentar o fogo útil das ambições ou a fornalha das fábricas, e mal sobra um graveto no

qual possa repousar uma reflexão. Os pensamentos não mais fazem seu ninho em nossa mente. É possível que numa ocasião mais propícia uma sombra fugidia cruze a paisagem mental, projetada pelas *asas* de um pensamento em vôo migratório de primavera ou de outono; mas, quando levantamos os olhos para o céu, não conseguimos perceber a substância desse pensamento. Nossos pensamentos alados viram aves de galinheiro. Não cruzam mais as alturas do céu; alcançam uma grandiosidade apenas terrestre. Onde estão *os grandes pensamentos, os grandes homens* de quem tanto se fala?

Estamos sempre colados à terra — é tão raro nos elevarmos! Creio que poderíamos nos colocar num nível um pouco superior. Poderíamos ao menos subir numa árvore. Outro dia localizei um relato meu sobre como subir numa árvore. Era um pinheiro branco bem alto, espetado no alto de um morro; cheguei bem ao topo e valeu a pena, pois descobri no horizonte algumas montanhas que nunca tinha visto antes — uma porção a mais de terra e de céu. É provável que passeasse ao pé dessa árvore por setenta anos sem jamais descobrir essas montanhas. Acima de tudo, no entanto, descobri ao meu redor — estávamos quase no fim de junho — umas poucas flores minúsculas e delicadas, vermelhas e em forma de cone, surgindo apenas nas extremidades dos galhos mais altos — era a flor fértil do pinheiro branco encarando o céu. Voltei diretamente à minha cidade trazendo comigo o galho mais elevado e o fui exibindo a alguns jurados estranhos vindos de outras cidades — era semana de julgamentos em Concord — e que eu ia encontrando pelas ruas; mostrei meu tesouro a fazendeiros e comerciantes de maderia e lenhadores e caçadores, e nunca nenhum deles tinha visto algo parecido; parecia que estavam olhando uma estrela caída. E as histórias que ouvimos a respeito dos arquitetos da antigüidade dando aos topos de suas imensas colunas um acabamento tão perfeito quanto às partes mais baixas e visíveis! Desde sempre a Natureza colocou as flores minúsculas das florestas bem no alto, mais perto do céu, acima da cabeça dos homens e fora de seu campo de observação. Só enxergamos as flores que nascem sob nossos pés nas várzeas. Os pinheiros vem há tempos imemorias desenvolvendo suas delica-

das flores nos mais altos galhos da floresta, e também acima das cabeças dos filhos vermelhos[33] e brancos da Natureza. No entanto, é raro o fazendeiro ou caçador que tenha postos os olhos sobre elas.

O mais importante de tudo é que não podemos nos dar ao luxo de não viver no presente. Abençoado é aquele que, acima de todos os mortais, não desperdiça um único momento da vida que vai passando com recordações do passado. É anacrônica nossa filosofia quando é incapaz de ouvir o canto de galo em cada terreiro do horizonte. É muito comum que esse som nos recorde de que estamos ficando enferrujados e antiquados nas nossas atividades e nos nossos hábitos de pensamento. A filosofia do galo se liga a um tempo mais recente que o nosso. O canto do galo sugere algo de um testamento ainda mais novo — o evangelho segundo o momento presente. Ele não fica para trás; ele acorda cedo e insiste em viver o agora; estar com ele é estar em harmonia com as estações, no escalão mais avançado do tempo. O canto do galo é uma expressão da saúde e da integridade da Natureza, um desafio ao mundo inteiro — a saúde de um regato cascateando, de uma nova fonte das Musas, para celebrar o último instante do tempo. Onde canta o galo não existem leis sobre escravos fugitivos.[34] Quem é que não traiu muitas vezes o seu senhor depois de ouvir um canto de galo?

O mérito que existe na melodia do galo é ser totalmente destituída de melancolia. O passarinho pode facilmente nos levar às lágrimas ou ao riso, mas quem mais senão o galo consegue nos provocar uma pura alegria matinal? Quando entro numa depressão melancólica em meio à terrível calmaria dominical nas nossas calçadas de madeira ou, talvez, numa sala de velório no fim da madrugada, penso comigo mesmo ao ouvir o canto distante ou próximo de um galo: "Bem, pelo menos existe alguém feliz." Num arranque súbito de alegria, volto à minha sensatez.

No último mês de novembro tivemos um notável pôr de sol. Eu caminhava por uma várzea, de onde nasce um pequeno riacho, quando o sol finalmente chegou, pouco antes de sumir depois de um dia frio e cinzento, a uma clareira entre as nuvens do horizonte; raio solares matinais, os mais suaves e claros,

iluminaram a grama seca e os caules das árvores no horizonte oposto e as folhas dos carvalhos na encosta dos morros, enquanto nossas sombras iam crescendo para o leste por cima da várzea, como se fôssemos as únicas partículas na trajetória de seus raios. Era uma luz de uma qualidade que nunca poderíamos imaginar sequer um momento antes de ter surgido, e o ar também estava tão morno e sereno que nada faltava para fazer daquela várzea o próprio paraíso. Quando percebemos que esse fenômeno não era singular e irrepetível, mas que se reproduziria sempre por um número infinito de tardes, para alegria e conforto da última criança que por ali perambule, tudo ficou ainda mais glorioso.

O sol se põe numa várzea retirada, de onde não se enxerga uma casa sequer, com toda a glória e o esplendor que desperdiça nas cidades, e talvez de uma forma inédita — mas só há por ali um falcão solitário para com ele dourar suas asas, ou um rato almiscarado a vigiar de sua toca; e há um pequeno riacho cheio de estrias pretas correndo pelo meio do pântano, começando a formar seus meandros, numa curva serena em torno de um toco podre. Caminhávamos numa luz tão pura e clara, dourando a grama e as folhas ressecadas, com uma luminosidade tão suave e serena, que pensei nunca ter me banhado numa torrente dourada daquelas, sem ondas e totalmente silenciosa. O lado oeste de cada floresta e elevação rebrilhava como os limites dos Campos Elíseos, e o sol aquecendo nossas costas parecia um pastor gentil nos guiando para casa no fim da tarde.

Assim vamos *santerreando* na direção da Terra Santa, até que um dia o sol brilhe mais intensamente que nunca, conseguindo talvez iluminar o interior de nosso espírito e de nosso coração, e acender nossas vidas inteiras com um grande clarão do amanhecer, morno e calmo e dourado como numa margem de rio no outono.

Notas do organizador

[1] Traduzido de *Walking*, extraído da coletânea organizada por Carl Bode, *The Portable Thoreau* (New York, Penguin, 1981), cuja edição original é de 1947; a edição utilizada é a 32ª. *Walking* foi publicado

pela primeira vez na revista *The Atlantic Monthly*, pouco menos de um mês depois do falecimento de Thoreau, no ano de 1862. Foi o primeiro de uma série solicitada pelos editores da revista. Quando reviu as provas tipográficas, Thoreau já não conseguia mais escrever, pois estava em seu leito de morte, tuberculoso; as correções e a correspondência referentes à revisão foram ditadas à sua irmã Sophia. Minha tradução foi confrontada com a de E. C. Caldas (ver "Bibliografia" da presente edição).

2 No original está *sauntering*, do verbo *to saunter*, corrente na língua inglesa, que significa passear sem compromisso, caminhar para diversão. Adaptei a expressão como se ela derivasse de Terra Santa.

3 Religioso católico nascido em Amiens em 1050, falecido em 1115. Principal organizador da Primeira Cruzada, da qual foi um dos líderes, em fins do século XI.

4 Quem é caminhante já nasce assim, não pode ser feito.

5 William Wordsworth (1770-1850), poeta inglês, expressão maior do romantismo, qualificava-se como um "adorador da Natureza"; era um dos autores prediletos de Thoreau.

6 "Passeios ao ar livre." Possível referência aos jardins da escola criada pelo filósofo grego Epicuro (341-270 a.C.).

7 Não fica claro porque Thoreau introduz esse termo na discussão da origem etimológica de "vila".

8 Manu é o primeiro homem na mitologia hindu e autor legendário do *Manu-smrti*, a mais importante lei da Índia clássica. É considerado ainda o primeiro rei da Índia. Moisés viveu entre os séculos XIV e XIII a.C., libertou os judeus da escravidão no Egito e fundou a comunidade religiosa de Israel. Homero é poeta épico grego do século IX a.C., autor dos famosos poemas *A Ilíada* e *A Odisséia*; Geoffrey Chaucer (1340-1400), poeta inglês, autor dos *Contos de Canterbury*.

9 Américo Vespúcio (1454-1512), navegador florentino, participou das primeiras expedições européias ao continente que ganharia o seu nome.

10 Cristóvão Colombo (1451?-1506), navegador genovês que liderou as primeiras expedições européias ao continente americano.

11 Nome de uma vasta região no extremo noroeste do território dos EUA, banhada pelo Oceano Pacífico. Mais tarde, em 1859, a parte mais populosa da região se transformou num estado da União norte-americana, mantendo o nome original.

12 Na mitologia grega, um dos rios da Região dos Mortos; a alma que bebia a água do rio Letes esquecia o passado, os prazeres e os males da vida terrestre e podia voltar a ela.

13 Na mitologia grega, o principal rio da Região dos Mortos; na Grécia antiga, os mortos levavam uma moeda na boca para pagar a travessia desse rio e entrar na Região dos Mortos.

14 Ilha afundada numa erupção vulcânica a qual diversas lendas antigas diziam ter existido ao Oeste do Estreito de Gibraltar. Uma pujante civilização ali existente teria sido destruída pelos antigos atenienses.

15 As Hespérides eram as três filhas de Atlas que viviam num jardim com árvores que produziam maçãs de ouro.

16 Castela e Leão eram dois reinos católicos da Península Ibérica; uniram-se em 1230. Em 1469, o casamento de Isabela, rainha de Castela, com Fernando II, rei de Aragão, formou a base da Espanha moderna, na qual Cristóvão Colombo encontrou apoio para suas expedições.

17 Alexandre Humboldt (1769-1859), naturalista alemão, fez uma longa viagem de estudos à América, em 1799-1804.

18 Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788), naturalista francês.

19 Carlos Lineu (1707-1778), naturalista sueco conhecido pelas suas minuciosas classificações de espécies vegetais e animais.

20 A cidade de Nauvoo, no estado de Illinois e nas margens do Mississippi, foi destruída e depois totalmente abandonada em 1844, depois de sérios conflitos entre grupos rivais de Mórmons que povoavam o local. Os incidentes que levaram a essa destruição ficaram famosos na época; mais tarde, a cidade ressurgiu com o mesmo nome, com imigrantes irlandeses e alemães.

21 Vale lembrar que Thoreau nunca foi à Europa, nem navegou pelo Mississippi, e que as descrições de suas viagens imaginárias servem para ilustrar um contraste entre passado e futuro.

22 Povo nômade, natural da parte meridional do sudoeste do continente africano.

23 Charles Albert Darwin (1809-1882), naturalista inglês.

24 Ben Jonson (1572?-1637), dramaturgo e poeta inglês.

25 No original consta *Dismal Swamp*, um grande pântano na fronteira entre os estados de Virgínia e Carolina do Norte, junto ao litoral atlântico dos EUA.

26 O sagrado entre os sagrados.

27 Edmund Spenser (1552?-1599), poeta inglês; John Milton (1608-1674), poeta inglês. William Shakespeare (1564-1616), poeta e dramaturgo inglês. Os chamados *Lake Poets* (Poetas de Lake) são o já citado William Wordsworth, Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) e Robert Southey (1774-1843); no início do século XIX, os três residiam no Distrito de Lake, em Cumberland e Westmoreland, na Inglaterra.

28 Abel Niepce de Saint-Victor (1805-1870), químico francês.

29 Na mitologia grega, o filho de Agenor ou Fenix, rei da Fenícia, e fundador de Tebas, na Beócia; é considerado o introdutor do alfabeto fenício na Grécia, do qual se derivou o alfabeto grego; e símbolo da influência oriental sobre os gregos antigos.

30 Vishnu Purana é uma coletânea de textos sagrados hindus em louvor à divindade Vishnu ou Visnu.

31 Dante Alighieri (1265-1321), poeta italiano, autor de *A Divina Comédia*; John Bunyan (1628-1688), pregador puritano e escritor inglês, autor de *The Pilgrim's Progress (O avanço do peregrino)*, um dos textos mais lidos na Inglaterra e nos EUA, pois coloca a perspectiva religiosa dos puritanos.

32 Em inglês *concord* significa concórdia, harmonia.

33 Referência aos indígenas da América do Norte, popularmente conhecidos como *red-skins*, ou peles-vermelhas.

34 Aqui o abolicionista Thoreau lança farpas aos estados norte-americanos que, embora tendo abolido a escravidão em seu território, aceitam as leis federais que permitem o aprisionamento e seqüestro de escravos fugidos que se estabeleceram nos territórios "livres". Ver minha nota 1 ao texto *A escravidão em Massachusetts*, neste volume.

A escravidão em Massachusetts[1]

RECENTEMENTE COMPARECI a um comício que reuniu os cidadãos de Concord e, como outros ali presentes, pretendia falar sobre o tema da escravidão em Massachusetts; mas fiquei surpreso e desapontado ao descobrir que fora o destino de Nebraska[2] e não o de Massachusetts que congregara meus concidadãos; vi ainda que não cabia ali nada do que eu pretendia falar. Eu pensava que estava pegando fogo na casa, e não na campina distante; mas embora diversos cidadãos do estado de Massachusetts estejam atualmente presos em virtude de sua tentativa de salvar um escravo de suas próprias garras, nenhum dos oradores daquele comício se manifestou contra esse fato, que sequer foi mencionado. Aparentemente, os oradores estavam preocupados apenas com a resolução de alguns problemas de uma terra selvagem e distante. Os habitantes de Concord não estão preparados para defender uma de usas próprias pontes,[3] e só sabem falar de manter sua posição nas montanhas além do rio Yelowstone. É para lá que estão recuando nossos Butricks e Davises e Hosmers, e tenho medo que não deixarão um cidadão de Lexington entre eles e o inimigo.[4] Não existe um único escravo em Nebraska; há talvez um milhão de escravos em Massachusetts.[5]

As pessoas criadas na escola da política não conseguem enfrentar os fatos, nem agora nem nunca. Suas providências são semiprovidências, nada mais do que artifícios da conveniência. Vão adiando indefinidamente a solução, e a dívida vai se acumulando. Embora nesse comício não se tenha discutido a Lei dos

Escravos Fugidos, fiquei sabendo que meus concidadãos finalmente tomaram uma pífia decisão, numa reunião que acabou sendo suspensa: "Portanto,... a Lei dos Escravos Fugidos de 1850 tem que ser repelida." Basearam-se no fato de que o conjunto de leis negociadas em 1820 tinha sido repudiado por um dos partidos.[6] Mas essa não pode ser a razão pela qual uma lei iníqua deve ser repelida. O que os políticos encaram é o fato muito simplório de que os ladrões são menos honrados do que se supunha, e não o fato de que eles são ladrões.

Como não tive oportunidade de me expressar naquele comício, espero que vocês me permitam fazê-lo aqui.

Mais uma vez assistimos o Tribunal de Boston, cheio de homens armados, mantendo preso e julgando um HOMEM, para descobrir se ele é ou não é na verdade um ESCRAVO.[7] Será que alguém considera que a Justiça ou Deus estejam atentos ao veredicto do Sr. Loring? Ele apenas se faz de ridículo ao sentar ali para tomar alguma decisão sua, pois a questão já foi decidida para todos os tempos e tanto o próprio escravo iletrado quanto a multidão que se comprime por ali já de há muito ouviram e aceitaram a decisão. Somos tentados a perguntar de quem ele recebeu a sua autoridade, e quem é esse homem que a recebeu; que estatutos inéditos segue ele e a que precedentes ele recorrerá para fundamentação. A própria existência de um árbitro desses é impertinente. Não lhe pedimos para fazer um julgamento, mas para fazer a mala.

Procuro ouvir a voz de um Governador, o Comandante-em-Chefe das forças de Massachusetts.[8] Só ouço o chiado dos grilos e o murmúrio dos insetos que já enchem o ar do verão. O feito mais ousado do Governador é passar em revista as tropas nos dias de formatura. Já o vi a cavalo, com o chapéu na mão, ouvindo a oração do capelão. É possível que eu nunca tenha visto um Governador fazer mais do que isso. Creio que poderia muito bem sobreviver sem um Governador. Se ele não tem a menor utilidade na prevenção do meu seqüestro, por Deus me digam que finalidade importante pode ele ter para mim? No momento em que a liberdade sofre as maiores ameaças ele caminha pela obscuridade mais profunda. Um clérigo muito respeitado me disse ter escolhido a carreira de clérigo por ser a que oferecia a maior quantidade de tempo livre para leituras. Eu lhe recomendaria também a profissão de Governador.

Da mesma forma, há três anos atrás, quando foi encenada a tragédia do escravo Sims,[9] eu disse a mim mesmo: existe um funcionário, ou pelo menos um homem que seja Governador de Massachusetts? Que estará ele fazendo nos últimos quinze dias? Será que fez tudo o que pôde para se equilibrar num muro durante tal terremoto moral? Na minha opinião esse homem não poderia ter sido melhor satirizado e mais violentamente insultado do que pelos próprios fatos — pois ninguém lhe solicitou um pronunciamento, sequer depois de uma crise daquelas. O pior e o máximo que eu virei a saber dele é que não explorou aquela oportunidade de se fazer conhecido, e digno de mérito. Ele podia ao menos ter *renunciado* para o pavilhão dos homens famosos. Parecia que tal homem ou tal cargo tiveram a sua existência esquecida. No entanto, ele certamente tentava o tempo todo preencher a cadeira oficial do governo. Ele não foi meu Governador. A mim ele não governou.[10]

Mas, no caso presente, finalmente ouvimos falar do Governador. Depois que ele e o governo dos Estados Unidos alcançaram um sucesso perfeito no ato de roubar para sempre a liberdade de um pobre negro inocente — e, também, na medida em que lhes foi possível, de suprimir de seu peito toda a semelhança com Deus — esse Governador fez um discurso para seus cúmplices num banquete de congratulações!

Li uma recente lei deste Estado que penaliza qualquer funcionário dessa "comunidade política" que "prenda ou ajude na... prisão", em qualquer ponto de seu território "de qualquer pessoa que seja acusada de ser um escravo fugido". Todos sabemos também que uma ordem judicial de libertação do fugitivo, para tirá-lo das mãos do Delegado Federal, não pôde ser entregue a essa autoridade por falta de força policial para garantir a sua execução.

Eu sempre pensei que o Governador fosse de alguma forma o funcionário mais graduado do Estado; que era função dele, enquanto Governador, zelar pela execução das leis do Estado; que ao proceder assim cuidasse, enquanto homem, de não desobedecer as leis da humanidade; mas agora quando há qualquer utilidade importante para ele, ele se mostra inútil, ou pior do que inútil, e deixa sem cumprimento as leis do Estado. Talvez eu não esteja bem informado sobre os deveres de um Governador; mas se para ser Governador é necessário aceitar sem reação tanta

ignomínia, se é preciso limitar a minha condição de homem, vou cuidar de nunca me transformar no Governador de Massachusetts. Não me aprofundei muito nas leituras das leis desta Comunidade Política. Não é uma leitura proveitosa. Nem sempre elas dizem a verdade; nem sempre significam o que afirmam. O que me importa saber é que a influência daquele homem e daquela autoridade favoreceram o interesse do dono do escravo, e não do escravo — do culpado, e não do inocente — da injustiça, e não da justiça. Nunca vi esse homem de quem falo; na verdade, nem sabia que era Governador até os últimos acontecimentos. Ouvi falar dele e de Antony Burns no mesmo momento; da mesma forma, será certamente assim que a maioria tomará conhecimento dele. Percebam como estou longe de ser governado por ele. Não quero dizer com isso que meu desconhecimento lhe caia como um descrédito, mas apenas que foi assim que ouvi falar dele. O pior que tenho a dizer sobre ele é que ele não se mostrou pior do que provavelmente se mostraria a maioria de seus eleitores. Na minha opinião, não esteve à altura do momento.

Toda a força militar do Estado está a serviço de um certo Sr. Suttle, um dono de escravos de Virgínia, para ajudá-lo a capturar um homem que ele diz ser propriedade sua; mas não há um único soldado à disposição para evitar o seqüestro de um cidadão de Massachusetts! Esses soldados todos, todo esse *treinamento*, nos últimos 79 anos — é para isso que servem?[11] Eles foram treinados apenas para esbulhar o México e para levar escravos negros fugidos de volta a seus donos?[12]

Nessas últimas noites ouvi o rufar dos tambores nas nossas ruas. Havia homens *treinando* ainda; e para quê? Eu poderia fazer um esforço e perdoar o canto matinal dos galos de Concord se, por acaso, eles não tivessem perdido a sua vez naquela madrugada; mas não pude perdoar esses "treinadores" pelo seus rufares de tambor. O escravo em questão foi seqüestrado por alguns soldados exatamente como esses; isto é, por seres de quem o melhor que se pode dizer nesse contexto é o seguinte: são idiotas cujas fardas coloridas lhes dão notoriedade.

Há três anos atrás, lembro-me também, apenas uma semana depois que as autoridades de Boston se associaram para devolver à escravidão um homem inteiramente inocente — e que eles sabiam ser inocentes — os habitantes de Concord soaram seus sinos e dispararam seus canhões para festejar a sua liberdade — e a coragem e o amor pela liberdade dos seus ancestrais que combateram na famosa ponte. Como se *aqueles* três milhões de homens tivessem lutado pelo direito de sua própria liberdade, mas para manter outros três milhões na escravidão. Nos dias de hoje, os homens põem na cabeça o chapéu do bobo da corte e o chamam de chapéu da liberdade. Não sei bem, mas acho que há homens assim que se estivessem amarrados numa estaca para serem chicoteados e conseguissem desvencilhar uma das mãos, usariam os dedos para soar sinos e disparar canhões para celebrar a *sua* liberdade. Foi assim que alguns de meus concidadãos tomaram a liberdade de comemorar. Essa foi a medida de sua liberdade; e quando morreu o som dos sinos, morreu também a sua liberdade; quando acabou a pólvora, sua liberdade sumiu na fumaça.

A piada não seria melhor se presidiários se reunissem para comprar toda a pólvora a ser empregada nessas comemorações e contratassem os carcereiros para disparar canhões e repicar sinos, enquanto assistiam o espetáculo por trás das grades.

Foi assim que meus vizinhos se alçaram no meu conceito.

O morador humanitário e inteligente de Concord, quando ele ou ela ouviu aqueles sinos e aqueles canhões, não relembrou com orgulho os acontecimentos de 19 de abril de 1775, mas com vergonha os eventos de 12 de abril de 1851. Mas agora aquela vergonha antiga fica semi-encoberta por um vexame mais recente.

Massachusetts ficou sentada esperando a decisão do Sr. Loring, como se ela pudesse de alguma forma afetar sua própria criminalidade. O seu crime, o mais evidente e fatal dos crimes, foi permitir que ele fosse o árbitro de uma questão dessa natureza. Quem foi realmente julgado foi Massachusetts. A cada minuto em que hesitou em libertar esse homem, a cada minuto que agora hesita em reparar seu crime, Massachusetts se torna mais culpado. As autoridades que o julga é Deus; não alguém com o sobrenome Deus, mais pura e simplesmente Deus.

Quero que meus compatriotas reflitam que toda lei humana, seja qual for, não permite que um indivíduo ou uma nação cometa uma única e mínima ação injusta contra o mais obscuro

dos indivíduos; quem o fizer terá que pagar uma penalidade pela prevaricação. Um governo que deliberadamente prescreve a injustiça, e insiste nela, acabará até por se transformar no objeto do ridículo de todo o mundo.

Já se disse muito sobre a escravidão nos Estados Unidos da América, mas creio que ainda nem chegamos a nos dar conta do que vem a ser a escravidão. Se eu propusesse seriamente ao Congresso Nacional a transformação de homens em salsichas, estou certo que a maioria dos congressistas abriria um sorriso à minha idéia; se algum deles me levasse a sério, consideraria minha proposta como algo pior do que qualquer ato do Congresso. Mas se qualquer congressista viesse me dizer que transformar homens em salsichas seria muito pior — ou apenas pior — do que tranformá-los em escravos, do que votar a Lei dos Escravos Fugidos, eu o acusaria de idiotice, de incapacidade intelectual, de fazer uma distinção destituída de uma diferença. Uma proposição é tão sensata quanto a outra.

Ouço muitas pessoas falarem que é preciso pisotear essa lei. Ora, não é preciso muito esforço para fazer isso. Essa lei não chega ao nível da mente ou da razão; seu *habitat* natural é o chão. Ela nasceu e foi criada e passa toda sua vida no chão e na lama, ao nível dos pés; quem sabe caminhar com liberdade e dispensa a piedade hindu que manda poupar até mesmo os répteis mais venenosos inevitavelmente acabará pisoteando essa lei, destruindo-a — e juntamente com ela acabar com Webster,[13] seu autor, como uma centopéia.

Os acontecimentos recentes serão valiosos como uma crítica à forma pela qual a justiça é administrada entre nós ou, então, para mostrar quais são os verdadeiros recursos da justiça em qualquer comunidade. Chegamos a esse ponto: nós, os amigos da liberdade, os amigos do escravo, nos assustamos ao compreender que o destino do escravo é decidido pelos tribunais de justiça do país. Homens livres não acreditam que se faça justiça numa situação dessas. O juiz pode tomar essa ou aquela decisão; no máximo é um tipo de acidente. É evidente que ele não é a autoridade competente para casos como esse. Não é hora, portanto, de julgamentos feitos de acordo com os seus precedentes; precisamos estabelecer um precedente para o futuro. Eu prefiro muito mais confiar no sentimento do povo. Algo de valor poderia ser extraído de seus votos, mesmo que fosse mínimo; mas no outro caso ficamos apenas com o julgamento limitado de um indivíduo, sem qualquer significado, independente do seu conteúdo.

É até certo ponto fatal para os tribunais que o povo seja compelido a sustentar suas decisões. Não quero crer que os tribunais tenham sido feitos apenas para dias tranqüilos e para casos sem maiores controvérsias; mas imagine o absurdo de permitir que qualquer tribunal do país decida se mais de três milhões de pessoas — no caso, a sexta parte de uma nação — têm ou não o direito à liberdade! Mas uma questão dessas foi deixada nas mãos das chamadas cortes de *justiça* — à Suprema Corte do país — e, como todos sabem, ela decidiu, com base na autoridade exclusiva da Constituição, que os três milhões são e continuarão a ser escravos. Juízes como esses nada mais são do que inspetores das ferramentas de arrombadores e assassinos; eles confirmam se essas ferramentas estão ou não funcionando e consideram que isso encerra a sua responsabilidade. Mas outro caso vinha antes na agenda do tribunal e eles, como juízes indicados por Deus, não tinham o direito de pular por cima dele; se lhe tivessem dado uma solução justa, teriam evitado essa humilhação. Trata-se do caso do próprio assassino.

A lei nunca fará os homens livres; os homens é que têm de libertar a lei. Os verdadeiros amantes da lei e da ordem são os que obedecem à lei quando ela é violada pelo governo.

Entre os seres humanos, o veredito da lei não sai apenas da boca do juiz cujas palavras determinam para todo o sempre o destino de um homem; juiz é também aquele que, ocupando qualquer cargo ou fazendo qualquer coisa, emite uma opinião ou *sentença* autêntica sobre aquele homem, a partir de seu amor pela verdade, livre dos preconceitos gerados por qualquer costume ou decisão formal de sua época e lugar. É esse o homem que *sentencia* os outros. Qualquer pessoa capaz de discernir a verdade recebeu sua autoridade de um escalão mais elevado do que o mais eminente juiz do mundo capaz de discernir apenas leis. Ela se constitui como juiz do juiz. É constrangedora a necessidade de afirmar essas verdades tão evidentes!

Cada vez fico mais convencido de que em qualquer questão pública é mais importante sondar o pensamento do campo do

que o da cidade. A cidade não *pensa* muito. Prefiro ouvir a opinião de Boxborough[14] do que a opinião conjunta de Boston e New York sobre qualquer questão. Quando ouço a voz de Boxborough sinto que alguém *realmente* falou, como se ainda existisse uma *humanidade*, como se um ser razoável tivesse afirmado os seus direitos — como se alguns homens sem preconceitos espalhados pelas montanhas do país finalmente tivessem concentrado sua atenção num assunto e redimido a reputação da raça com algumas poucas palavras sensatas. Uma reunião de fazendeiros num obscuro vilarejo, convocada para expressar sua opinião a respeito de alguma questão que entrava a vida nacional é, na minha opinião, o verdadeiro Congresso e o mais autêntico que já se reuniu nos Estados Unidos.

Já está evidente que em Massachusetts, pelo menos, há dois partidos cada vez mais distintos — o partido da cidade e o partido do campo. Sei que há bastante crueldade no campo, mas quero crer que ele tem uma pequena vantagem sobre a cidade nesse ponto. No entanto, até o presente o campo conta com poucos — ou mesmo nenhum — órgãos para dar expressão à sua voz. Os editoriais e as notícias lidos no campo vêm do litoral. É preciso que nós, homens do campo, cultivemos um respeito por nós mesmos. Não devemos encomendar às cidades nada mais do que bons tecidos e alguns alimentos e utilidades; ou, então, se preferimos continuar lendo a opinião das cidades, vamos sustentar nossas próprias opiniões.

Entre as diversas atitudes que devemos adotar, quero sugerir uma ofensiva muito séria e vigorosa contra a imprensa e, com efeito, contra a igreja. Nesses últimos anos a igreja melhorou muito, mas a imprensa é corrupta, quase sem exceções. Acredito que hoje em dia a imprensa exerce uma influência maior e mais perniciosa do que a igreja em sua pior época. Não somos um povo religioso, mas somos um povo de políticos. Não prestamos atenção à Bíblia, mas não tiramos os olhos dos jornais. Numa reunião de políticos — como aquela outro dia em Concord, por exemplo — é totalmente impertinente citar a Bíblia! E seria inteiramente pertinente citar um jornal ou a Constituição! O jornal é uma Bíblia que lemos toda manhã e toda tarde, de pé e sentados, a cavalo ou andando. É uma Bíblia que todo homem leva no bolso, que está em todas as mesas e balcões, continuamente disseminada pelo correio e por milhares de missionários. Em

poucas palavras, o jornal é o único livro impresso neste país, o único livro lido pelos norte-americanos. Essa é a dimensão de sua influência. O editor é um pregador que sustentamos voluntariamente. O pagamento é geralmente um centavo por dia, e nem é preciso pagar o aluguel dos bancos da igreja. Mas quantos pregadores desses pregam a verdade? Quero reproduzir a opinião de muitos estrangeiros esclarecidos e divulgar uma convicção própria: é improvável que qualquer outro país tenha sido governado por uma classe tão cruel de tiranos quanto os editores — com exceções poucas e nobres — da imprensa periódica *deste* país. E como esses homens vivem e governam exclusivamente pelo seu servilismo, apelando para o que de pior existe na natureza humana — desprezando o melhor — as pessoas que os lêem ficam na mesma condição de um cachorro que come o que acabou de vomitar.

Pelo que sei, o *Liberator*[15] e o *Commonwealth* foram os únicos jornais de Boston que levantaram sua voz e condenaram a covardia e a crueldade das autoridades daquela cidade nos acontecimentos de 1851. Os demais jornais, quase sem exceção, insultaram pelo menos o senso comum do povo deste país pela sua maneira de comentar a Lei dos Escravos Fugidos e a devolução do escravo Sims a seu dono. Eles procederam assim, em geral, para assegurar a aprovação de seus patronos, por assim dizer, sem perceber que um sentimento mais saudável prevalecia no seio de nossa comunidade. Já me disseram que alguns deles tomaram recentemente posições melhores; mas são ainda substancialmente oportunistas. É esse o caráter que seu procedimento lhes permitiu construir.

Devemos ser gratos à sorte pelo fato de que esse tipo de pregador é mais vulnerável às armas do reformador do que o padre sem fé. Tudo que os homens livres da Nova Inglaterra precisam fazer para fulminar simultaneamente algumas dezenas desses editores é parar de comprar e ler esses jornais — economizar seus centavos. Uma pessoa que merece meu respeito me disse que comprou um exemplar do *Citizen*, de Mitchell, quando viajava de trem; insatisfeito, jogou-o pela janela. Mas será que a sua insatisfação não seria melhor expressa se ele não comprasse o jornal?

Serão Americanos? Serão habitantes da Nova Inglaterra? Serão moradores de Lexington e Concord e Framingham? De

onde serão esses homens que lêem e sustentam o *Post*, o *Mail*, o *Journal*, o *Advertiser*, o *Courier* e o *Times* de Boston? São essas as Bandeiras da nossa União? Não leio os jornais e posso portanto evitar menção aos piores deles.

Será a escravidão capaz de sugerir um servilismo tão completo quanto o exibido por esses jornais? Haverá algum tipo de sujeira que não se disponham a lamber, apenas para emporcalhar mais as botas? Não sei se o *Herald* de Boston ainda circula, mas me lembro de tê-lo visto nas ruas por ocasião da extradição do escravo Sims. Representou bem o seu papel; serviu fielmente a seu dono! Como poderia ter se rebaixado mais do que aquilo? É possível a um homem se tornar menor do que já é? É possível colocar os pés no lugar da cabeça? Quando peguei nesse trapo, de mangas arregaçadas, escutei nitidamente em cada coluna o burburinho de um esgoto passando. Senti que manuseava um pedaço de papel recolhido das galerias pluviais, uma folha arrancada do evangelho de um salão de jogatina, de um botequim infecto, de um bordel, em total harmonia, porém, com o evangelho da Bolsa de Mercadorias.

A maioria dos homens do norte e do sul e do leste e do oeste não tem princípios. Quando votam, não optam por enviar ao Congresso homens incumbidos de missões humanitárias; enquanto seus irmãos e suas irmãs estão sendo chicoteados e enforcados na sua ânsia pela liberdade, enquanto — aqui eu poderia relatar tudo que a escravidão é e tudo que implica — os eleitores se preocupam com a má administração da madeira e do ferro e da pedra e do ouro. O Governo, faça o que quiser com minha esposa e meus filhos, com minha mãe e meu irmão, com meu pai e minha irmã, farei exatamente o que você mandar. Ficarei de fato angustiado se você os machucar, se você os colocar aos cuidados de feitores que os cacem com cães ou os chicoteiem até a morte; mas, apesar de tudo, seguirei pacificamente meu destino escolhido nessa bela terra até que talvez, um dia, quando estiver de luto pelos mortos, eu o consiga convencer a ser menos implacável. Essa é a atitude, essas são as palavras recitadas por Massachusetts.

Ao contrário de proceder assim, nem preciso dizer que fósforo eu acenderia, que sistema eu tentaria explodir; mas como

amo minha vida, ficaria do lado da luz e deixaria a terra escura fugir aos meus pés, conclamando minha mãe e meu irmão a me seguir.

Permito-me recordar meus compatriotas de que em primeiro lugar eles devem ser homens, e norte-americanos apenas numa hora tardia e conveniente. Não importa o valor de uma lei na proteção de sua propriedade, nem que ela seja capaz de manter unidos o corpo e a alma, se ela não consegue manter você unido à humanidade.

Lamento dizer que não acredito na existência de um único juiz no estado de Massachusetts capaz de renunciar a seu cargo e de sobreviver honestamente, se for exigida dele uma sentença baseada numa lei simplesmente contrária à lei de Deus. Não posso evitar a seguinte opinião: nesse nível, os juízes se colocam ou são por caráter exatamente como o fuzileiro que dispara sua arma em qualquer direção que lhe for ordenada. São muito instrumentais, e muito pouco homens. Com toda a certeza não merecem mais respeito pelo fato de que seus donos escravizem suas inteligências e consciências ao invés de seus corpos.

Juízes e advogados — apenas enquanto tais — e todos os servidores das conveniências julgam um caso desses a partir de padrões muito baixos e incompetentes. Eles se preocupam não com a justiça da Lei dos Escravos Fugidos, mas com a sua chamada *constitucionalidade*. É constitucional a virtude, ou o vício? É constitucional a eqüidade, ou a iniqüidade? Em questões de tanta importância moral e vital, a preocupação com a constitucionalidade de uma lei é tão impertinente quanto debater sua lucratividade. Eles insistem em servir aos piores dentre os homens; não querem servir à humanidade. O que está em discussão não é se você, ou seu avô há 70 anos atrás, fizeram ou não um acordo com o Diabo e que a dívida agora cobrada seja inexistente; a questão é outra, é se você vai ou não servir a Deus, uma vez por todas — apesar da sua própria fraqueza anterior, apesar da fraqueza de seus ancestrais, obedecendo aquela CONSTITUIÇÃO que é a única eterna e justa que Deus escreveu no seu ser, e não Jefferson ou Adams.[16]

A coisa se resume assim: se a maioria votar no Diabo para o papel de Deus, a minoria viverá e terá um comportamento adequado à situação — obedecerá o candidato bem-sucedido na

esperança de que em algum momento, ao votar por algum grande Orador, consiga recolocar Deus no seu devido lugar. É esse o princípio mais nobre que posso deduzir ou inventar para os meus vizinhos. Quem age assim parece acreditar que pode deslisar um pouco morro abaixo, ou até deslisar bastante, e com toda a certeza chegar logo a um ponto de onde conseguirá deslisar de volta para cima. Trata-se de uma atitude de conveniência, isto é, a escolha do caminho mais fácil para a caminhada — morro abaixo. Mas não existe a possibilidade de alcançar uma reforma de alcance moral através de artifícios da conveniência. É impossível deslisar morro acima. Em questões de moralidade quem comete deslises não deixa de se degradar.

Dessa forma, somos adoradores sistemáticos da riqueza acumulada, na escola e no estado e na igreja, e amaldiçoamos Deus do sétimo dia com uma pincelada de tinta de uma ponta a outra do país.

Será possível que a humanidade nunca perceba que política não é moralidade, que nunca garante qualquer direito moral, que, ao contrário, só leva em conta o que é conveniente? A política escolhe o candidato disponível — que é invariavelmente o Diabo — e seus eleitores não têm direito de se espantar, pois é demais esperar que o Diabo se comporte como um anjo. O que falta são homens, homens de probidade, e não da política, capazes de reconhecer uma lei mais alta que a da Constituição ou a da voz da maioria. O destino do país não depende da sua decisão na hora de votar; nesse jogo o pior dos homens se iguala ao melhor; não depende do pedaço de papel que você enfia na boca da urna uma vez por ano; o decisivo é o tipo de homem que sai do seu quarto para a rua, todo santo dia.

Massachusetts não deveria se preocupar com a questão do Nebraska, com a Lei dos Escravos Fugidos, mas com a sua própria escravidão e seu próprio servilismo. Que o Estado dissolva seus laços com o dono de escravos. Pode se contorcer, hesitar, e até pedir um intervalo para reler a Constituição; mas não vai encontrar qualquer lei ou precedente respeitável que justifique por um único instante a mais a continuidade desses laços.

Que cada habitante do Estado dissolva seus laços com o Estado, enquanto ele se atrasa no cumprimento do seu dever.

Os acontecimentos desse último mês me levam a desconfiar da Fama. Percebo que ela não é capaz de um discernimento

apurado; prefere o aplauso barulhento. Ela não se importa com o heroísmo simples de uma iniciativa; só a aprecia ligada às suas conseqüências aparentes. Ela fica rouca de tanto elogiar a fácil façanha da *Boston Tea Party* [17] mas prefere um silêncio relativo no que diz respeito a um evento mais generosamente heróico como o ataque ao Tribunal de Boston,[18] pelo simples fato de seu fracasso!

Coberto de vergonha, o Estado foi em frente com a maior calma e resolveu levar à barra dos tribunais os homens que, com o risco de suas liberdades e de suas vidas, tentaram cumprir o dever que competia ao próprio Estado. E chamam isso de *justiça*! Os que se mostraram capazes de um procedimento particularmente bom podem talvez ser presos pelo *seu bom comportamento*. A verdade exige agora que tais homens se considerem culpados quando, dentre todos os habitantes desse Estado, são notoriamente inocentes. Estão soltos o Governador, o Prefeito e inúmeros funcionários governamentais, e os campeões da liberdade estão presos.

Os únicos isentos de culpa são os que cometem o crime de contestar tal tribunal. É preciso que cada homem coloque sua influência do lado da justiça; deixem que os tribunais façam suas próprias alegações. Nesse caso, minha solidariedade está integralmente com os acusados e integralmente contra acusadores e juízes. A justiça é suave e harmônica; mas a injustiça é estúpida e conflituosa. O juiz continua tocando seu órgão, mas ouve-se apenas o som da manivela, e não música. Ele crê que a música sai toda da manivela, e a multidão continua, como sempre, a lhe jogar umas moedas.

O Estado de Massachusetts que atualmente procede dessa forma — hesitando coroar esses acusados; seus advogados e, até mesmo, juízes podem talvez ser levados a pobres cavilações e ardis que evitem em parte a indignação de seu instintivo sentimento de justiça — esse Estado consegue deixar de ser desprezível e servil? Alguém pode supor que ele é um campeão da liberdade?

Mostrem-me um estado livre, e uma corte onde de fato se faça justiça, e eu lutarei por eles, se for preciso; mas no caso de Massachusetts, eu lhe nego minha lealdade e, mais, lhe expresso meu desprezo por seus tribunais.

O resultado de um bom governo é dar mais valor à vida; um mau governo dá menos valor à vida. Podemos conviver com o fato de que ferrovias e bens meramente materiais tenham seu valor parcialmente depreciado, inclusive porque isso nos compele a viver de forma mais simples e prudente; mas imagine-se supor que a própria vida tenha seu valor depreciado! Como é possível exigir menos do homem e da natureza, economizar mais as virtudes e as qualidades de nobreza? Nesse último mês tenho convivido — e creio que todo habitante de Massachusetts capaz de sentir patriotismo deve estar vivendo a mesma coisa — com a impressão de ter sofrido uma perda enorme e incomensurável. Não descobri logo o que me incomodava. Finalmente me dei conta de que meu prejuízo tinha sido grave: perdi meu país. Nunca tinha respeitado o governo perto do qual moro, mas tolamente pensei que podia esquecer dele e conseguir viver por aqui tratando de minhas preocupações particulares. De minha parte, quero dizer que minhas atividades tradicionais e mais queridas perderam nem sei dizer quanto de sua atração; tenho a sensação de que meus investimentos vitais nesse estado tiveram um rendimento percentual muito menor depois que Massachusetts deliberadamente devolveu à escravidão um homem inocente, Antony Burns. Eu tinha talvez a ilusão de que passava minha vida em algum lugar *entre* o céu e o inferno, mas agora não consigo me convencer de que não estou *completamente dentro* do inferno. O território daquela organização política chamada Massachusetts me parece agora moralmente coberta de pedras e cinzas vulcânicas, uma paisagem igual a dos recantos do inferno descritos por Milton. Se existe algum inferno com menos princípios morais do que nossos governantes e do que nós os habitantes desse Estado, tenho a maior curiosidade de conhecê-lo. Se a própria vida não tem valor, então tudo que faz parte dela, tudo que lhe é acessório perde valor. Vamos supor que você tenha uma pequena biblioteca, com alguns quadros para enfeitar a parede, um jardim do lado de fora da janela — e se ocupe de reflexões científicas e literárias; de repente você descobre que sua bela casa, com tudo que há dentro dela, está plantada no inferno, e que o juiz de paz tem chifres, dentes pontiagudos e um rabo — sobra alguma coisa de valor aos seus olhos?

Sinto que o Estado, em certa medida, interferiu fatalmente na minha atividade ordeira. Ele não apenas me impediu de passar pela Rua do Tribunal quando ia às compras, mas impediu que eu e cada cidadão completássemos nossas trajetórias para um lado ou outro pelo qual queríamos deixar para trás a Rua do Tribunal. Que direito tem o Estado de me recordar da existência da Rua do Tribunal? Descobri que aquela coisa ôca que não me incomodava é bem sólida.

É espantoso ver como os homens seguem vivendo como se nada tivesse acontecido. Digo a mim mesmo: "Coitados! Eles não sabem das novidades." É espantoso o homem que acabei de encontrar cavalgando no esforço tão compenetrado de conduzir suas vacas novas com segurança — já que a insegurança atinge todas as suas propriedades e, mesmo se elas não conseguirem fugir, poderão ser confiscadas. Idiota! Será que ele não sabe que suas sementes de milho não têm valor esse ano, que todas as colheitas generosas fracassam nas proximidades do império do inferno? Nenhum homem prudente vai construir uma casa de pedra em circunstâncias como essas; ninguém se dedicará a empreendimentos pacíficos de longo prazo. A arte pode sobreviver, mas a vida se torna mais truncada e menos propícia para as boas iniciativas dos homens. Não estamos numa era de repouso. Já gastamos todo o estoque de nossa liberdade herdada. Se queremos salvar nossas vidas, devemos lutar por elas.

Dou uma volta para contemplar um de nossos lagos; mas que significa a beleza da natureza quando nossos homens são desprezíveis? Conversamos com os lagos para neles enxergar a imagem da nossa serenidade; quando não temos serenidade, não adianta visitar os lagos. Quem pode ser sereno num país onde tanto os governantes quanto os governados carecem de princípios? Minha andança fica estragada pela lembrança do meu país. Minhas reflexões são ameaças terríveis contra o Estado e conspiram contra ele, involuntariamente.

No entanto, outro dia por acaso senti o perfume de um lírio do brejo e vi que tinha chegado a estação do ano que eu tanto aguardava. O lírio é o símbolo da pureza. Ela se abre a nossos olhos com tanta pureza e beleza, e é tão doce ao nosso olfato, como se fosse apenas para demonstrar que a pureza e a doçura podem morar e ser extraídas da lama e do lodo. Creio que colhi o primeiro lírio que se abriu num raio de um quilômetro. Que confirmação de nossa esperança se encontra no perfume dessa flor! Por causa dela vai demorar muito a chegar o dia da des-

crença nesse mundo, apesar da escravidão, apesar da covardia e da falta de princípios dos homens do norte do meu país. A doce fragrância sugere que tipo de leis prevaleceu e ainda prevalece por mais tempo e em mais lugares e que haverá de chegar o dia em que as ações do homem desprendam um cheiro tão agradável. É assim o perfume dessa flor. Se a Natureza ainda consegue fabricar anualmente esse perfume, creio que ela ainda é jovem e vigorosa, que sua integridade e criatividade permanecem intatas, e que também existe virtude no homem capaz de perceber e amá-la. Um perfume tão sublime me lembra que a Natureza não assinou o Compromisso de Missouri. Não consigo sentir no lírio o cheiro de compromisso. O compromisso não é uma *Nymphoea douglasil*. No lírio, a doçura, a pureza e a inocência ficam completamente isoladas do obsceno e do sinistro. Não sinto nele o cheiro da omissão oportunista de um Governador de Massachusetts, nem de um Prefeito de Boston. Por isso, ajam de forma que suas iniciativas possam enriquecer a doçura generalizada da atmosfera, de forma que quando contemplarmos ou aspirarmos uma flor não fiquemos sabendo o quanto você agiu inconsistentemente com ela; pois todos os odores são apenas uma forma externa de expressão de qualidades morais; o lírio não teria um cheiro tão doce se não tivesse sido praticadas algumas belas ações. O fedor do lodo representa a imundície e o vício do homem, o apodrecimento da condição humana; a flor tão cheirosa que nasce dentro dele representa as qualidades imortais da pureza e da coragem.

A escravidão e o servilismo não produzem qualquer flor cheirosa para encantar os sentidos do homem na estação correta, pois eles não têm uma vida real; nada mais são do que um apodrecimento e uma morte, que agridem as narinas saudáveis. Não protestamos contra a sua *existência*, mas contra o fato de não serem *enterrados*. É preciso que os viventes os enterrem, pois até eles servem como adubo.

Notas do organizador

[1] Traduzido de *Slavery in Massachusetts*, extraído da coletânea organizada por Brooks Atkinson, *Walden and other writings of Henry*

David Thoreau (New York, The Modern Library, 1950). Originalmente *Slavery in Massachusetts* é um discurso proferido por Thoreau na Convenção contra a Escravidão reunida na cidade de Framingham, Massachusetts, em 4 de julho de 1854. Pelo que pude verificar, esta é a primeira tradução deste texto para o português. *Slavery in Massachusetts* foi publicado pela primeira vez no jornal abolicionista *Liberator*, em 21 de julho de 1854.

Algumas informações são necessárias para entendimento do texto. Framingham é uma cidade vizinha a Concord. Thoreau ali compareceu na qualidade de abolicionista, num momento em que o sentimento anti-escravagista se fortalecia em Massachusetts e em todos os estados do norte dos EUA. Entre 1787 e 1804, todos esses estados, por deliberação de suas assembléias legislativas, aboliram a escravidão negra em seus territórios, alguns imediatamente, alguns gradualmente. Massachusetts se antecipara, promovendo a abolição em 1780. Desde 1793, no entanto, havia legislação federal garantindo os direitos dos donos de escravos fugidos dos estados do sul para os estados "livres" do norte. Vários destes estados reagiram com leis próprias de proteção à "liberdade pessoal" dos seus cidadãos, como forma de proteger os negros fugidos contra autoridades federais e os *slave hunters* (caçadores de escravos que por conta própria se dedicavam a prender escravos fugidos e a devolvê-los a seus donos). Há uma crônica interminável de conflitos a respeito da questão da liberdade dos escravos fugidos e residentes nos estados do norte, pois a legislação federal na prática conflitava com as leis de diversos estados.

Enquanto a escravidão ia se expandindo no sul, as controvérsias foram ficando mais importantes, e várias decisões favoráveis à escravidão passaram pelo Congresso norte-americano: as três mais importantes foram o Compromisso de Missouri (1820), a Lei dos Escravos Fugidos (1850) e a Lei Kansas-Nebraska (1854). Cada uma dessas decisões envolveu a criação de novos territórios federais ou estados e se deveria ou não ser adotada a escravidão negra em cada um deles. Os abolicionistas sempre se bateram pela proibição da expansão do trabalho servil às novas unidades políticas. A decisão de 1850 incluiu penalidades mais sérias para negros fugidos e para cidadãos livres que os ajudassem de qualquer forma. Era uma tentativa de desestimular uma das práticas mais comuns do movimento abolicionista, precisamente a de ajudar na fuga de escravos para os territórios livres. O próprio Thoreau atuou assim.

Massachusetts, onde Thoreau nasceu e viveu, além de ter sido o primeiro estado a abolir a escravidão, sediava um fortíssimo movimento abolicionista; havia até uma lei estadual que proibia expressamente a prisão de pessoas acusadas de serem escravos fugidos. No en-

tanto, uma série de circunstâncias fez com que dois governos estaduais acobertassem, em 1851 e 1854, na vigência da nova Lei dos Escravos Fugidos, pelo menos duas extradições de escravos fugidos e já estabelecidos como cidadãos de Massachusetts. Foram eles, respectivamente, Thomas M. Sims e Antony Burns. Em 1854, a Lei Kansas-Nebraska praticamente pôs fim a todas as restrições federais à expansão da escravidão no oeste.

É neste contexto que o abolicionista Thoreau fala sobre a escravidão em seu estado. O caso de Antony Burns é, a propósito, considerado crucial na crônica do abolicionismo norte-americano, pelas suas repercussões negativas entre os inimigos da escravidão em Massachusetts e em outros estados. Sua prisão e extradição provocaram um ataque armado de abolicionistas de Boston à prisão onde se encontrava e uma enorme onda de protestos em Massachusetts e em outros estados.

2 Nebraska na época era um amplo território do meio-oeste norte-americano cuja população pleiteava e conseguiu, ainda em 1854, o *status* de Território Federal; mais tarde, em 1867, transformou-se em estado da União norte-americana.

3 Thoreau se refere a um famoso episódio na história da sua região natal e dos próprios Estados Unidos: em 19 de abril de 1775, habitantes de Concord, Lexington e regiões vizinhas bloquearam uma ponte e ofereceram a primeira resistência armada de vulto às tropas inglesas no conflito que levaria à independência do país. A derrota parcial dos ingleses nesse momento é lembrada como momento crucial na decisão de enfrentar a Inglaterra nos campos de batalha na busca da independência.

4 Thoreau se refere a heróis de Massachusetts nas lutas pela independência e a uma famosa batalha passada na vizinha cidade de Lexington. Ver a nota anterior.

5 A população do estado de Massachusetts, de acordo com o recenseamento de 1850, era de 994.000 pessoas. É evidente que o autor sugere que a aceitação da Lei dos Escravos Fugidos, de origem federal, transformava em escravos todos os habitantes de Massachusetts.

6 Referência ao Compromisso de Missouri, de 1820; ver a nota 1 deste texto.

7 Poucos dias antes desse discurso, no Tribunal de Boston, o Delegado Federal Edward G. Loring tinha tomado a decisão de recambiar a seu antigo dono o negro Antony Burns (1834-1862), que fugira da Virgínia e se estabelecera em Massachusetts.

8 O governador do estado de Massachusetts era na época John H.

Clifford ou Emory Washborn; as fontes disponíveis não permitiram estabelecer qual dos dois era governador em julho de 1854.

9 Thoreau se refere a um caso judicial semelhante ao de Antony Burns, ocorrido em 1851, também desenrolado no Tribunal de Boston: o negro Thomas M. Sims, fugido na Georgia e estabelecido em Massachusetts, foi preso e recambiado a seu ex-proprietário.

10 O governador do estado de Massachusetts era na época George N. Briggs ou George S. Backwell; as fontes disponíveis não permitiram estabelecer qual dos dois era governador em abril de 1851.

11 Thoreau se refere ao ano de 1775, quando se abriram as hostilidades militares entre norte-americanos e ingleses; Thoreau era contrário à existência de corpos militares permanentes nos Estados Unidos.

12 Ver a nota 3 de *A desobediência civil,* neste volume.

13 Ver a nota 26 de *A desobediência civil,* neste volume.

14 Pequena cidade do interior de Massachusetts.

15 Jornal dirigido por William Lloyd Garrison (1805-1879), natural de Massachusetts, talvez o mais importante líder abolicionista norte-americano. Notar que foi nesse jornal que o presente texto foi publicado pela primeira vez.

16 Quanto a Thomas Jefferson, ver a nota 2 de *A desobediência civil;* John Adams (1735-1826), segundo presidente dos Estados Unidos, um dos líderes da independência, diplomata e constitucionalista.

17 A *Boston Tea Party* (Festa de Chá de Boston) é outro episódio famoso na crônica dos antecedentes da independência norte-americana. No dia 16 de dezembro de 1773, um grupo de habitantes de Boston (capital e principal porto do Estado de Massachusetts), disfarçado de indígenas, subiu a bordo de três navios ingleses e jogaram ao mar toda a sua carga, composta de caixotes contendo chá inglês, destinado àquele porto. Foi um protesto contra as restrições comerciais que a Inglaterra vinha aplicando às colônias norte-americanas.

18 Thoreau se refere ao ataque armado que alguns cidadãos de Boston fizeram à prisão onde se encontrava Antony Burns, em 26 de maio de 1854; mal-sucedidos, acabaram presos e processados por tentarem ajudar a fuga de um escravo.

Uma semana nos rios Concord e Merrimack
(trechos escolhidos)

(...) A MAIORIA DAS PESSOAS com quem converso, mesmo homens e mulheres inteligentes de certa originalidade, apresenta uma visão de mundo inteiramente previsível e seca — como é árido ouvir suas explicações, tão ressecadas que podem pegar fogo; as bordas são quebradiças e tudo se despedaça; elas colocam seus argumentos como obstáculos entre elas e você, até durante o mais curto dos diálogos; é uma estrutura arcaica e cambaleante, com todas as tábuas soltas pela ação do vento. Só falam apoiadas nesse estrado. Há coisas e relações que são para mim pouco importantes e ainda menos substantivas e que para elas estão resolvidas para todo o sempre — tais como Pai, Filho e Espírito Santo, e assim por diante. Para elas as montanhas eternas no horizonte são coisas desse tipo. Mas nunca consegui encontrar em todos os meus devaneios o menor vestígio da autoridade de coisas assim. Elas não deixaram no cascalho de minha peneira uma pista tão evidente quanto a de uma delicada flor de remota era geológica. O mais sábio dos homens não se dedica a pregar doutrinas; ele não tem uma visão esquematizada; ao olhar para o céu ele não vê as vigas do telhado nem as teias das aranhas. Ele enxerga o céu limpo. Se é possível enxergar mais claramente do que o normal, então o meio que emprego para enxergar é mais claro. Imagine: olhar da terra para o céu e deparar com aquele velho esquema judaico, ainda parte fixa da paisagem! Que direito tem você de impor esse obstáculo ao meu entendimento de você, ao seu entendimento de mim! Você não o inventou; ele lhe foi imposto. Verifique qual é a sua autoridade.

Temo que até mesmo Cristo tinha seu esquema, sua conformidade à tradição, o que prejudica um pouco a sua lição. Ele não tinha engolido todas as fórmulas. Ele pregou algumas doutrinas simples. No que me toca, Abraão, Isaac e Jacob são agora apenas as essências mais sutis que possam ser imaginadas, incapazes até de turvar o céu da manhã. O bom esquema, a boa visão do mundo deve ser a moldura do universo; todos os demais esquemas logo serão ruínas. O Deus perfeito, quando se revelou, nunca foi tão longe nas duas propostas quanto nos dizem vocês, seus profetas. Vocês conseguiram aprender o alfabeto celeste e contar até três? Vocês descobriram quantos são os familiares de Deus? Vocês são capazes de verbalizar os mistérios? Vocês têm a pretensão de fazer fábulas sobre o que é impossível de ser expressado? Digam-me, por caridade, que geógrafos são vocês para descrever a topografia do céu? Que amizade lhes permite discorrer sobre a personalidade de Deus? Você, Miles Howard, acha que Deus o escolheu como confidente? Posso crer em vocês quando me informam da altitude das montanhas lunares, ou do diâmetro do espaço sideral, mas os considero loucos quando querem me contar a história secreta do Todo Poderoso. No entanto, temos uma espécie de crônica familiar de Deus — os taitianos também têm a sua — e a fértil imaginação de um velho poeta nos é imposta como a verdade sólida e eterna, como a própria palavra de Deus. Pitágoras[2] diz muito bem: "Uma afirmativa verdadeira acerca de Deus é uma afirmação de Deus"; mas é prudente duvidar que a literatura nos ofereça um exemplo sequer disso.

O Novo Testamento é um livro de valor inestimável, embora eu admita que desenvolvi um pouco de antipatia contra ele quando criança, por causa da igreja e das aulas de catecismo; antes que eu o tivesse lido, ele me parecia o mais amarelo de todos os livros impressos. No entanto, logo escapei dessas engrenagens. Foi difícil arrancar da cabeça os comentários e experimentar o verdadeiro paladar. Creio que *Pilgrim's Progress*[3] é o melhor sermão baseado neste texto; quase todos os demais sermões que ouvi ou de que ouvi falar são apenas pobres imitações dele. Não seria edificante ter aversão à Vida de Jesus porque o livro foi editado pelos Cristãos. Na verdade, aprecio muito especialmente esse livro, embora para mim ele seja algo como um castelo que

me permito construir no ar. Sua atração maior está no fato de que só me dispus a lê-lo muito recentemente, e com grande vontade; tanto que não encontro alguém para conversar comigo sobre minha leitura. Nunca li um romance, pois neles há muito pouco da vida real e de reflexão. Minha leitura predileta são as escrituras dos diversos povos, embora eu conheça melhor as escrituras dos hindus, chineses e persas que as dos hebreus, que só agora estou lendo. É só me dar uma Bíblia dessas para me calar durante algum tempo. Quando consigo recuperar o uso da língua, tendo a incomodar meus vizinhos com as novas frases que aprendi; mas em geral eles não conseguem enxergar nelas qualquer sabedoria. Essa tem sido a minha experiência com o Novo Testamento. Nem cheguei à crucificação, pois a toda hora recomeço a ler. Eu adoraria fazer uma leitura em voz alta dele para meus amigos, alguns dos quais são pessoas bem sérias; é tão bom o Novo Testamento, e estou certo de que eles nunca o ouviram; ele se ajusta precisamente aos seus casos, e nos divertiríamos muito — mas instintivamente desisto de conseguir ouvintes. Eles logo mostram, por sinais inequívocos, que a leitura lhes é inexprimivelmente tediosa. Não quero dizer com isso que sou melhor que meus vizinhos; pois, ai!, sei que sou apenas igual a eles, embora goste de livros mais do que eles.[4]

É notável que o Novo Testamento, apesar da simpatia universal com que é superficialmente acolhido e da própria bitolação com que é defendido, consiga tão pouca hospitalidade e atenção para as verdades que encerra. Não conheço outro livro com tão poucos leitores. Não há obra tão autenticamente estranha, e herética, e impopular. Ele representa idiotices e obstáculos para os cristãos, assim como para gregos e judeus. De fato, há nele coisas seríssimas que nenhum homem deveria ler em voz alta mais de uma vez. "Busque acima de tudo o reino dos céus." "Não acumulem riquezas para si mesmos aqui na terra." "Se você quer a perfeição, vá e venda tudo que é seu, e dê o dinheiro aos pobres, e assim você ganhará o tesouro do céu." "Pois o que serve ser um homem rico, se ele ganha o mundo inteiro e perde a própria alma? Ou o que um homem dará em troca de sua alma?" Reflitam sobre isso, Ianques![5] "Eu lhe digo a verdade: se você tem uma fé tal como uma semente de mostarda, será capaz de ordenar que esta montanha se mova para longe, e

ela se moverá; e nada será impossível para você." Já imaginaram o efeito dessas passagens sobre uma platéia da Nova Inglaterra? E se as repetíssemos três, quatro, quinze vezes, até completar três barris de sermões? Quem será capaz de lê-las em voz alta com fé sincera? Quem será capaz de escutá-las com fé sincera e permanecer sentado no seu lugar? Elas jamais *foram* lidas, jamais *foram* escutadas. Uma única frase dessas, se lida da maneira correta, de qualquer púlpito desse país, seria suficiente para não deixar pedra sobre pedra do prédio da igreja.

(...)

De vez em quando aproveitávamos para descansar na sombra de um bordo ou de um salgueiro, abrindo um melão para frescar a boca, enquanto contemplávamos à vontade o fluxo do rio e da vida humana; e tal como essa correnteza, com seus gravetos e folhas a flutuar, tudo passava à frente de nossa meditação, enquanto a rotina de sempre de desenrolava nas distantes cidades e vendas às margens desse mesmo rio. Há de fato uma maré nas ações dos homens, tal como disse o poeta, e não obstante as coisas circulam enquanto fluem, e a maré baixa sempre regula o fluxo. Todas as correntezas são apenas afluentes do oceano, que não tem um fluxo próprio; seus litorais não mudam a não ser numa escala temporal grande demais para as medidas do homem. Onde quer que estejamos, é apenas nas coisas específicas que descobrimos transformações imensas, e não nas generalidades. Quando vou a um museu e vejo as múmias embrulhadas em suas ataduras, percebo que as vidas dos homens começaram a necessitar de reforma desde que eles habitam a superfície da terra. Volto às ruas e encontro homens a me dizer que já está quase chegando a hora da redenção da espécie. Mas tal como viviam em Tebas, vivem os homens hoje em Dunstable.[6] "O tempo sorve a essência de toda ação superior e nobre que se impõe e cuja execução tarda." Assim diz Vishnu Sarmat;[7] e percebemos que os teóricos sempre voltam ao senso comum e ao trabalho. Tal é a evidência da história.

"No entanto não duvido que uma finalidade
crescente corta por através dos tempos
E que as reflexões dos homens são ampliadas com
o movimento das estrelas."[8]

Há artigos secretos nos nossos tratados com os deuses, mais importantes que todos os demais itens, e o historiador nunca ouvirá falar deles.

Há muitos aprendizes habilidosos, mas poucos mestres artesãos. Por todos os lados podemos notar práticas verdadeiramente sábias na educação, na moral e nas artes da vida, as quais incorporam o saber de muitos filósofos antigos. Quem não vê que por vezes prevaleceram as heresias, que reformas já foram feitas? Toda sabedoria desse nosso mundo poderia ser encarada como o que um dia foi a heresia detestável de um homem de grandes conhecimentos. Certos interesses alcançaram uma firmeza que ainda não avaliamos bem. Dessa forma, mesmo há algum valor naqueles homens que construíram esses celeiros e limparam as terras vizinhas. A história suaviza as épocas e as descontinuidades abruptas tal como a distância esconde os acidentes de uma planura. Mas precisamos aprender muito mais do que as profissões da moda se quisermos chegar a mestres na arte da vida — e não apenas aprendizes.

Agora que estamos jogando fora essas sementes de melão, como evitar uma sensação de vergonha? Quem come a fruta deveria pelo menos plantar a semente; sim, e se possível deve escolher uma semente melhor do que as da fruta que comeu. Há muitas sementes que só precisam ser misturadas com a terra pela inspiração de uma voz ou de uma pena para dar frutos de sabor divino. Ó ser extravagante! Pague suas dívidas com o mundo; não coma a semente das instituições, como os devassos; plante-a, enquanto devora a polpa para sua subsistência; assim, talvez, finalmente uma variedade possa merecer a preservação.

Há momentos em que toda a ansiedade e toda a faina de rotina se aquietam no ócio e no repouso infinitos da natureza. Todos os trabalhadores precisam de um descanso e quando chega essa estação do dia somos todos mais ou menos asiáticos e abandonamos o trabalho e a reforma. Enquanto recostávamos nos nossos remos às margens da correnteza, no calor do dia, nosso barco amarrado por um pedaço de fibra vegetal trançado pelo gancho da proa, descascando os melões, que são frutas do Oriente, nossos pensamentos vaguearam até a Arábia, a Pérsia e o Indostão, as terras da contemplação e o *habitat* das nações ruminantes. Imersos nesse meio-dia poderíamos encontrar até

argumentos para defender o instinto dos mascadores de ópio, bétele e fumo. O Monte Sabér, de acordo com Botta, o viajante e naturalista francês, é famoso por abrigar a árvore chamada Kát, da qual "se comem as extremidades macias dos gravetos e as folhas mais tenras" que produzem, de acordo com o crítico de seu livro, "uma excitação agradável e relaxante, que combate o cansaço, espanta o sono e predispõe ao desfrute do diálogo."[9] Chegamos a pensar que poderíamos também levar uma digna vida Oriental ao longo desse rio, e que nossas árvores Kát seriam o bordo e o amieiro.

É um enorme prazer conseguir por vezes escapar dessa incansável classe dos Reformadores. Que importa se existem tantas contrariedades? Eu e você também existimos. Será que alguém pensa que as galinhas chocas estão entediadas nesses longos dias de verão, sentadas o dia inteiro nos seus ninhos, imóveis? O cacarejar que mal consigo ouvir dos celeiros distantes me faz julgar que a dama Natureza ainda se interessa por saber quantos ovos são postos por suas galinhas. A Alma Universal, como é chamada, se interessa pelo empilhamento do feno, pela alimentação do gado, pela drenagem de uma várzea coberta de vegetação. Lá na Scythia, lá na Índia, a Alma Universal faz manteiga e queijo. Vamos supor que todas as fazendas *realmente* estejam esgotadas e que nós os jovens temos que comprar a terra usada e recuperá-la; mesmo assim os inimigos tenazes das reformas em todos os lugares são estranhamente parecidos conosco; ou, talvez, sejam um pequeno grupo de velhos solteirões e solteironas que gostam de ficar à volta do fogão na cozinha, escutando o silvo da água fervendo na chaleira. "Freqüentemente os oráculos dão a vitória à nossa opção, e não à simples ordem dos períodos mundanos. Como, por exemplo, quando dizem que nossas melancolias voluntárias germinam no nosso interior tal como o desenvolvimento do tipo particular de vida que adotamos." A reforma sobre a qual tanto se fala pode ser realizada numa manhã qualquer, ainda antes de se abrirem as portas e janelas da casa. Não é preciso convocar uma convenção. Quando dois vizinhos que antes comiam pão de trigo passam a comer pão de milho, então os deuses se fartam de rir, pois o fato lhes é agradável. Por que você não tenta uma coisa assim? Não permita que eu seja um empecilho.

Em todas as épocas e em todos os lugares há os reformadores teóricos, que vivem por antecipação. Wolff, quando viajava pelos desertos de Bokhara[10] conta que "Um outro grupo de dervixes se aproximou e me disse, 'Virá o tempo em que não haverá diferença entre ricos e pobres, entre o alto e o baixo, quando a propriedade será comum, até mesmo esposas e filhos'." Mas sempre irei perguntar quando ouvir coisas desse tipo: E depois? Os dervixes dos desertos de Bokhara e os reformadores da Capela de Marlborough[11] cantam a mesma melodia "Minha gente, estão chegando os bons tempos"; mas uma pessoa da platéia perguntou de boa fé: "Você podia dizer qual a data da chegada?" Eu diria: "Você vai colaborar na abertura do caminho?"

A atmosfera despreocupada e de *dolce far niente* da natureza e da sociedade indica a existência de vastos períodos de progresso da humanidade. Os nossos Estados encontram ócio suficiente para gargalhar, do Maine ao Texas, de alguma piada de jornal; a Nova Inglaterra se sacode de rir com as ambigüidades maliciosas que nos vêm da Austrália; enquanto isso, o pobre reformador não consegue reunir uma platéia decente.

Não é pela falta de conhecimento que os homens erram; mais freqüentemente o que os faz errar é a falta de prudência que os leva a não dar tratamento preferencial à sua sabedoria. Não precisamos saber muito para sempre agir bem. É fácil demais criar uma outra rotina durável e harmoniosa. Todas as partes constituintes da natureza logo cedem a ela. Basta fazer alguma coisa que substitua outra coisa para que os homens digam que seu maior desejo se realizou. De qualquer forma, eles *têm* que agir e se valerão de qualquer matéria-prima. Sempre existe uma vida presente e evidente, boa ou má, que todos nos unimos para defender. Amigos, deveríamos ter muito cuidado no ato de reformar, tal como não deveríamos exibir uma necessidade de sermos reformados; "Não devemos jogar um alimento transcendental para alimentar o sentimento de piedade", de acordo com os oráculos: A linguagem da excitação é, no melhor dos casos, pouco mais do que pitoresca. É preciso estar calmo para recitar os oráculos. Que valor tinha a excitação da sacerdotisa de Delfos quando comparada com a serena sabedoria de

Sócrates?[12] — ou quem quer que fosse o sábio? O entusiasmo é uma serenidade sobrenatural.

> "Os homens descobrem que a ação é outra coisa
> Distinta do que lêem nos eloqüentes papéis impressos
> A administração dos negócios desse mundo
> Exige mais sabedoria do que a de subalternos como vós."[13]

Tal como na geologia, no estudo das instituições sociais podemos descobrir as causas de todas as transformações do passado na ordem atual e imutável da sociedade. As revoluções físicas mais notáveis são causadas pelas aragens suaves, pela água em movimento e pelo fogo subterrâneo. Disse Aristóteles:[14] "Assim como o tempo não pára e como o universo é eterno, nem sempre fluíram os rios Tana e Nilo." Somos independentes das mudanças que detectamos. Quanto maior a alavanca, menos notável o movimento. A mais vital das pulsações é a mais lenta. Portanto, o herói saberá como esperar ou, ainda, como se apressar. Aquele que sabe esperar com *sabedoria* atrái para si tudo que é bom; contemplaremos o amanhecer bem mais cedo se ficarmos aqui, ao invés de atravessar apressadamente as montanhas do oeste. Esteja certo de que o sucesso de cada homem é proporcional à sua capacidade *média*. As flores da várzea nascem e brotam onde as águas depositam o seu lodo, e não onde formam uma correnteza. Um homem não é a sua esperança, nem seu desespero, nem mesmo seus feitos do passado. Ainda não sabemos o que fizemos, e muito menos o que estamos fazendo. É preciso esperar pela noite, pois aí então veremos o quanto rebrilham nossos feitos do resto do dia; ao meio-dia nem poderíamos desconfiar disso; só mais tarde é que descobriremos o significado verdadeiro de nosso trabalho. É como o fazendeiro que chega na extremidade de seu campo arado e olha para trás para ver onde não conseguiu revolver bem a terra.

Para quem tem o hábito de se esforçar para descobrir o estado verdadeiro das coisas é muito difícil admitir que o estado político tenha qualquer tipo de materialidade. É uma coisa irreal, inacreditável e insignificante aos seus olhos; tentar retirar alguma verdade dessa matéria-prima tão pobre é como fabricar

açúcar a partir de trapos de linho ao lado de um belo canavial. Em termos gerais, as novidades políticas domésticas ou estrangeiras poderiam muito bem ser redigidas hoje para um prazo de dez anos, sem perder um grau satisfatório de precisão. A maioria das revoluções sociais não tem força suficiente para captar nosso interesse, e muito menos para nos alarmar; mas se me disserem que os nossos rios estão secando e que os pinheiros silvestres estão morrendo, é possível que eu compareça. A maioria dos acontecimentos registrados pela história é mais notável do que importante, tal como eclipses solares e lunares, que atraem a atenção de todos mas cujos efeitos ninguém se dá o trabalho de avaliar.

Alguém perguntou se chegará o dia em que o governo seja tão bem administrado ao ponto de que nós, os homens particulares, não ouçamos falar dele. "O rei respondeu: 'Exijo um homem prudente e capaz e que consiga em todos os casos administrar bem as questões de estado do meu reino.' Disse o ex-ministro: 'Ó meu Rei, um homem sábio e competente terá como critério precisamente não se envolver em questões como essas.'" É lamentável que o ex-ministro tivesse quase toda a razão!

Na minha curta experiência de vida humana, os obstáculos *externos*, se é que houve coisa assim, não têm sido homens vivos, mas sim as instituições criadas pelos mortos. Caminhar através dessa última geração de homens é tão agradável quanto cruzar um gramado coberto de orvalho. Para quem não carrega a suspeita, os homens são inocentes como as manhãs.

"E as novas manhãs voam em torno
Como se a luz do dia melhorasse os homens."[15]

Não sendo o Reverendo desse condado,

"Ele exaltou a alegria matinal do peregrino
Que passeava pelas montanhas
E cruzava com muitos fazendeiros da aurora"[16]

todos bandidos e ladrões, não obstante. Não me aventuraria a prever que um bando de cossacos ou de *chippeways*[17] viesse a

perturbar a paz de uma comunidade simples e honesta, mas temo que uma instituição medonha venha finalmente abraçar e esmagar os cidadãos livres em seu peito coberto de escamas; a lei serve para punir o ladrão e o assassino, mas não devemos esquecer que ela mesma sabe como se deixar livre de impedimentos. Quando deixei de pagar o imposto que o Estado me exige por uma proteção que não desejo, foi a própria lei que me expropriou; quando resolvi afirmar a liberdade que ela parecia declarar, foi ela mesma quem me prendeu. Pobre criatura! Não posso culpá-la por ser tão idiota. Se ela só pode viver assim, bem eu posso ser diferente. Acontece que não é meu desejo estar associado com o Estado de Massachusetts na preservação da escravidão ou na conquista do México.[18] Sou um pouco melhor do que ele nesses assuntos. (...) Amo a humanidade, mas odeio as instituições dos impiedosos mortos. Não há nada que os homens executem tão fielmente quanto os testamentos dos mortos; cumprem todas as disposições de todos os itens. *Eles* governam o mundo, e os vivos nada mais fazem do que executar as suas vontades. Em geral, as pregações e os sermões que ouvimos têm o mesmo sentido. Todos eles trazem a autoridade de remotos ancestrais; sua piedade tem sua origem no antigo feito de Enéas que emergiu das ruínas de Tróia carregando nos ombros o corpo do pai, Anquises.[19] Ou, então, como certas tribos indígenas, carregamos no peito as relíquias apodrecidas de nossos antepassados. Se, por exemplo, um homem afirma valorizar mais a sua liberdade individual do que um bem-estar geral de caráter meramente político, o seu vizinho ainda o tolera — isto é, o vizinho que *resida ao seu lado* pode até apoiá-lo — mas o Estado é incapaz disso. O funcionário do Estado, enquanto ser humano, pode ter boas virtudes e ser capaz de raciocinar; mas na qualidade de instrumento de uma instituição, digamos carcereiro ou policial, ele não é melhor que o seu chaveiro ou o seu cassetete. Esta é a tragédia: homens que violentam seus melhores conteúdos e que, mesmo sendo sábios e bons, se rebaixam a executar os atos próprios de pessoas inferiores e brutais. Por esse caminho chegamos à guerra e à escravidão; o que mais não virá depois disso? Mas com toda a certeza existem formas de ganhar o pão de cada dia que não façam do companheiro e vizinho um homem deformado pelo preconceito.

Agora vire de novo, vire outra vez, disse ele
Pois escolheu o caminho errado
Você saiu da estrada real
E enveredou pelo milharal.[20]

Inúmeras reformas são indubitavelmente necessárias pois a sociedade não tem ânimo ou instinto suficientes para a vida; ela parece com certas cobras que já vi, bem no início da primavera, incapazes de sair do lugar por causa da dormência de várias partes de seus corpos. Todos os homens estão enterrados na sepultura dos costumes; alguns só têm o topo da cabeça acima da terra. Os fisicamente mortos passam bem melhor, pois apodrecem mais intensamente. A virtude estagnada deixa de ser virtuosa. A vida de um homem deveria ser sempre renovada como a água desse rio. No mesmo leito, água nova a cada instante.

"As virtudes passam como os rios
Mas o homem virtuoso não deixa de ser o que é."

A maioria dos homens não tem declividade, cachoeiras ou cascatas; têm pântanos, jacarés e miasmas. Sabemos que durante a expedição de Alexandre Onescritus foi enviado para um encontro com alguns integrantes da seita hindu dos gimnosofistas; depois de lhes ter falado dos novos filósofos do Ocidente, Pitágoras, Sócrates e Diógenes, um deles, chamado Dandamis, disse que pareciam ser homens geniais que, no entanto, se permitiram viver de forma excessivamente passiva no que se referia as leis.[21] Até hoje os filósofos do Ocidente estão sujeitos a esta sábia crítica. (...)

Chateaubriand[22] disse: "Há duas coisas que se fortalecem no íntimo dos homens na medida em que envelhecem: o amor pela pátria e o amor pela religião. Mesmo que sejam virtualmente desprezados na juventude, mais cedo ou mais tarde surgem de forma a exibir toda a sua sedução e a excitar em nossos corações um afeto que sua beleza faz por merecer." Pode ser. Mas até essa enfermidade de mentes nobres assinala a decadência gradual da esperança e da fé joviais. É a infidelidade consentida de nossa época. Há um ditado dos *Wolofs:*[23] "Quem nasceu primeiro

tem maior quantidade de roupas velhas"; assim, o Sr. Chateaubriand tem mais roupas velhas do que eu. Essa beleza de que ele fala é relativamente fraca e reflexa, não essencial e intrínseca. É preciso levar em conta que os velhos são fracos, sentem a sua mortalidade, e se consideram capazes de medir a força do homem. Eles não se vangloriam; são sinceros e humildes. Bem, que tenham as alegrias poucas e pequenas de que sejam capazes. A humildade é sempre uma virtude muito humana. Eles olham a vida em retrospectiva, e são por isso incapazes de enxergar o futuro. A perspectiva dos jovens é sempre ilimitada e frontal, misturando o futuro com o presente. No fim da vida as reflexões se apressam a descansar num recanto escuro e dificilmente se interessam pela luz da manhã. As reflexões dos idosos se preparam para a noite e o sono. São distintas as esperanças e as perspectivas dos que estão nos belos cumes da vida e dos que aguardam o fim de seu dia nessa terra.

Sou obrigado a concluir que a Consciência, se o nome for adequado, não nos foi dada à toa, ou para atrapalhar. Por mais sedutoras que sejam a ordem e a conveniência, elas nada mais são que o terreno da letargia; devemos preferir, ao contrário, ficar acordados, mesmo em meio à tempestade, pois assim ficamos ligados a esse mundo e a essa vida sem assinar nosso atestado de óbito, por assim dizer. Vamos ver se não podemos ficar por aqui, onde Ele nos colocou, de acordo com o que ele estabeleceu. A Sua lei não tem o alcance da Sua luz? As conveniências das nações entram em conflito, e só o absolutamente certo é conveniente para todos.

(...)

O mais sábios dos conservadorismos é o dos hindus. "O costume imemorial é a lei transcendente", diz Manu.[24] Ou seja, o costume era dos deuses antes de ser adotado pelos homens. O fracasso de nossos costumes na Nova Inglaterra é que conseguimos lembrar de sua origem. O que é a moralidade a não ser o costume imemorial? A consciência é a chefe dos conservadores. Diz Krishna no *Bhagavad-Gita:*[25] "Execute as funções estabelecidas; a ação é preferível à inação. A inação pode fazer fracassar a jornada de seu suporte mortal." "A vocação própria de um homem, com todas as suas falhas, não deve ser esquecida. Todo empreendimento participa nas suas falhas como

o fogo ajuda a fazer a fumaça." "O homem que alcançou seu íntimo com a totalidade não deve desviar de seus afazeres os que demoram mais a compreender e os que tem menos experiência." "Por isso, Ó Arjuna, decida-se pela luta", tal é o conselho do deus ao soldado indeciso que teme matar seus melhores amigos. É um conservadorismo sublime; amplo como o mundo e renovado como o tempo; ele preserva o universo com aquela ânsia asiática, e o mantém naquele estado imaginado pela mente oriental. Esses filósofos supõem a inevitabilidade e a imutabilidade das leis, o poder do temperamento e do inato, as três *goon* ou qualidades, e as circunstâncias do nascimento e das afinidades. O fim de tudo é uma imensa consolação; absorção eterna em Brahma.[26] Suas especulações nunca se aventuram para além de seus próprios planaltos, embora sejam tão elevadas e vastas quanto eles. Alegria, liberdade, flexibilidade, variedade, possibilidade, também qualidades do Desconhecido, não são objeto dessas especulações. O prêmio imerecido é ser tomado por uma fadiga moral perente; a promessa incomensurável do futuro é, por assim dizer, bem delineada. E quem será capaz de dizer que seu conservadorismo não foi eficaz? Um tradutor francês comenta a antigüidade e a durabilidade das nações chinesa e hindu e a sabedoria de seus legisladores com as seguintes palavras: "Certamente há nelas alguns vestígios das leis eternas que governam o mundo."

O cristianismo, por outro lado, é humano, prático e, em sentido amplo, radical. Por tantos anos e tantas eras divinas ficaram aqueles circunspectos sábios Orientais contemplando Brahma, pronunciando silenciosamente o "Om" místico,[27] sendo assimilados à essência do Ser Supremo, nunca extravazando mas, ao contrário, penetrando em si mesmos, cada vez mais profundamente; tão infinitamente sábios e, no entanto, tão infinitamente estagnados; até que finalmente, naquela mesma Ásia, mas na sua porção ocidental, apareceu um jovem, inteiramente imprevisto por eles, que, ao contrário de se absorver em Brahma, queria trazer Brahma para o mundo e para a humanidade; um jovem através do qual Brahma despertou de seu longo sonho, começou a se manifestar, no início de um novo dia — um novo avatar. O brâmane nunca tinha se considerado um irmão da humanidade tanto quanto se queira um filho de Deus,

Cristo é o príncipe dos Reformadores e dos Radicais. Muitas expressões que constam do Novo Testamento saem com naturalidade dos lábios de todos os Protestantes, e ele contém os textos mais frutíferos e práticos. No Novo Testamento não encontramos quaisquer devaneios inofensivos, qualquer especulação sábia; de ponta a ponta há um substrato de bom senso. Ele nunca *reflete*, faz *penitências*. Não encontramos poesia nele, nada que poderíamos considerar enfocado sob a ótica exclusiva da beleza; o seu objeto é a verdade moral. Todos os mortais são convencidos pela consciência que emana do Novo Testamento.

O Novo Testamento é notável pela sua moralidade pura; a melhor parte das escrituras hindus se destaca pela sua intelectualidade pura. No *Bhagavad-Gita* o leitor é alçado e mantido numa esfera de reflexão elevada, pura, ou *rara*, como nenhum outro texto consegue. Warren Hastings[29] escreveu uma carta sensata recomendando a tradução desse livro ao Presidente da Companhia das Índias Orientais e disse que o original é "quase sem par na excelência de concepção, raciocínio e expressão" e que os escritos dos filósofos da Índia "sobreviverão ao fim do domínio inglês sobre o país e ao esgotamento das fontes atuais de riqueza e poder". É inquestionavelmente uma das escrituras mais nobres e mais sagradas que recebemos. Os livros se distinguem pela grandeza de seus temas, e não tanto pela forma de tratar esses temas. A filosofia oriental atinge facilmente temas mais sublimes que os almejados pela filosofia moderna; e não é de admirar que os orientais sejam por vezes infantis, pois isso expressa sua avaliação respectiva da Ação e da Contemplação ou, melhor, o ótimo conceito que atribuem à segunda. Os filósofos do Ocidente não avaliaram o significado da Contemplação na sua reflexão. Diz o mesmo Hastings a respeito da disciplina espiritual a que se sujeitam os brâmanes e do maravilhoso poder de abstração que alcançam — coisas que ele conseguiu perceber em parte:

"Os que nunca foram acostumados à separação entre a mente e as percepções dos sentidos podem ter alguma dificuldade em conceber os meios pelos quais se pode alcançar esse poder; isso porque até mesmo os estudiosos mais dedicados do nosso hemisfério têm dificuldade para controlar tanto a sua atenção, e não consegue evitar que ela se extravie por alguma consideração sobre o presente ou o passado; ela às vezes pode ser perturbada até

mesmo pelo zumbido de uma mosca. Mas quando ficamos sabendo de homens que através dos tempos têm tido sucesso no hábito diário da contemplação abstrata, iniciada na sua juventude e em muitos casos desenvolvida até a maturidade, cada um deles acrescentando uma parcela de saber a todo o estoque de conhecimentos acumulados pelos seus predecessores — quando sabemos disso não será demais concluir que na medida em que a mente ganha potência com tais exercícios, como um corpo, cada homem desses pode ter adquirido as faculdades almejadas e seus estudos coletivos podem ter permitido a descoberta de novos caminhos e combinações de sentimentos, totalmente distintos das doutrinas desenvolvidas pelos sábios de outras nações; o saber desses homens, apesar de seu caráter especulativo e de sua sutilidade, pode mesmo assim ter fundamentos verdadeiros como a mais simples de nossas próprias doutrinas, pois contam com a vantagem de terem sido desenvolvidas de uma fonte tão imune a todas as misturas adventícias."

"O abandono das tarefas do corpo" foi ensinado por Krishna aos homens mais antigos e transmitido de geração em geração "até que finalmente, com o passar do tempo, desapareceu a arte da força".

"Todas as tarefas sem exceção se encontram na sabedoria", diz Krishna.

"Mesmo tendo sido o maior de todos os transgressores, você será capaz de atravessar o mar do pecado no tronco da sabedoria."

"No que diz respeito à pureza, nada nesse mundo se compara à sabedoria."

"A ação tem um alcance muito menor que a aplicação do saber."

A sabedoria de um Muni "é confirmada quando ele consegue recolher todas as patas, como a tartaruga, e evitar que ajam por conta própria".

"Só as crianças, e nunca os sábios, pensam que as doutrinas especulativas e práticas são coisas distintas. Elas são a mesma coisa. Pois ambas chegam a fins idênticos e os seguidores de uma obtêm o mesmo que os seguidores da outra."

"O homem não desfruta da liberdade de não agir, de não dar início àquilo que tem que fazer; nem alcança a felicidade

pela inatividade total. Nenhum homem passa um instante sequer inativo. Cada homem é involuntariamente instigado a agir de acordo com os princípios inerentes à sua natureza. O homem que restringe suas faculdades de agir e se acalma para prestar atenção às sensações que os objetos lhe produzem é considerado um ser de alma extraviada, um praticamente da mentira; de outro lado ganha muitos elogios o homem que, conseguindo dominar suas paixões, desempenha todas as funções da vida com o emprego de suas faculdades de agir, sem se preocupar com o que faz."

"É preciso que a motivação esteja no feito e não no fato. Não seja um daqueles cujo motivo para agir é a esperança de um prêmio. Não gaste sua vida na inércia."

"Porque o homem que faz o que deve, sem afetação, alcança o Supremo."

"Quem for capaz de contemplar como se houvesse inércia na ação e ação da inércia é um homem sábio. Ele desempenha bem todos os deveres."

"Os sábios o chamam de *Pandit*: todas suas iniciativas são isentas da cobiça e todas suas ações são consumidas pelo fogo do saber. Largou de lado o desejo de ser premiado pelo que faz; é sempre contente e independente; e mesmo que se dedique a algum afazer parece estar inteiramente à vontade."

"Quem faz o que é preciso fazer independente do que possa vir a ganhar é um *Yogi* e um *Sannyasi*, [30] e nunca o que vive sem a chama do sacrifício e na inércia."

"Quem sabe aproveitar o que resta de Amrita [31] e suas oferendas alcança o espírito eterno de Brahma, o Supremo."[32]

No fim das contas, o que vem a ser a praticabilidade da vida? As coisas a fazer, imediatas, são muito triviais. Eu seria capaz de adiá-las todas apenas para ouvir o canto das cigarras. O fato mais glorioso da minha experiência não é alguma coisa que eu tenha feito ou que tenha a esperança de fazer, mas o pensamento passageiro ou a visão ou o sonho que percorreu minha mente. Eu trocaria toda a riqueza do mundo e todos os feitos de todos os heróis por uma visão autêntica. Mas como posso eu, mero fabricante de lápis na face da terra, me comunicar com os deuses sem ficar louco?

"Sou o mesmo para toda a humanidade" — diz Krishna — "e não há quem mereça meu amor ou meu ódio."

Esses ensinamentos não são práticos tal como o Novo Testamento. Nem sempre representam uma boa orientação para a prática. O brâmane nunca propõe um ataque corajoso ao mal; pacientemente prefere matá-lo de fome. As suas faculdades de ação são paralisadas pelos conceitos de casta, de limites intansponíveis, de destino e de tirania do tempo. Deve-se admitir que a argumentação de Krishna tem defeitos. Não fica claro o motivo pelo qual Arjuna deve lutar. Arjuna pode ter sido convencido, mas não o leitor, pois sua opinião *não* "se forma a partir das doutrinas especulativas do *Sankhya-sástra*". [33] "Não busque apoio em qualquer cosia que não a sabedoria"; mas o que é a sabedoria para uma mente Ocidental? O dever de que ele fala é arbitrário. Quando foi definido? A virtude do brâmane consiste em fazer coisas arbitrárias, e não coisas certas. O que exatamente "precisa fazer" um homem? O que é a "ação"? Quais são as "funções estabelecidas"? O que faz "a religião própria de um homem" melhor que a religião de outro? O que vem a ser a "vocação própria de um homem"? Que deveres são derivados do nascimento? É uma defesa da instituição das castas, do que se chama "dever natural" do Kshetree, ou soldado, "de se apegar à disciplina", "não fugir do campo de batalha", e assim por diante. Mas os que não se preocupam com as conseqüências de suas ações nem por isso se despreocupam de suas ações.

Eis aí a diferença entre o Oriental e o Ocidental. O primeiro nada tem a fazer nesse mundo; o segundo está sempre atarefado. O primeiro encara de frente o sol até não mais agüentar; os segundos seguem humildemente o sol na sua trajetória para o oeste. Existe algo como a casta, mesmo no Ocidente, embora seja comparativamente menos sólida; é o nosso conservadorismo. É ele quem diz: não esqueça sua vocação, respeite todas as instituições, não seja violento, não destrua os vínculos; seu pai é o Estado. É totalmente filial a sua virtude ou virilidade. Há uma luta entre o Oriental e o Ocidental dentro de cada nação; há sempre quem prefira ficar contemplando o sol e outros que partem rapidamente na direção do poente. Os primeiros dizem aos segundos: quando vocês chegarem ao poente não estarão nem um pouco mais perto do sol. Os segundos respondem: mas assim

nós fazemos o dia ficar mais longo. Os primeiros "só caminham na noite, naquela noite em que todas as coisas repousam na noite do *tempo*. O Muni contemplativo só dorme no dia do *tempo*, quando todas as coisas estão acordadas".

Para concluir essas citações, posso dizer, usando as palavras de Sanjay: [34] "Ó grande Príncipe! Quando recordo vezes sem conta esse diálogo santo e maravilhoso entre Krishna e Arjuna, cada vez fico mais feliz; e conforme repasso na memória a forma mais do que miraculosa assumida por Hari, meu espanto é enorme e minha felicidade aumenta sem parar! Onde quer que esteja Krishna, o Deus da devoção, e onde quer que esteja o grande arqueiro Arjuna, ali também estão, sem dúvida, a fortuna, a riqueza, a vitória e a boa conduta. Creio firmemente nisso."

Eu recomendaria aos leitores de escrituras sagradas, caso precisem de um bom livro, que leiam o *Bhagavad-Gita*, um episódio do *Mahabharata*, que dizem ter sido escrito por Krishna Dwypayen Veias, que por sua vez há mais de quatro mil anos — não importa se três ou quatro, ou quando — traduzido por Charles Wilkins. [35] Merece ser lido com respeito até mesmo pelos Ianques, como parte dos escritos sagrados de um povo devoto; e o hebreu inteligente ficará muito feliz de encontrar nele uma grandeza moral e uma sublimidade parecidas com as de suas próprias Escrituras.

Para um leitor norte-americano que, de sua localização privilegiada, pode enxergar a Ásia e o Pacífico a partir da costa do Atlântico, que por assim dizer consegue ver o litoral se elevar por cima dos Alpes até a Cordilheira do Himalaia — para ele a literatura relativamente recente da Europa muitas vezes parece apenas parcial e familística; independente de suas próprias afinidades e investigações mais ou menos limitadas, o leitor daqui percebe que o escritor europeu que pretende falar em nome do mundo é porta-voz apenas da sua província natal. Mesmo um acadêmico ou crítico inglês dos mais raros acaba revelando a estreiteza de sua cultura européia e a pobreza de suas leituras ao apresentar sua classificação das coisas valiosas desse mundo. Nenhum inglês fez justiça aos poetas e filósofos da Pérsia ou da Índia, que têm sido mais estudados pelos seus escritores comerciais do que pelos seus poetas e pensadores profissionais. É em vão que se vasculha a poesia inglesa em busca de um único

poema notável inspirado por esses temas. Nem mesmo na Alemanha a situação é diferente, muito embora a sua atividade filológica venha estimulando indiretamente a causa da filosofia e da poesia. Até mesmo Goethe [36] carecia daquela universalidade de espírito que poderia ter avaliado a filosofia da Índia, se ele tivesse vindo a conhecê-la melhor. O seu gênio era de espírito mais prático, e preferia os caminhos da compreensão; tinha menos gosto pela contemplação que os gênios daqueles sábios. É notável que Homero e alguns poucos hebreus sejam os nomes mais orientais que a moderna Europa incluiu na sua lista de Grandes Valores e, talvez, dos *mais valiosos* para a humanidade; e a literatura da Europa começou a ascender depois da decadência da cultura da Pérsia. É também notável que os pais do pensamento moderno — pois as contemplações daqueles sábios hindus influenciaram e continuam a influenciar no desenvolvimento intelectual da humanidade — cujos escritos sobrevivem até hoje em maravilhosa integridade sejam, em grande parte, virtualmente considerados inexistentes. Se os pintores fossem leões a situação seria outra. Nos devaneios de todos os jovens a filosofia ainda é associada ao Oriente, de maneira vaga, inseparável e singularmente verdadeira; a reflexão amadurecida revela também que a filosofia não tem sua origem no mundo Ocidental. Em comparação com os filósofos do Oriente, podemos dizer que a Europa moderna ainda não produziu um único filósofo sequer. Comparado com a vasta e cosmogônica filosofia do *Bhagavad-Gita*, até mesmo o nosso Shakespeare parece às vezes imaturo, juvenil e meramente prático. Algumas sentenças sublimes tais como os oráculos caldeus de Zoroastro, [37] vivos ainda depois de mil revoluções e traduções, bastam para nos fazer pensar se a forma e o floreio dos poemas não são apenas transitórios, em nada essenciais à expressão mais eficaz e duradoura do pensamento. *Ex orient lux* [38] pode muito bem continuar a ser o lema dos acadêmicos, pois o mundo Ocidental ainda não recebeu do Oriente toda a luz que ali lhe está reservada.

Seria digno de nossa época publicar uma coletânea das escrituras ou dos textos sagrados dos diversos povos — chineses, hindus, persas, hebreus e outros — como a Escritura da humanidade. Nesse sentido, o Novo Testamento está ainda, talvez, demasiadamente vivo nos lábios e nos corações para ser considerado como uma escritura. Tal justaposição e comparação talvez ajudasse a liberalizar a fé humana. Certamente o Tempo se encarregará de editar essa coletânea, que será um coroamento especial da arte da impressão. Ela seria a Bíblia, ou o Livro dos Livros, que os missionários carregariam pelos recantos mais distantes do planeta.

(...)

É sempre uma experiência singular, embora estimulante, encontrar o senso comum em livros bem antigos, como o *Hitopadesa* de Vishnu Sarma, [39] trata-se de uma sabedoria brincalhona que tem olhos também na nuca e é capaz de se supervisionar. O senso comum afirma a saúde e a independência desses livros em relação às experiências posteriores. Essa garantia de sanidade tem que estar incluída num livro, de forma que ele seja capaz de às vezes refletir gostosamente sobre si mesmo. A história é as partes fabulosas desse livro ondulam lentamente de uma a outra sentença como se seguissem os oásis num deserto; seu caminho é indistinto como a trilha de um camelo entre Murzuch e Darfur. É uma crítica ao fluxo e à correnteza dos livros modernos. O leitor pula de uma sentença a outra, como se atravessasse um rio pisando nas pedras, enquanto a correnteza da história vai passando sem despertar atenção. O *Bhagavad-Gita* talvez seja menos fraseado e poético, mas é ainda mais seguro e elaborado. Sua sanidade e sublimidade impressionaram até mesmo as mentes de militares e comerciantes. É uma característica dos grandes poemas dar de si na justa proporção que diferencia o leitor apressado de um outro leitor atento. Tais poemas serão senso comum para os práticos e sabedoria para os sábios; é como um rio onde o viajante solitário molha os lábios, enquanto um exército decide encher os cantis.

Um dos livros antigos mais atraentes que passaram pelas minhas mãos foi *As Leis de Manu.* [40] De acordo com o *Sir* William Jones "Vyasa, filho de Parasara, decidiu que os Vedas (com seus angas, ou as seis composições deles derivadas), o sistema revelado da medicina, as puranas ou histórias sagradas e o código de Manu são quatro obras de autoridade suprema, que nunca deveriam ser confrontadas com argumentos meramente humanos".[41] A última delas, segundo crêem os hindus, "foi um código promulgado no início dos tempos, por Manu, filho

ou neto de Brahma", e "primeiro ser criado"; e diz-se que Brahma "ensinou suas leis a Manu em cem mil versos, que Manu traduziu para o mundo primitivo nas próprias palavras do livro agora traduzido". Outro afirmam que os versos foram vítimas de sucessivos cortes feitos pela conveniência de certos mortais, "enquanto os deuses dos céus inferiores e a orquestra de músicos celestes se dedicam a estudar o código original. "Há várias glosas e comentários de Manu compostos pelos Munis, ou velhos filósofos, cujos tratados, junto com o original, constituem num sentido coletivo o *dharma-sastra*, ou o Corpo da Lei." *Culluca Bhatta* foi um dos mais recentes desses comentários.

Cada livro sagrado foi sucessivamente aceito por despertar a crença de que se constituiria no santuário final das almas sem repouso; as era, no final das contas, apenas um caravançará no qual o viajante se renovou e de onde partiu para ainda mais longe, na direção de Isfafã ou de Bagdá. Graças a Deus que nenhuma ditadura hindu prevaleceu na formação do mundo, pois somos homens livres do universo e não limitados a uma casta qualquer.

Não conheço qualquer livro que nos tenha chegado do alto com tanta pretensão quanto esse; é tão impessoal e sincero que nunca consegue ser insultuoso ou ridículo. Comparem as formas pelas quais se divulga a literatura moderna com o prospecto desse livro e percebam a que público se dirige, que críticas espera receber. Ele parece ter sido recitado de algum pico oriental no despertar dos tempos, com uma sóbria antevisão matinal, e é impossível ler uma sentença sem ser elevado ao planalto de Ghauts. Seu ritmo é o dos ventos do deserto, das marés do Ganges; ele se sobreleva às críticas como a Cordilheira do Himalaia. O seu tom é de uma tessitura tão firme que mesmo hoje, tanto tempo depois, se apresenta sem desgastes tanto na moldura do inglês quanto na do sânscrito; e suas frases rígidas ainda mantêm sua distante incandescência, tal como as estrelas iluminam as partes escuras do universo com seus raios esmaecidos. A nobreza de seus gestos e tendências torna muitas palavras desnecessárias. A expressão inglesa sofre para se clarificar, mas a sabedoria hindu nunca precisou se esforçar. Embora as sentenças se abram facilmente à nossa leitura, como as pétalas de uma flor, quase sem significado à primeira vista, elas por vezes nos maravilham

com aquele raro tipo de saber que só pode nascer da mais trivial das experiências; no entanto, esse saber nos chega tão refinado quanto o solo porcelanizado que cobre o fundo do oceano. As sentenças são limpas e secas como verdades fósseis que passaram por milhares de anos expostos aos elementos; sua verdade é tão impessoal e científica que acabam como ornamento da sala de estar ou da estante. É muitíssimo raro encontrar qualquer filosofia *moral*. As palavras de Manu se dirigem muito especialmente à nossa privacidade. Elas são mais particulares e familiares e, ao mesmo tempo, mais públicas e universais do que as coisas que se dizem e ouvem nas salas de estar e nos púlpitos dos dias de hoje. Dizem que nossas aves domésticas tiveram seu primeiro antecessor no faisão selvagem da Índia; também nossos pensamentos domésticos têm como protótipos as reflexões dos filósofos hindus. Só muito superficialmente damos conta dos próprios elementos básicos de nossa vida atual, convencional e real; é como se estivéssemos nas primeiras das reuniões clandestinas para decidir coisas tais como o modo de comer, beber, dormir e ficar vivo com a dignidade e a sinceridade devidas. O Livro de Manu é mais próximo e íntimo do que o conselho de nossos melhores amigos. Sua verdade, no entanto, prevalece mesmo no mais amplo dos horizontes e, se lida ao ar livre, chega até o perfil incerto das montanhas distantes e lá se sente nativa, aborígene. A maioria dos livros pertence apenas ao ambiente da casa e da rua; ao ar livre suas páginas parecem finas demais. Elas ficam nuas e evidentes, aparecem sem halo nem névoa. A Natureza, bela e distante, está ausente. Mas *O livro de Manu* não só vem mas, também, se dirige a tudo que há de mais profundo e duradouro no homem. Ele pertence ao instante mais claro do dia, ao coração do verão, e quando a neve já derreteu e se evaporaram as águas da primavera a sua verdade ainda fala jovialmente à nossa experiência. Ele ajuda o sol a brilhar e os raios solares caem sobre as páginas para ilustrar sua gratidão. Ele perdura pelas manhãs e pelas tardes e à noite estamos tão marcados pela sua força que acabamos acordando antes do sol surgir; e a sua presença persiste com uma fragrância até o fim do dia. Ele fornece um novo e suave clarão às várzeas e às partes mais escondidas das florestas e o seu espírito, tal como um éter mais sutil, se propaga viajando nos ventos costumeiros da terra.

Os próprios gafanhotos e grilos cantando num dia de verão nada mais são do que comentários tardios ou precoces sobre o *dharma-sastra* dos hindus, uma continuação do código sagrado. Como dissemos, há um orientalismo no mais ativo dos nossos pioneiros americanos, e o extremo oeste nada mais é do que o extremo oriente. Quando lemos essas sentenças nosso belo mundo moderno parece apenas uma reedição das *Leis de Manu* comentadas no *Culluca*. De acordo com os critérios da Nova Inglaterra ou com a simples sabedoria prática dos dias atuais, tais frases são os oráculos de um povo já senil; mas se as examinamos contra o céu, que representa o único juiz imparcial e incorruptível, elas se integram na sua profundidade e serenidade, e estou certo de que terão um lugar e um significado enquanto existir um céu para avaliá-las.

Quero uma sentença que nenhuma inteligência seja capaz de entender. Tem que haver nela uma espécie de vida e de palpitação, e sob suas palavras tem que haver um sangue em circulação perpétua. É maravilhoso que chegue até nós um som partido de tão longe, quando tão limitada é a voz humana, e quando mal conseguimos ouvir nossos contemporâneos. Os lenhadores cortam uma antiga floresta de pinheiros e agora se pode enxergar desse morro um lago belo e distante, a sudoeste; e agora esse bosque vê instantânea e claramente essa imagem, como se ela tivesse vindo da eternidade. É possível que esses velhos tocos espalhados pelo morro lembrem de uma época muito distante em que esse lago brilhava no horizonte. Quem sabe se a própria terra agora nua não se emocionou ao enxergar de novo tão bela paisagem? Aquela água está ali estendida ao sol, revelada enfim, e tão mais orgulhosa e bela porque sua beleza não precisava ser vista. Ela surge ainda solitária, suficiente para si mesma, acima dos olhares curiosos. Essas velhas sentenças são assim como os serenos longos do sudoeste: finalmente conseguimos enxergá-las, mas de há muito elas vêm refletindo em seu seio o céu sob o qual vivemos.

A grande planura da Índia se estende como uma xícara entre o Himalaia e o oceano ao norte e ao sul e o Brahmaputra e o Indus a leste e oeste; nela se festejou a chegada do mais antigo dos povos. Não duvidemos desse relato. É com prazer que ouvimos a história natural do país nos falar dos "pinheiros, larices, abetos, pinheiros prateados" que cobrem a vertente meridional da cordilheira do Himalaia, e das "groselheiras, framboeseiras e pés de morango" que se sobrelevam às planuras tórridas crescendo à vontade numa elevada zona temperada. (...)

Quanto às opiniões dos brâmanes, não devemos nos preocupar tanto em saber quais as suas doutrinas, e sim com o fato de que elas tenham sido defendidas — por esse povo ou por qualquer outro. Podemos tolerar todas as filosofias: atomistas, pneumatologistas, ateus, teístas — Platão, Aristóteles, Leucipus, Demócrito, Pitágoras, Zoroastro e Confúcio. O que nos atrai nesses homens é a sua atitude, e não qualquer mensagem específica que nos tenham deixado. É verdade que há uma polêmica interminável entre eles e seus comentaristas. Mas se a coisa chegar a esse ponto, todos comparando suas notas de leitura, então todos estarão errados. Acontece naturalmente: cada filósofo nos leva até os céus mais serenos, aos quais a menor das bolhas chega tal qual a maior, e nos deleita com a visão da terra e da atmosfera. Qualquer reflexão sincera é irresistível. A alma inclinada à devoção é atraída pela própria austeridade dos brâmanes, que aparece como um luxo mais refinado e nobre. Necessidades satisfeitas com tanta facilidade e graça são como um prazer ainda mais refinado. Eles concebem a criação com a paz de um sonho. "Quando aquela força desperta, então esse mundo alcança sua expansão integral; mas quando ela adormece na paz do espírito, então todo o sistema se desvanece." A própria falta de precisão de sua teogonia traz implícita uma verdade sublime. Ela quase nunca permite que o leitor se satisfaça com a descoberta de uma causa primeira e suprema; ao contrário, logo encontramos a pista de algo ainda mais supremo que deu origem ao resto e, por trás de tudo, ainda resta oculto o Criador por ser criado.

Da mesma forma, não devemos incomodar a antigüidade dessa escritura: ela foi "ordenhada do fogo, do ar e do sol". Seria o mesmo que investigar a cronologia da luz e do calor. Deixemos brilhar o sol. Manu era de fato sábio nesse aspecto, pois disse: "Quem melhor sabe da divisão entre os dias e as noites são os que entendem o dia de Brahma, que se estende ao fim de mil eras dessas (eras infinitas, não obstante, de acordo com o raciocínio dos mortais), como a origem de iniciativas virtuosas; e que a sua

Os próprios gafanhotos e grilos cantando num dia de verão nada mais são do que comentários tardios ou precoces sobre o *dharma-sastra* dos hindus, uma continuação do código sagrado. Como dissemos, há um orientalismo no mais ativo dos nossos pioneiros americanos, e o extremo oeste nada mais é do que o extremo oriente. Quando lemos essas sentenças nosso belo mundo moderno parece apenas uma reedição das *Leis de Manu* comentadas no *Culluca*. De acordo com os critérios da Nova Inglaterra ou com a simples sabedoria prática dos dias atuais, tais frases são os oráculos de um povo já senil; mas se as examinamos contra o céu, que representa o único juiz imparcial e incorruptível, elas se integram na sua profundidade e serenidade, e estou certo de que terão um lugar e um significado enquanto existir um céu para avaliá-las.

Quero uma sentença que nenhuma inteligência seja capaz de entender. Tem que haver nela uma espécie de vida e de palpitação, e sob suas palavras tem que haver um sangue em circulação perpétua. É maravilhoso que chegue até nós um som partido de tão longe, quando tão limitada é a voz humana, e quando mal conseguimos ouvir nossos contemporâneos. Os lenhadores cortam uma antiga floresta de pinheiros e agora se pode enxergar desse morro um lago belo e distante, a sudoeste; e agora esse bosque vê instantânea e claramente essa imagem, como se ela tivesse vindo da eternidade. É possível que esses velhos tocos espalhados pelo morro lembrem de uma época muito distante em que esse lago brilhava no horizonte. Quem sabe se a própria terra agora nua não se emocionou ao enxergar de novo tão bela paisagem? Aquela água está ali estendida ao sol, revelada enfim, e tão mais orgulhosa e bela porque sua beleza não precisava ser vista. Ela surge ainda solitária, suficiente para si mesma, acima dos olhares curiosos. Essas velhas sentenças são assim como os serenos longos do sudoeste: finalmente conseguimos enxergá-las, mas de há muito elas vêm refletindo em seu seio o céu sob o qual vivemos.

A grande planura da Índia se estende como uma xícara entre o Himalaia e o oceano ao norte e ao sul e o Brahmaputra e o Indus a leste e oeste; nela se festejou a chegada do mais antigo dos povos. Não duvidemos desse relato. É com prazer que ouvimos a história natural do país nos falar dos "pinheiros, larições, abetos, pinheiros prateados" que cobrem a vertente meridional da cordilheira do Himalaia, e das "groselheiras, framboeseiras e pés de morango" que se sobrelevam às planuras tórridas crescendo à vontade numa elevada zona temperada. (...)

Quanto às opiniões dos brâmanes, não devemos nos preocupar tanto em saber quais as suas doutrinas, e sim com o fato de que elas tenham sido defendidas — por esse povo ou por qualquer outro. Podemos tolerar todas as filosofias: atomistas, pneumatologistas, ateus, teístas — Platão, Aristóteles, Leucipus, Demócrito, Pitágoras, Zoroastro e Confúcio. O que nos atrai nesses homens é a sua atitude, e não qualquer mensagem específica que nos tenham deixado. É verdade que há uma polêmica interminável entre eles e seus comentaristas. Mas se a coisa chegar a esse ponto, todos comparando suas notas de leitura, então todos estarão errados. Acontece naturalmente: cada filósofo nos leva até os céus mais serenos, aos quais a menor das bolhas chega tal qual a maior, e nos deleita com a visão da terra e da atmosfera. Qualquer reflexão sincera é irresistível. A alma inclinada à devoção é atraída pela própria austeridade dos brâmanes, que aparece como um luxo mais refinado e nobre. Necessidades satisfeitas com tanta facilidade e graça são como um prazer ainda mais refinado. Eles concebem a criação com a paz de um sonho. "Quando aquela força desperta, então esse mundo alcança sua expansão integral; mas quando ela adormece na paz do espírito, então todo o sistema se desvanece." A própria falta de precisão de sua teogonia traz implícita uma verdade sublime. Ela quase nunca permite que o leitor se satisfaça com a descoberta de uma causa primeira e suprema; ao contrário, logo encontramos a pista de algo ainda mais supremo que deu origem ao resto e, por trás de tudo, ainda resta oculto o Criador por ser criado.

Da mesma forma, não devemos incomodar a antigüidade dessa escritura: ela foi "ordenhada do fogo, do ar e do sol". Seria o mesmo que investigar a cronologia da luz e do calor. Deixemos brilhar o sol. Manu era de fato sábio nesse aspecto, pois disse: "Quem melhor sabe da divisão entre os dias e as noites são os que entendem o dia de Brahma, que se estende ao fim de mil eras dessas (eras infinitas, não obstante, de acordo com o raciocínio dos mortais), como a origem de iniciativas virtuosas; e que a sua

noite é tão longa quanto seu dia." De fato, as dinastias muçulmanas e tártaras não são medidas pelo tempo. Parece que eu mesmo vivi submetido a elas. O sânscrito está no cérebro de cada homem. Os *Vedas* e seus angas não são tão antigos quanto a contemplação serena. Por que devemos aceitar a opressão da antiguidade? Um bebê é novo? Quando vejo um, ele me parece mais venerável que o mais macróbio dos anciãos; é mais antigo do que Nestor ou as Cíbilis, e tem tantas rugas quanto o próprio pai Saturno.[42] E quem pode dizer que só vivemos no presente? Até onde se estende o presente! Agora mesmo estou sentado num toco em cuja lenha se contam séculos de crescimento. É só olhar em volta para perceber que o solo se compõe dos restos de tocos iguais a esse, mais antigos ainda do que esse. A terra está coberta de musgo. Finco minha vara até o fundo dessa superfície e com o calcanhar faço uma vala mais profunda do que os elementos que a vêm arando há mil anos. Se eu escutar com atenção, ouço o coaxar dos sapos, mais velho que o lodo do rio Nilo; escuto também o martelar distante de uma perdiz num tronco, como se fosse a pulsação do ar do verão. Cultivo a mais bela e a mais jovem de minhas flores na terra cheia de musgo velho. Ora, o que gostamos de chamar de novo é mais superficial que a pele; não conseguiu sequer manchar a terra. Não é a terra fértil sobre a qual caminhamos; é a folhagem que sacode ao vento por cima de nossas cabeças. O mais novo não é senão o mais antigo que se tornou visível aos nossos sentidos. Quando extraímos um solo que estava a mil metros de profundidade, dizemos que ele é novo, tal como as plantas que nascem nela; e quando nossa vista consegue penetrar mais profundamente no firmamento, também chamamos de nova aquela estrela que passamos a enxergar. O lugar onde estamos se chama Hudson — antigamente chamado de Nottingham — antigamente...
(...)

Notas do organizador

1 Traduzido do original *A Week on the Concord and Merrimack Rivers;* o texto adotado foi o da edição da New American Library (New York, 1961). Esse texto foi editado originalmente em 1894, às custas do

proprio Thoreau. Foi o primeiro dos seus dois únicos livros publicados no correr de sua vida; o outro foi *Walden*, em 1854. Até onde pude saber, esta é a primeira tradução para o português de trechos mais extensos de *A Week*...

A íntegra do texto é o relato de uma viagem de barco a vela e remo feita por Thoreau e por seu irmão John, de 31 de agosto a 13 de setembro de 1839, cobrindo trechos dos rios Concord e Merrimack, próximos de sua região natal. No entanto, os originais só começaram a ser preparados em 1845-1847, quano Thoreau residiu sozinho à beira do Lago Walden e usou parte de seu tempo livre para reescrever as passagens do seu *Diário* referentes aos dias da viagem, em 1839. A maior parte do texto, porém, não é propriamente sobre a viagem: Thoreau desenvolve longas considerações sobre a história natural e social da região, as pessoas que ia encontrando, o cristianismo e a religião em geral, a filosofia, a poesia, a mitologia grega, a amizade, entre outros temas.

Os trechos que selecionei trazem tão-somente as referências explícitas de Thoreau à tradição oriental de pensamento e aos seus contrastes com o pensamento ocidental. O objetivo é dar ao leitor elementos para apreciar o que o ainda jovem pensador norte-americano procurou e encontrou fora das correntes de saber mais acessíveis na sua época e no seu lugar.

As passagens traduzidas correspondem às seguintes páginas do original adotado: 67-70, 111-128; 130-136. O texto integral tem 334 páginas.

2 Pitágoras (580-500 a.C.), filósofo grego.

3 Ver a minha nota 31 ao texto *Caminhando*, da presente edição.

4 Há aqui no original uma ambigüidade intencional: pode-se entender que Thoreau gosta de livros mais do que os seus vizinhos gostam ou então que Thoreau gosta de livros melhores que os de seus vizinhos. Pode-se até ler que Thoreau preferia os livros aos vizinhos...

5 No original consta *Yankees*, apelido genérico dos habitantes do norte dos EUA, especialmente dos da Nova Inglaterra. É geralmente usado em sentido pejorativo, indicando um espírito pragmático, aquisitivo e ganancioso.

6 Tebas foi uma das capitais do antigo Egito, famosa pela sua arquitetura e seus monumentos; ou então uma das principais cidades da Grécia antiga, cujo apogeu se dá no século IV a.C. É mais provável que Thoreau, admirador da Grécia clássica, se referisse à segunda. Dunstable é uma pequena cidade do interior de Massachusetts.

7 Vishnu Sarma foi um sábio brâmane a quem é atribuída a autoria de cinco antigas fábulas hindus que formam uma coletânea intitulada *Pañca-tantra*; essa coletânea tem várias versões mais modernas, inclusive na Europa, a partir do século XII.

8 Alfred Tennyson (1809-1892), poeta inglês.

9 Paul Émile Botta (1802-1870), naturalista, viajante e arqueólogo francês.

10 A região de Bokhara fica na Ásia Central e hoje integra o território da República de Uzbek, da U.R.S.S.

11 Marlborough é uma pequena cidade do interior de Massachusetts.

12 Sócrates (470?-399 a.C.), um dos mais importantes filósofos gregos.

13 Versos de Samuel Daniel (1562-1619), poeta e historiador inglês.

14 Aristóteles (384-322 a.C.), um dos grandes filósofos e cientistas da Grécia antiga.

15 Versos das *Baladas de Robin Hood*.

16 Idem.

17 Nome de uma numerosa tribo de indígenas que habitava uma vasta região no trecho meridional do Rio Ontário, no Canadá.

18 Ver minha nota 3 ao texto *A desobediência civil*, na presente edição.

19 Enéias é personagem de lendas gregas e romanas, filho de Anquises e Afrodite; era príncipe de Tróia e sobrevive à destruição de sua cidade, conduzindo os troianos remanescentes até a Sicília, onde seu povo se estabelece e participa dos primórdios da formação do Império Romano.

20 Versos da *Old Ballad of Lovewell's Fight* (Velha Balada do Combate de Lovewell).

21 Alexandre da Macedônia ou Alexandre, o Grande (356-323 a.C.), rei da Macedônia e talvez o maior comandante militar da antigüidade; construiu em poucos anos um extenso império que ia da Grécia à Índia.

Diógenes de Sínope (412?-323? a.C.), filósofo grego, o mais famoso dos Cínicos e um dos predecessores dos Estóicos.

22 Visconde François-René Chateaubriand (1768-1848), escritor francês, expoente maior do romantismo.

23 Os *wolofs* são um povo islâmico negro da África que nos séculos XIV-XVI formou um império no que hoje corresponde ao interior do Senegal. Vivem hoje no Senegal e, em menor quantidade, na Gâmbia.

24 Ver minha nota 7 do texto *Caminhando*, na presente edição.

25 Krishna é o oitavo e mais importante avatar (ou encarnação) de Vishnu e uma das mais importantes divindades da religião hindu. Há muitas seitas que o cultuam. No livro sagrado *Bhagavad-Gita (A Canção do Senhor)*, ele é o conselheiro espiritual do príncipe guerreiro Arjuna; dialogando com ele, Krishna revela a doutrina do *bhakti*, ou da devoção através do amor. Esse livro contém cerca de 700 poemas em sânscrito divididos em 18 partes e os estudiosos ocidentais o atribuem ao século II a.C. Compõe o Livro VI do grande épico hindu *Mahabharata (A Grande Epopéia da Dinastia Bharata)*.

26 Juntamente com Vishnu e Shiva, Brahma compõe a trindade divina da religião clássica dos hindus. É associado à criação do universo.

27 *Om* é o som místico original produzido pela criação do universo, de acordo com a teologia hindu.

28 Avatar significa uma reencarnação do espírito. Aqui Thoreau sugere que Jesus Cristo foi um inesperado avatar de Brahma.

29 Warren Hastings (1732-1818), político inglês que participou da administração colonial da Índia.

30 *Yogi* indica o seguidor e praticante da Yoga, escola filosófica hindu. Através de 8 estágios de aprendizado espiritual, o *yogi* se aproxima da meta máxima que é uma plena consciência de si mesmo e uma total ruptura com os compromissos mundanos.

Sannyasi, na tradição hindu, é um ascético religioso que renuncia à riqueza material e não tem residência fixa, dedicando-se a viajar e a dar contínuos exemplos de cultivo espiritual e de retidão moral.

31 Não identificado.

32 Thoreau faz citações do mencionado *Bhagavad-Gita*.

33 *Sannkhya-sastra* é um texto que reúne os princípios da filosofia Sānnkhya, uma das vertentes da metafísica hindu.

34 Não identificado.

35 *Mahābhārata* — ver nota 26. Charles Wilkins traduziu a edição do *Bhagavad-Gita* usada por Thoreau.

36 Wolfgang Goethe (1749-1832), escritor alemão, autor de *Fausto*.

37 Zoroastro (630?-553? a.C.) fundou uma antiga religião indiana conhecida como zoroastrismo. Suas idéias anteciparam em muitos pontos o pensamento grego, hebraico e cristão. Seus textos principais se chamam *Gathas* e *Avesta*.

38 Do Oriente vem a luz.

39 *Hitopadesa (Bons conselhos)* é uma versão hindu do século XII do *Pañca-tantra*. Ver a nota 7.

40 Ver a minha nota 7 no texto *Caminhando*, na presente edição.

41 *Sir* William Jones (1746-1794), jurista e intelectual inglês que se notabilizou como estudioso do Oriente. Traduziu textos originais de diversas línguas e povos e escreveu sobre várias civilizações.

Vyasa foi um sábio hindu, provavelmente do século V a.C., a quem se atribui a compilação do *Mahābhārata*. Ver nota 25.

Os *Vedas* são a mais antiga escritura sagrada hindu, datando provavelmente do período 1500-1200 a.C. As quatro partes constituintes da obra são *Rg*, *Yajur*, *Sāma* e *Athawa*.

42 Nestor é um herói lendário da mitologia grega, na qualidade de um ancião conselheiro na guerra de Tróia.

Sybils são as sibilas, personagens da mitologia grega. Primeiramente como entidade singular e mais tarde como personagem plural, trata-se sempre de uma mulher muito velha que baseia suas profecias no conhecimento do passado.

Saturno era um deus romano homenageado como protetor das sementes e das semeaduras.

Bibliografia

I — **Obras de Henry David Thoreau** (edições originais)

A week on the Concord and Merrimack rivers (Boston, 1849)
Walden (Boston, 1854)
Excursions (Boston, 1863)
The Maine Woods (Boston, 1863)
Cape Cod (Boston, 1865)
A Yankee in Canada (Boston, 1866)
Early Spring in Massachusetts (Boston, 1881)
Summer (Boston, 1884)
Winter (Boston, 1888)
Autumn (Boston, 1892)
Miscellanies (Boston, 1894)
Poems of Nature (Boston, 1895)
Journals (Boston, 1906) (parte da primeira edição das *Obras Completas*)
The Correspondence of Henry David Thoreau (New York, 1958)

Nos países de língua inglesa, particularmente nos Estados Unidos da América, a obra de Thoreau vem tendo inúmeras edições cuja listagem seria impossível apresentar aqui. *A week...* e *Walden* são os textos longos mais reeditados. Há ainda uma grande quantidade de coletâneas dando ênfase a um ou outro aspecto de sua produção.

II — **Obras de e sobre Thoreau em português**

Walden e outros textos de Henry David Thoreau. Rio de Janeiro, Editora Revista Branca, 1953. Organização e tradução de E. C. Caldas.
Walden. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1968. Tradução de E. C. Caldas.
Escritos selecionados sobre natureza e liberdade. São Paulo, IBRASA, 1964. Tradução e notas de Aydano Arruda.
A desobediência civil e outros ensaios. São Paulo, Cultrix, 1968. Tradução, prefácio e notas de José Paulo Paes.
O pensamento vivo de Thoreau, de Theodoro Dreiser. São Paulo, Martins, 1943. (Reeditado em 1971.)
Thoreau, o rebelde de Concord, de August Derleth. Rio de Janeiro, FRD, 1964.
A noite que Thoreau passou no cárcere, de Jerome Laurence. Rio de Janeiro, Lidador, 1974.

Até onde pude verificar todas essas edições de e sobre Thoreau em português estão esgotadas. As últimas três são traduções do inglês. O livro de Dreiser é um estudo sobre o pensamento de Thoreau; o de Derleth é uma biografia; o de Laurence é uma peça de teatro.